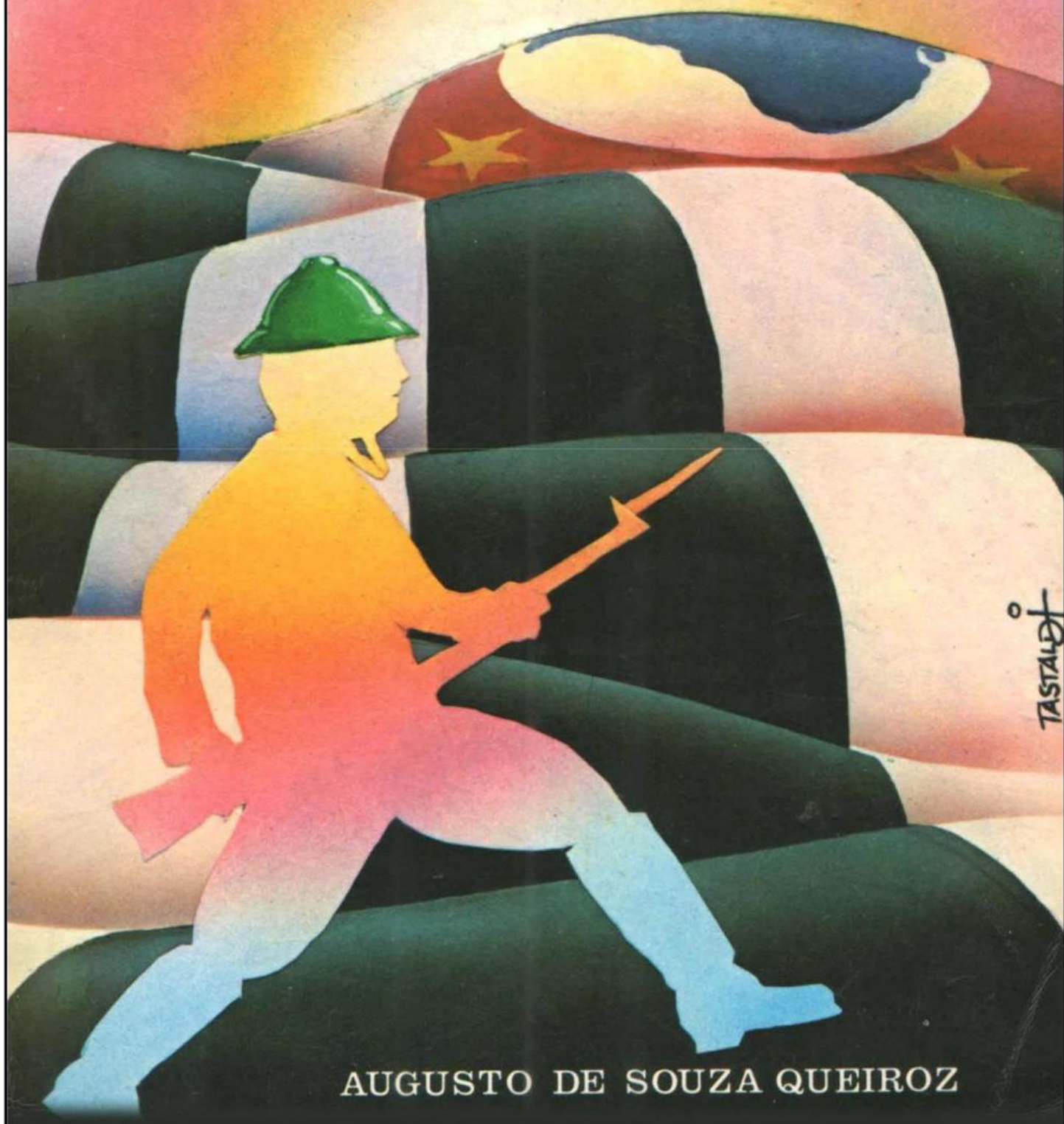


BATALHÃO 14 DE JULHO

Revolução Constitucionalista de 32



AUGUSTO DE SOUZA QUEIROZ

AUGUSTO DE SOUZA QUEIROZ

BATALHÃO 14 DE JULHO

1982 - EDIÇÃO DIGITAL COMEMORATIVA - 2012
dos 80 anos da Revolução Constitucionalista de 1932



Exército Constitucionalista do Setor Sul
Pro Brasilia Fiant Eximia

Em memória dos companheiros de trincheira
que tombaram por São Paulo no campo de honra



Alonso Ferreira de Camargo
Argemiro Alves Silvestre
Ary Carneiro Fernandes
César Penna Ramos
Clineu Braga Magalhães
Hermes de Oliveira César
José Jerônimo Vasconcelos
José Maria de Azevedo
Lauro de Barros Penteado
Octávio Seppi
Paulo Bifano Alves
Rubens Fraga de Toledo Arruda



Histórico do Batalhão 14 de Julho na Revolução de 1932

Nas Arcadas do Largo de São Francisco
9 de Julho de 1932

2º Batalhão de Caçadores Paulistas
14 de Julho de 1932

Defesa de Itararé
15 a 18 de Julho de 1932

Defesa de Itapeva
19 a 21 de Julho de 1932

Combate de Bury
25 a 26 de Julho de 1932

Assalto do Trem Blindado de nº 1
26 de Julho de 1932

Defesa de Guapiara
3 a 12 de Agosto de 1932



Combate do Morro do Alemão
22 a 27 de Agosto de 1932

Assalto do Auto Blindado
22 de Agosto de 1932

Combate de Apiaí Mirim
26 de Agosto de 1932

Combate do Fundão
31 de Agosto a 1º de Setembro de 1932

Combate do Rio das Almas
9 a 11 de Setembro de 1932

Combate do Cerrado
16 a 19 de Setembro de 1932

Combate de Taquaral Abaixo
30 de Setembro a 2 de Outubro de 1932

Sustentae o fogo que a Victória é nossa!

PREFÁCIO

Este livro foi escrito logo após o término da Revolução Constitucionalista e jamais esteve nas cogitações do autor dá-lo à publicidade.

Foi fruto, apenas, da necessidade incontável que sentiu o combatente de 32, recém-vindo das trincheiras, de extravasar por escrito tudo o que viu, sentiu e viveu naqueles dias gloriosos e terríveis, que lhe marcaram a alma indelevelmente.

Agora, porém ao se aproximar o cinquentenário da epopeia paulista, dois imperiosos motivos o levam a publicá-lo.

O primeiro, mas não o principal, é o desejo manifestado por muitos companheiros de campanha de marcar a data que se celebra com mais um testemunho do que foi a atuação daquele Batalhão improvisado e bisonho, integrado quase todo por universitários, mas transformado em tropa indômita pelo só efeito do grande ideal que galvanizou São Paulo.

O segundo, e sem dúvida o mais forte, é a intenção de trazer à lembrança da atual juventude paulista, desiludida e indiferente a quase tudo, que em suas veias corre o ardente e altivo sangue bandeirante, que está apenas adormecida em seu peito a velha fibra da raça que nos seus maiores se manifestou em 32, e fazê-la, enfim, acreditar que onde houver um grande ideal pelo qual se bater, lá os paulistas de ontem, de hoje e de amanhã, sempre saberão dizer: presente!

São Paulo, Janeiro de 1982

Augusto de Souza Queiroz

SÃO PAULO – ITARARÉ

14 de Julho de 1932. Duas e meia da tarde.

Debruçados nas janelas dos vagões, esperamos ansiosamente o momento da partida. Na plataforma, comprimindo-se junto aos carros, gesticulando nervosamente, uma multidão esforça-se por abraçar, uma última vez, os voluntários do primeiro batalhão de universitários que parte para o Sul sob o nome inicial de Batalhão Universitário Paulista, que dois dias depois seria alterado para o de **Batalhão 14 de Julho**.

As frases entrecortadas que se trocam, os olhares que se cruzam, velados de lágrimas, deixam transparecer uma pungente comoção. E contudo, nos lábios de muitas mães que ali estão, brotando da bravura atávica da raça, paira um sorriso indefinível, misto de orgulho e de ansiedade contida, ao ver o filho partir, oferecendo o sangue e a própria vida pela causa sublime da liberdade e da lei.

No íntimo, entretanto, ninguém acredita que partimos mesmo para a guerra. Uns, porque esperam ainda que o Rio Grande do Sul tenha aderido à nossa causa, como até ontem se propalava, outros porque não querem crer que se mande para as trincheiras uma tropa constituída de rapazes da cidade, dispostos e entusiasmados, é verdade, mas sem a mais leve preparação militar.

À última hora, através da estação regorgitante, continuam chegando grupos de parentes e amigos que atravessam correndo a plataforma e procuram afoitamente um rosto conhecido, no meio das centenas de fardas que se debruçam e se agitam ao longo da extensa fila de vagões.

Bruscamente, ressoa o sinal de partida!

E enquanto o trem arranca e uma emoção profunda nos invade, lá fora, abafando os últimos soluços, a banda de música ataca, barulhentemente, o teu cabelo não nega...

Vai ficando para trás a estação, toda coalhada de lenços brancos que acenam para nós, num derradeiro adeus!

Acabamos de transpor as últimas casas da cidade. São Paulo, a nossa querida São Paulo, vai se apagando aos poucos na linha do horizonte.

Ao sumir de todos, ainda sob forte emoção da despedida, olhamos pela primeira vez para o interior do trem.

De ponta a ponta do vagão de segunda classe que ocupamos, tudo nos sugere a guerra. Fuzis, mochilas, cobertores de campanha, atravancam todos os espaços. E nos bancos de madeira, apertados uns contra os outros, há soldados e mais soldados.

Começamos a reconhecer agora muitos desses rostos. Alguns são de amigos que conviveram conosco na cidade, e que nos trazem à lembrança a vida gostosa de estudantes, os passeios, os cinemas, as festas divertidas em que estivemos juntos. Outros que nos eram estranhos até bem poucos dias, são de companheiros que encontramos à porta da Faculdade de Direito, transformada em posto de recrutamento, quando corremos a nos alistar ao primeiro toque de reunir da Revolução Paulista.

Depois, quanta coisa se passou... Com o olhar perdido na paisagem, embalados pelo sacudir monótono do trem, vamos evocando um a um aqueles dias, para nós tão cheios de emoções.

Revemos, em pensamento, o vasto pátio cimentado do Grupo Escolar Campos Salles, onde recebemos as primeiras instruções. E recordamos então a nossa fúria quando nos obrigavam a marchar, durante horas a fio, fazendo direita volver, alto e meia volta, como se nos preparassem para um simples desfile militar...

Em nossa mente, surge depois o quartel do 2º Batalhão da Força Pública. Nunca mais o esqueceremos! Foi nele que recebemos o fardamento, o fuzil e o primeiro rancho de soldados. Relembramos ainda a noite que ali passamos, em colchões cheios de pulgas e de percevejos.

E no dia seguinte, a organização do batalhão em companhias, pelotões e esquadras, a apresentação dos oficiais que nos iriam comandar e a notícia sensacional de que não poderíamos mais deixar o quartel, pois estávamos de prontidão, aguardando para qualquer momento a ordem de embarque.

Revemos a entrega da bandeira, o desfile marcial até a estação, aclamados durante todo o trajeto e, finalmente, a surpresa que tivemos ao chegarmos à estação da Sorocabana, que só nos pode levar para o sul, quando estávamos certos de partir para o já tão falado setor norte.

Eis-nos agora, enfim, transformados em tropa armada e integrados, definitivamente, no Exército Constitucionalista.

E dizer-se que tudo isso se passara em menos de cinco dias!

Mas enquanto cismamos, evocando essas primeiras impressões, o nosso trem prossegue devorando o espaço. Através do vidro das janelas vão surgindo e desaparecendo cidades após cidades.

Cinco horas da tarde. E até agora nem sequer almoçamos.

Talvez por isso mesmo, começa a circular o boato de que desceremos em Sorocaba, onde nos esperam com grande manifestação e, o que é mais importante, com um opíparo jantar.

Ao toque mágico dessa nova, o ambiente se reanima como por milagre. Em toda a extensão do vagão só se ouvem agora anedotas, pilhérias e formidáveis gargalhadas.

— Estamos chegando a Sorocaba!

E o trem entra, bufando, na estação. Ficamos, porém, surpresos ao verificar que na plataforma não há quase ninguém.

— Como é? Descemos ou não descemos?

Minutos depois, com grande decepção para nós, o trem retoma a sua marcha... e adeus jantar.

— Isso também já é abuso! Pensam que a gente é camelo, que só come no fim da viagem?

— Bolas! Será que São Paulo perderia a Revolução se parássemos meia hora em Sorocaba para entrouxarmos qualquer coisa no estômago?

Como resposta, os oficiais nos dizem que vamos desembarcar em Itapetininga e que, então, poderemos comer até arrebentar. Essa notícia nos acalma um pouco, mas não consegue restituir-nos o bom humor.

Continuamos a viagem emburrados, e resmungando contra o estúpido jejum que nos impõem quando estamos passando, a cada instante, por cidades cheias de recursos.

É noite fechada quando entramos em Itapetininga.

A estação regorgita de moças que nos recebem carinhosamente, dizendo coisas gostosas através das janelas dos vagões. Com essa galante recepção Itapetininga conquista, desde o primeiro momento, as simpatias de nosso Batalhão.

Sensibilizados por essa acolhida e cheios de nova animação, atroamos a estação com hurras e pique-piques. E enquanto conversamos com as moças vamos procurando as mochilas, passando ao ombro o fuzil, e ficamos prontos para desembarcar.

— Mas que é isso? Inopinadamente, após um silvo agudo, o trem começa de novo a se mover...

Desapontados, verificamos então que acabávamos de ser logrados, pela segunda vez. E a nossa irritação aumenta quando nos lembramos que continuamos ainda com o café da manhã!

Alguém pensa então em recorrer aos já apelidados papais do Batalhão, os irmãos Bento, Hernani e José Lacerda de Oliveira. E foi graças à sua enérgica e sempre dedicada intervenção que conseguimos enfim, em substituição do almoço e do jantar... um sanduiche de salame e uma caneca de café, obtidos numa cidade qualquer onde paramos sem desembarque.

Atenuada assim a fome, é o cansaço que nos aborrece agora.

Como, porém, repousar? Para dormir sentados, nestes bancos duros, mais vale passar a noite toda conversando. E é o que procuramos fazer.

De madrugada, entretanto, poucos são os que ainda resistem. Há rapazes cochilando em todas as posições. Na maior parte sentados, a cabeça pendida sobre os joelhos ou apoiada no ombro de um vizinho. Outros, que não puderam suportar a posição exaustiva de dormir sentados, acabaram estendendo-se pelo chão sujo do vagão, as pernas e a cabeça metidas sob os bancos. E muitas vezes acordam, praguejando, pisados por algum companheiro que tenta atravessar, aos trambolhões, o nosso pitoresco carro dormitório.

Quando àqueles que não conseguem conciliar o sono, procuram distrair-se ouvindo uma orquestra impagável, formada pelos que dormem roncando, ou fungando como suínos.

Entretanto, a solidariedade, que liga quase sempre os destinos comuns, parece já ter surgido em nosso Batalhão: ali está, por exemplo, um voluntário que acordou em posição extremamente incômoda, mas que não se mexe só para não despertar o vizinho que dormiu-lhe pesadamente sobre o ombro.

E no vagão, ele não é o único que se dedica assim.

O amanhecer vem despertar-nos com o corpo moído e tão cansado que temos a impressão de haver tomado uma valente sova de pau.

Só então somos informados de nosso destino: Itararé! Esse nome lendário revive, dentro de nós, um mundo de recordações.

Caberia-nos, então, a honra de defender o tão falado reduto, de reconstruir, menos de dois anos depois, a famosa barreira do Sul? Parece-nos, contudo, que será muito fácil, pois quase todos nós acreditamos que o Rio Grande do Sul está conosco...

Os voluntários estão impacientes por conhecer a célebre cidade. Mas é somente às nove e meia da manhã de 15 de julho, depois de dezenove horas de viagem ininterrupta, sacudidos e esfomeados que chegamos, enfim, a Itararé!

Custa-nos crer que aquela minúscula cidade, que avistamos do pátio da estação, seja mesmo a famosa Itararé, dos dias históricos de outubro de 1930.

O momento, porém, é impróprio para divagações. A nossa atenção está toda concentrada sobre duas enormes latas de café fumegante, que nos servem ali mesmo à porta da estação. E, talvez por coincidência, todos afirmam que nunca provaram um café tão gostoso... Quanto a dois garotos que apareceram, vendendo tangerinas, nem é bom falar do ataque que sofreram!

Meia hora depois o Batalhão atravessa a cidade em formação de marcha, cruza o Largo da Matriz, e faz alto em frente ao prédio do cinema. Aqui ficaremos acantonados.

ABERTA A FRONTEIRA

O 14 de Julho acaba de se instalar num dos maiores prédios de Itararé. O amplo cine-teatro, transformado agora em quartel, apresenta um aspecto inédito.

No local da plateia, desembaraçado de suas cadeiras, foram estendidos centenas de cobertores que cobrem completamente o piso como imensa colcha multicolor. As frizas e camarotes estão apinhados de voluntários que, ruidosamente, conversam ou jogam baralho. E por toda a parte, alinhados a curtos intervalos, fuzis e mochilas demarcam, no chão assoalhado, a cama de cada voluntário. Quanto ao palco, considerado dormitório de luxo, serve de abrigo aos cabos e sargentos.

Como alojamento de cidade deixa muito a desejar. Não obstante, temos a impressão de que vai ser uma delícia dormir ali, sobre o chão duro e com a mochila por travesseiro, mas tendo ao menos espaço para esticar as pernas. Pudera! Depois da noite que passamos no trem...

Estamos todos ansiosos por visitar a cidade. Mas por ora isso não é tão fácil, já que em cada portão do pátio foi postada uma sentinela, com ordens terminantes de nos impedir a saída para a rua.

Por enquanto, temos de nos contentar em espiar a cidade por cima dos muros que circundam o pátio, de onde fazemos transações com uns garotos que apareceram vendendo, a quatrocentos réis, uns bolinhos de frango (coxinhas de galinha) de que nos lembraríamos com saudade nas trincheiras.

Ao meio-dia, porém, concedem-nos permissão para passear pela cidade e, causando alegria geral, autorização para almoçar onde quisermos.

O 14 de Julho precipita-se para a rua, percorre Itararé em todos os sentidos. O hotel, as padarias, os empórios, são invadidos e nos vendem quase tudo que possuem. Durante uma hora inteira só se pensa em mastigar.

Mais tarde, saciada a fome, alguns voluntários lembram-se de ir ao quartel da cidade, em busca de novidades.

Os soldados que lá encontram, da cavalaria da Força Pública, declaram fazer parte do pequeno contingente que, no momento, defende a fronteira: um batalhão de infantaria e dois esquadrões de cavalaria. Contam que o seu esquadrão está nas trincheiras há vários dias, mas que até agora não disparou um só tiro de fuzil. E isso não obstante o nosso avião vir assinalando, diariamente, concentrações inimigas nas proximidades da fronteira. Os nossos soldados têm, porém, segundo afirmam os oficiais, o Paraná vai aderir...

Curiosos, os nossos voluntários indagam ainda:

— E que faz o inimigo?

— Continua a concentrar-se, tranquilamente, quase sob as vistas de nossos soldados.

Essas notícias nos encham de apreensões. Não podemos compreender porque as tropas paulistas não avançam imediatamente pelo Paraná a dentro, numa demonstração de força que, segundo tudo indica, só poderá precipitar, forçar mesmo a adesão desse Estado, já influenciado pelo exemplo da cavalaria de Castro que, ao romper a Revolução, cruzara a fronteira de nosso Estado para aderir às tropas paulistas.

Mas assim não pensam os nossos chefes.

Instalados comodamente na cidade, sem melhorar as nossas linhas da fronteira, sem reforçar sequer o pequeno contingente que as guarnece, continuam a esperar que o inimigo, que está visivelmente concentrando-se, lhes ofereça em seguida o seu concurso...

E nessa expectativa, o 14 de Julho vai sendo mantido na cidade na mais completa inação.

Assim, pois, os primeiros dias que passamos em Itararé só nos trazem à lembrança inexpressivas recordações: almoços suculentos no hotel da cidade, as primeiras impressões da vida de soldado e o pequenos jardim arborizado, defronte à Matriz, onde passamos tantas horas conversando, escrevendo cartas ou a sonhar com o dia da vitória.

A 16 de julho, dá-se a emocionante preparação espiritual do Batalhão: as confissões em massa, as duzentas e tantas comunhões, a missa campal e o comovente sermão do vigário local, que definiu tão bem e com tanta ênfase os nossos ideais e a justiça de nossa causa, que nos arrebatou a todos arrancando lágrimas até dos oficiais.

E nessa mesma tarde víamos partir para as trincheiras, entre vivas e pique-piques, o 3º pelotão de nossa 3ª Companhia.

Depois, ao amanhecer do dia seguinte, recebemos, vibrando de emoção, a empolgante notícia de que na fronteira está travado o combate. E quase em seguida, no meio do silêncio que acolhe a notícia, começamos a ouvir muito ao longe, abafado pela distância, o pipocar da fuzilaria e alguns estrondos de artilharia.

É o nosso primeiro contato com a guerra! E, na nossa ânsia de vê-la de mais perto, indagamos porque não nos mandam logo todos para a frente, onde sabemos ser considerável a superioridade numérica do inimigo.

Mas os nossos comandantes afirmam, displicentemente, que aquele é um tiroteio sem importância e que bastará o nosso avião para por em debandada os atacantes.

E de fato o nosso único avião começa a voar, insistentemente, despejando bombas sobre os inimigos. Mas nem por isso a fuzilaria diminui.

O dia seguinte, 17 de julho, é um domingo.

São 9 hs., a missa vai em meio e a Igreja está repleta de povo e de voluntários. Subitamente, ouve-se o espoucar de um foguete.

Alguns minutos depois, um estrondo forte repercute no interior da Igreja. Quase em seguida, dois outros grandes estampidos.

Não há dúvida possível. São disparos de artilharia.

Uma mulher cai com um ataque de nervos. Outras põem-se a gritar de pavor. O próprio sacerdote interrompe a missa e todo o mundo se precipita para fora.

Convencido de que se trata de um contra-ataque de nossa artilharia, um grupo de voluntários acolhe, com hurras a São Paulo, os estampidos que agora se sucedem.

Mas, de repente, um dos nossos aponta para o campo de aviação, situado ao lado da cidade, e onde acaba de se levantar densa nuvem de poeira.

— É impossível! Serão então granadas inimigas, caindo quase dentro da cidade?

Era, porém, verdade! Um dos moradores de Itararé, que não passava de um traidor, localizara com um foguete o nosso campo de aviação. E a artilharia inimiga está tentando agora destruir o nosso único aparelho, que tanto a vem molestando.

Pouco depois, cessava o bombardeio: fracassara no seu objetivo.

Conseguiu, entretanto, impressionar-nos, pois pudemos calcular, pelo que vimos, o efeito de uma granada ao explodir numa trincheira...

Na manhã seguinte, 18 de julho, a artilharia inimiga concentra os seus fogos sobre as nossas posições da fronteira.

Os disparos se sucedem, ininterruptamente. E apesar da distância conseguimos ver a fumaça dos schrapnels(2) que arrebetam ao longe. A fuzilaria, cada vez mais cerrada, denota a violência do combate.

Mas enquanto na fronteira o inimigo se atira impetuosamente às nossas linhas, na cidade, a curta distância das trincheiras, 400 rapazes do 14 de Julho são conservados inativos, e os comandantes continuam a afirmar que aquilo não tem importância...

À tarde, vários cavalarianos atravessam a cidade, a todo galope, provavelmente transmitindo ordens urgentes. Um deles chega mesmo a provocar alarme, gritando que o inimigo já vem entrando!

Em dado momento, a artilharia inimiga alonga a alça e as granadas começam a cair a menos de quinhentos metros do centro da cidade, onde nos encontramos.

É só então que os nossos chefes resolvem mandar para a frente, não ainda todo o nosso Batalhão, mas somente o remanescente da 3ª Companhia e o 2º Pelotão da 2ª Companhia.

Tarde demais!

Nas trincheiras os soldados da Força Pública, atacados por um inimigo muito superior em número, bombardeados violentamente pela artilharia e abandonados por vários de seus chefes, que desertam os seus postos,

sentem-se desmoralizados e incapazes de resistir ao ataque. Apesar das posições magníficas que ocupam, onde um homem bastaria para deter a vitória, haviam deixado a infantaria inimiga progredir até às proximidades das trincheiras.

E contudo, tinham visto distintamente os chapelões de aba larga dos soldados da brigada gaúcha que avançavam, procurando envolver as posições paulistas. A princípio nem sequer tinham atirado sobre eles porque um oficial, pouco antes de abandoná-los, afirmara que aquelas eram tropas nossas, regressando de um reconhecimento. Era a traição, torpe e covarde, que começava já a sua obra nefasta!

Somente quando o inimigo, já muito próximo, desencadeia violentíssimo ataque, compreendem os nossos soldados que haviam sido traídos por alguns de seus oficiais. Mas sentindo-se abandonados, sem ninguém que os oriente e comande, oferecem uma fraca resistência e começam logo a recuar...

Entretanto, junto a esses soldados estão vários rapazes de nossa 3ª Companhia.

Assombrados com o que se passa, esses voluntários tentam prolongar a resistência. Mas ao se verem pouco a pouco isolados nas trincheiras e sentindo o perigo iminente de envolvimento, começam por sua vez a retirar-se.

Fazem-no, porém, com ordem e sem a menor sombra de pânico, depois de recolher o material abandonado por soldados das tropas regulares em sua precipitada retirada. Entre outros, Paulo Augusto Amaral, o caçula de nosso Batalhão alistara-se com apenas 15 anos consegue salvar-se trazendo, além de seu fuzil, um pesado F.M. que ficara esquecido nas trincheiras.

Quanto ao reforço enviado tardiamente pelo comando de nosso Batalhão, constituído dos 1º e 2º Pelotões da 3ª Companhia e do 2º Pelotão da 2ª Companhia, nem sequer consegue atingir as trincheiras que, a esse tempo, já estavam sendo evacuadas pelos nossos. Assiste, porém, ao espetáculo pungente da derrota, tendo cruzado em caminho com elementos da Força Pública, que se retiram em desordem, abatidos e sem comandantes. E muitos desses soldados de tropas regulares, num gesto impressionante de desânimo, oferecem espontaneamente aos voluntários toda a munição de que ainda dispõem e da qual não pensam mais utilizar-se...

Mesmo assim, os nossos rapazes se estendem em linha à margem da estrada de rodagem e abrem imediatamente o fogo. Atiram, durante muito tempo, esforçando-se por retardar o avanço do inimigo. Batem-se bravamente, embaraçando a progressão adversa, e retirando-se somente quando se torna impraticável resistir por mais tempo, em campo aberto como combatiam.

Seria esta tropa do 14 de Julho, integrada por rapazes das 2ª e 3ª Companhias, a última a deixar Itararé, depois de assistir à ocupação, pelo inimigo, das primeiras ruas da cidade.

E assim cairia, quase sem combate, minado de traições, sacrificado pela indecisão ou tibieza de seus chefes, o privilegiado reduto paulista, o famoso, o lendário Itararé.

Estava aberta a nossa fronteira do Sul!

RETIRADA ESTRATÉGICA

Formado em frente à estação de Itararé, sem compreender ainda o que se passa, quase todo o 14 de Julho aguarda a ordem de embarcar. Enervados por essa expectativa não podemos desviar os olhos do trem que ali está, voltado para a reguarda, a fornalha acesa e pronto para partir.

O estrondo dos schrapnels continua, e se aproxima de momento a momento. Mas já não se ouve o estrépido da fuzilaria.

Bruscamente, de uma das ruas desertas da cidade, desembocam diversos caminhões. Vêm atulhados de soldados da Força Pública.

Chegam. Saltam em terra. E sem perder um minuto, invadem e ocupam todos os vagões. Não deixaram nada. Levam até os fogões de campanha e todo o material acessório. Mas no trem, já não há lugar para o 14 de Julho...

Isso, porém, não deve ter importância para o comando, pois, apenas instalada a tropa da Força Pública, o trem arranca abandonando-nos ali, sem qualquer condução.

Além da cidade, não distante das trincheiras abandonadas, combatem ainda os rapazes de nossa 3ª Companhia. Mas essa derradeira resistência não é bastante para deter a progressão do inimigo, que poderá irromper a qualquer momento na cidade. E o lugar em que estamos, completamente desabrigado, é imprestável para qualquer resistência.

As nossas duas metralhadoras estão montadas, prontas para funcionar. Os voluntários já estão se abrigando por detrás de pedaços de trilhos que se encontram amontoados ao lado da estação, única proteção de que ali dispomos. E a expectativa se prolonga, enervantemente.

Por fim, recebemos ordem para formar no leito da estrada. Minutos depois, o Batalhão começa a deslocar-se a pé, ao longo da via férrea.

Principiava para nós, dolorosa e humilhante, a retirada.

Corta-nos o coração a vista da cidade que deixamos, e o aspecto triste daqueles morros, em que pusemos tantas esperanças e que vão ficando para trás, à mercê do inimigo.

Itararé caiu! Caiu traída, abandonada! E dizer que nós estávamos ali perto, e não atiramos, e não lutamos, e nem sabíamos o que se passava! Sentimos o coração apertado, confrangido de tristeza. Muitos rapazes choram.

Daríamos a vida para ter estado com o 3º Pelotão de nossa 3ª Companhia, que pôde ao menos queimar alguns cartuchos, abater alguns inimigos, antes de empreender a humilhante retirada.

— Mas por que nos enganaram até o fim?

— Por que nos deixaram na cidade quando ia aceso ao combate e havia necessidade urgente de reforços?

— Por que oficiais abandonaram as trincheiras, na hora do ataque, e mentiram a seus soldados?

Alguém murmura, entre dentes, a resposta!

— Traição! Itararé não foi vencida, foi entregue!

Compreendemos agora! E isso faz desaparecer a tristeza que sentíamos, submergida por um sentimento mais forte.

É o ódio que nos domina agora. Ódio contra certos chefes, que forma traidores ou ineptos. Ódio contra os soldados das forças regulares que fraquejaram na hora do perigo, e que se retiram agora de trem, com cavalos e cosinha, enquanto o 14 de Julho, tropa de voluntários, se retira a pé, cobrindo-lhes a retirada.

Torturados por esse sentimento, os voluntários caminham em silêncio, o olhar fixo, o moral abatido. Vão em grupos, andando sobre os dormentes ou tropeçando no chão estreito e pedregoso que margeia a estrada.

Sob um sol causticante, oprimidos pela pesada carga que levam, a retirada se torna bastante penosa. Sobretudo para alguns rapazes da 3ª Companhia, os do 3º Pelotão, que depois do combate vieram a nosso encontro e que estão há trinta horas sem comer.

Ao entardecer desse 18 de julho, após exaustiva caminhada, chegamos enfim a Ibity, primeira estação paulista depois de Itararé.

E enquanto a Força Pública prossegue a retirada, sempre de trem, uma parte do 14 de Julho recebe a missão de suportar o choque do inimigo, caso o seu avanço se estenda rapidamente até Ibity.

Essa parte do Batalhão ocupa agora um extenso e profundo valo, situado nas proximidades da estação ferroviária.

Anoitecera. Mas bem à nossa frente o céu está iluminado por um vivíssimo clarão: lavra um incêndio no mato, formando entre nós e o inimigo uma verdadeira cortina de enormes labaredas. É o fogo ateado por nossos próprios soldados, com o fito de encobrir a retirada.

Durante muito tempo esperamos assim, debruçados no bordo do valo e sobressaltados a cada instante por inimigos imaginários que parecem surgir, como bandos de fantasmas, por entre o fogo da queimada.

Um último trem, que se acha estacionado na estação de Ibity, começa agora a bufar, dando sinais evidentes de partida.

— Será que, pela segunda vez, teremos de nos retirar a pé?

Felizmente, lembram-se de nós. Como, porém, já não há lugares nos carros de passageiros, ocupados por outras tropas, mandam-nos entrar para um vagão de carga.

Mas quando alguns rapazes fazem menção de sentar-se, o Major José Garcia, nosso novo comandante, grita indignado:

— De pé! É preciso que entrem todos neste carro!

E vai socando gente e mais gente no vagão, até entrar o último voluntário. Finalmente quando, amontoados como gado, mal podemos nos mexer, a locomotiva apita e parte ruma à retaguarda...

E de trem, a retirada prossegue pela noite a dentro.

Retirada humilhante, vergonhosa!

Deixamos intacto, nas mãos do inimigo, tudo que poderá facilitar-lhe o avanço. Nenhuma tentativa de resistência, nem um só gesto para embaraçar a progressão das tropas da ditadura. Não houve uma ponte destruída, nem um só trilho arrancado!

Os nossos chefes parecem obcecados por uma única preocupação: recuar fugir, como que tomados de pavor ante a simples sombra do inimigo.

Meia hora depois, o cansaço nos abate a todos.

Por incrível que pareça, estamos agora sentados ou deitados num espaço em que mal cabíamos de pé.

Mas cada um de nós está pisado, espremido contra o chão infecto do vagão de carga. Os que estão deitados sentem no rosto e nas mãos o contacto daquele chão gorduroso, repugnante. Quanto a nossos corpos, estão tão torcidos e entrelaçados que seria impossível qualquer de nós se levantar sem desalojar dois ou três vizinhos. Cada voluntário tem no mínimo uma cabeça estranha apoiada sobre o peito, e as pernas ou os braços suportando o peso de vários companheiros.

Mas poucos de nós se apercebem dessa miserável condição, absorvidos, como estamos, pelo intenso desespero que nos causa essa retirada sem luta.

Amanhecia o dia 19 de julho quando o nosso trem se detém na estação de Faxina, onde imediatamente desembarcamos.

Ao invés, porém, de irmos formar as novas linhas de defesa, de organizarmos, enfim, a resistência, recebemos ordem de marchar para a cidade onde, por cúmulo da ironia, entramos debaixo de estrondosa manifestação da população local.

Ao chegarmos à Escola Normal, o Prefeito, julgando por certo que estávamos chegando de São Paulo, nos acolhe com um entusiástico discurso. Mas as suas palavras de fé e de confiança na mocidade paulista nos ferem como punhaladas!

Mais tarde um grupo de moças, das melhores famílias da cidade, nos serve, feito por elas mesmas, um verdadeiro banquete em que havia mais de

vinte iguarias diferentes. Oferecem-nos depois cigarros e charutos, e levam a gentileza a ponto de acendê-los para nós.

Boa gente a de Faxina! Conquistou logo a nossa simpatia. Entretanto, no meio de tanta alegria, não sabemos que cara havemos de fazer.

Não devíamos aceitar, assim calados, toda essa expansão de entusiasmo e de carinho com que nos cercam as moças de Faxina. É um dever de lealdade confessar-lhes a triste verdade, dizer que ali chegamos fugindo... e que Itararé caiu.

Mas onde buscar coragem para matar, em lábios tão gentis, esse sorriso cheio de bondade e de confiança em nós? Falamos da nossa causa, falamos de vitória próxima recalçando, no fundo de nós mesmos, toda a amargura que sentimos.

À tarde, enquanto um pelotão da 3ª Companhia toma posição ao lado da estação ferroviária, um outro grupo, constituído por rapazes da 2ª Companhia parte, em caminhões, a fim de guarnecer a estrada que conduz à cidade de Ribeira.

Essa noite e todo dia seguinte, 20 de julho, transcorrem sem novidades, com alguns pelotões guarnecendo a estrada, a estação e outros pontos-chave da cidade.

Ao anoitecer entretanto, o grosso do Batalhão, que permanecera na cidade, é alojado no prédio do cinema. É aí que teremos de dormir, ou melhor, é aí que passaremos a noite.

Apesar do frio e da umidade penetrante que filtra o solo cimentado, os oficiais não permitem que desenrolemos os cobertores, pois estamos sob prontidão. E como se não bastasse, obrigam-nos a deitar como todo o equipamento, isto é, de cinturão, sabre e cartucheiras!

É, pois, bem natural que poucos consigo dormir.

A maioria varou a noite fumando, ou caminhando de um lado para outro a fim de afugentar o frio.

No centro do salão vê-se um grupo curioso, formado por cinco voluntários sentados em círculo. Recostados nas cadeiras, pernas cruzadas, três deles com cigarros apagados entre os dedos, parecem ouvir atentamente a um outro companheiro, que se debruça de uma frisa próxima. Mas dormem todos, a sono solto!

Como complemento dessa noite infame recebemos, ao amanhecer do dia seguinte, 21 de julho, ordens de seguir para a primeira linha de defesa.

Foi um momento de grande emoção a nova distribuição geral de munição de guerra: 40 cartuchos para cada homem.

Distribuída a munição, partimos imediatamente.

Por duas vezes fazer nos subir e descer escarpados morros antes de ser escolhida uma posição definitiva.

Que duras ascensões! O calor sufoca, as correias da mochila nos sulcam profundamente os ombros. E sem descanso subimos, descemos, subimos de novo. Alguns rapazes estão com o rosto tão afogueado que parecem prestes a cair de insolação.

Começava já a escurecer, quando atingimos a última posição escolhida. Estamos exaustos de suor. Mas é preciso ainda cavar, preparar uns rudimentos de trincheira para que o inimigo não nos possa apanhar a descoberto. Ao chegar enfim a boia, transportada em latas de querosene, estamos tão cansados que nem fome sentimos. Dormir, é só o que queremos.

Com a noite, descera sobre o morro um frio agudo, cortante. Mortos de sono, agrupamo-nos então sobre lonas de barraca, aos três e quatro, para aproveitar melhor os cobertores.

E, enquanto dormimos, duas sentinelas vigiam, constantemente, a frente e os arredores.

Acabava justamente de ser rendida a terceira guarda quando um grito nos desperta, em sobressalto:

— Aprontar depressa, pessoal! Ordem de retirar!

Ainda estremunhados, apanhamos as lonas e os cobertores e iniciamos a descida do morro, tropeçando e caindo na escuridão.

A meio caminho topamos com um tenente, que vem correndo a nosso encontro:

— Todas as tropas já estão embarcadas! Vamos, desçam depressa!

Quando chegamos à estação, o último trem estava prestes a partir. Os canhões, as metralhadoras, a Força Pública, tudo já estava embarcado. Mais alguns minutos e teríamos ficado esquecidos em Faxina.

Entramos rapidamente nos vagões, ainda aturdidos e sem atinar com a razão de tão inesperada contra-ordem.

Mas quando o trem começa a se mover e toma a direção da retaguarda compreendemos, de chofre, a dura realidade: é a retirada sem luta que prossegue!

Há duas horas que estamos viajando.

Entretanto, o cansaço, o esgotamento em que estamos, nos preocupam menos do que a certeza terrível de que continuamos recuando, recuando indefinidamente.

Acabávamos de abandonar Faxina sem dar um tiro, sem ter sequer inimigo à vista. Com canhões, com metralhadoras, com dois batalhões inteiros de reforço o Borba Gato e o Corpo de Bombeiros fugimos vergonhosamente!

E agora o trem nos leva, ou melhor, nos arrasta para a retaguarda. Cada momento que passa são quilômetros e quilômetros que entregamos, sem luta, à ditadura. Como na retirada de Itararé e contra a mais rudimentar tática de guerra, os nossos chefes deixam intactos, nas mãos do inimigo, todos os meios capazes de proporcionar-lhe uma fulminante progressão: pontes, estradas de ferro, e até auto-transportes!

Passamos Buri, Aracassú, Lygiana, e a retirada prossegue, vertinosa...

Estamos desesperados, e interpelamos asperamente os oficiais. Alguns rapazes mais exaltados lançam contra eles, em altos brados, insultos e ameaças.

É quando, para justificar-se, os comandantes inventam e anunciam, aos quatro ventos, uma balela em que quase acreditamos:

— O nosso recuo faz parte de um plano estratégico de grande envergadura, que cobrirá de louros as nossas armas. Recuando, pretendemos apenas atrair o inimigo, fazendo-o crer que as tropas paulistas fogem em debandada. E neste mesmo momento, em que o adversário se atira temerariamente em nosso encalço, duas fortíssimas colunas que partiram flanqueando a estrada, estão prestes a cortar-lhe a retaguarda isolando e capturando assim, graças a esse plano, todas as tropas que se tiverem aventurado em nossa perseguição.

Tudo se resumiria, portanto, numa retirada estratégica...

PARA A FRENTE

Dia claro, o nosso trem para, afinal, em Itapetininga. Tínhamos recuado 140 quilômetros!

E ao longo desse enorme trecho abandonado, nem um só trilho arrancado, nem uma ponte dinamitada. Nada! Caso o inimigo tivesse vindo em nossa perseguição poderia ter chegado a Itapetininga de trem e sem disparar um só tiro de fuzil...

Era de endoidecer!

Mas na nossa imensa ingenuidade, alimentávamos ainda uma esperança: quem sabe se seria mesmo um recuo estratégico?

E agora, ao desembarcarmos, eis que se desfaz também essa esperança...

A retirada estratégica não passara de uma farsa! As fortíssimas colunas que estariam prestes a cortar a retaguarda inimiga nunca tinham partido, nem sequer existiam! O que houve foi apenas uma fuga desenfreada, injustificável, determinada pelo pânico que alucinara subitamente os comandantes, à simples aproximação de patrulhas inimigas...

Pobres chefes os nossos! Incapazes de conceber a resistência, recuando sempre ante a perspectiva de combate, ter-nos-iam certamente levado talvez até São Paulo se não esbarrassem, em Itapetininga, com o pulso de ferro do Coronel Brazílio Taborda. Era esse o nome do valoroso oficial que São Paulo nos enviara, em tão rude transe, para assumir a direção suprema do setor.

Medida acertada, medida salvadora! Graças `a energia inquebrantável, à tenacidade, à dedicação sem limites desse chefe, iria iniciar-se no sul uma nova era para as nossas armas.

De um relance, compreende o Cel. Taborda a gravidade extrema do momento. Mas não se atemoriza, não se desorienta. Segundado por um admirável Estado Maior e com uma precisão que o honra, traça rapidamente um plano capaz de neutralizar o fulminante avanço do inimigo.

Surgira, enfim, o chefe! O Exército do Sul não era mais um corpo sem cabeça...

Em menos de três dias 22, 23 e 24 de julho consegue o Cel. Taborda reorganizar as tropas que haviam chegado de Faxina, ao amanhecer do dia 22, abatidas e extremamente abaladas pelas sucessivas retiradas.

Sob o influxo de sua vontade forte, disciplinadora, um novo sangue nos percorre as veias, uma nova esperança nos anima. Renasce o entusiasmo, e com ele a sede de revanche.

Ultimado estava também o plano do Cel. Taborda para deter o avanço do inimigo.

25 de julho. Itapetininga apresenta o aspecto de uma autêntica praça de guerra. Escolas e edifícios públicos, transformados em quartéis, despejam para a rua uma multidão de fardas e armamentos de toda espécie. Estrépito de caminhões, hurras de soldados, vivas da população.

E um grito cortante reboando pelos ares:

— Para a frente, paulistas!

Rumo ao inimigo, lá vão de novo as nossas tropas...

Mas desta vez não seria para fugir à luta! Sob a direção de novos chefes o soldado paulista iria revelar-se, no sul, o mesmo titã que se tem mostrado no norte. A sua tenacidade, o seu espírito de sacrifício, atingiriam muitas vezes às raias da temeridade. Mas havia chefes, e isso nos bastava. A fome, a formidável superioridade numérica do inimigo, os vinte e tantos canhões que em breve iriam concentrar seu fogo contra as trincheiras do 14 de Julho, serviriam apenas para demonstrar que a velha fibra da raça era a mesma, sempre a mesma nos paulistas!

Itapetininga ficara quase deserta.

Mas pelas estradas que partem da cidade, um formigueiro de tropas, de trens, de caminhões, desloca-se rapidamente, rumando ao encontro do inimigo!

Estava iniciada a grande manobra idealizada pelo Cel. Taborda.

Sobre o eixo da estrada de ferro, em direção a Buri, para onde seguira o grosso das tropas do Exército do Sul e oito peças de artilharia, estão sendo enviados, a toda a pressa, os reforços que chegam de São Paulo.

É que Buri fora escolhida pelo alto comando para constituir, no sul, o grande reduto da resistência paulista.

Ao mesmo tempo, pela estrada de rodagem, avança o Ten. Cel. Moraes Pinto à testa de uma coluna de 1.500 homens, com várias peças de artilharia. Leva a importantíssima missão de contornar a estrada de ferro por Capão Bonito, Guapiara e Ribeirão Branco, a fim de atacar de surpresa a retaguarda inimiga, em Faxina e Rondinha (6).

Com essa última manobra, visa o Cel. Taborda cortar a retirada das forças adversas que tiverem avançado na direção de Buri, ou provocar o seu imediato retraimento.

Entretanto, no meio do grande embate que se esboça, caberia ainda à 3ª Companhia do 14 de Julho o maior quinhão de riscos e de sacrifícios.

Enquanto o grosso de nosso Batalhão segue para Capão Bonito, onde ficará como simples reserva, a 3ª Companhia, incorporada ao destacamento de Buri, parte para essa cidade onde deverá cooperar na resistência ao esperado ataque inimigo.

Buri significava novos chefes, nova orientação, novos destinos para as nossas armas.

Significava também, para o inimigo, o final de seus triunfos fáceis, em que as tropas paulistas, coagidas a obedecer aos comandantes, abandonavam as posições que ocupavam e recuavam à sua simples aproximação.

No peito de cada soldado, insuflando-lhe entusiasmo e coragem, vibra agora um ardente desejo: vingar Itararé!

O DESASTRE DE BURI

Há dois dias que estamos em Capão Bonito, acantonados na escola local.

Vida monótona e estúpida. Passamos o dia a chupar laranjas, —desapertadas dos quintais vizinhos, ou a discutir apaixonadamente os boatos disparatados que circulam.

Apenas, de quando em vez, um toque de reunir, corre-corre de oficiais e temos a impressão de que vamos partir. Depois, invariavelmente, uma contra-ordem, a tropa se dispersa, e tudo volta à calma anterior.

Já ninguém se espanta com esse falsos alarmes.

Hoje, porém, desde muito cedo, os rapazes estão inquietos, num nervosismo desusado. Grupos esparsos conversam em voz baixa, a fisionomia preocupada.

É que acabamos de saber, sempre através de boatos, que desde o dia 26 está travado o combate em Buri.

— E a nossa 3ª Companhia que lá está!

Quase todos temos nela um parente, ou pelo menos alguns amigos. Por isso mendigamos uma informação e devoramos os boatos que continuam chegando, irritantemente vagos e imprecisos.

Poucos sabemos ainda quando avistamos ao longe, na estrada Buri-Capão Bonito, um automóvel que se aproxima a grande velocidade.

Minutos após, penetrando no pátio do quartel, os seus ocupantes lançavam, abruptamente, esta estuporante notícia: a queda de Buri!

Informam depois, atendendo a uma chuva de perguntas, que os rapazes do 14 de Julho vêm aí pela estrada, a pé e quase mortos de cansaço. Em Buri, tiveram eles um ferido.

Essas notícias nos causam o efeito de uma bomba. E estamos ainda perplexos, atordoados pela surpresa, quando alguém se lembra:

— Mas é preciso mandar os caminhões buscar a nossa gente!

E estes partem, efetivamente, para voltar após algum tempo conduzindo uma parte dos rapazes da 3ª Companhia. Os demais regressariam depois de percorrer, inteiramente a pé, os 36 quilômetros da estrada de rodagem Buri-Capão Bonito.

Pobres companheiros! Os olhos muitos abertos e parados e a palidez mortal que lhes cobre o rosto bem denotam as agruras por que passaram. Estão sujos e rasgados. Alguns sem perneiras, quase todos sem mochila.

Entretanto, sem contemplação pelo seu extremo abatimento, são logo cercados, crivados de perguntas. Mas não estão ainda em condições de responder... A fome, o cansaço, a impressão ainda viva do duríssimo combate que travaram, só lhes permite articular algumas respostas curtas, que exasperam a nossa curiosidade.

Comem, descansam um pouco.

Depois, formamos círculos em torno dos irmãos José e Adolpho de Mello Junior, do João Guzzo Filho, do José de Paula Machado e dos outros, enquanto examinamos, quase com veneração, esses companheiros que estiveram em Buri, que viram o fogo de perto, que já entraram num combate de verdade!

E começa, então, a narrativa impressionante do desastre.

A progressão do inimigo fora ainda mais rápida do que esperava o comando.

Mal se distribuem as nossas tropas pelas posições que defendem Buri, mal se estendem em linha ao longo da estrada de ferro, e eis que se desencadeia a ofensiva inimiga.

Nem tempo para fazer trincheiras! Das tropas que ali já estão, compreendendo elementos da Força Pública, dois batalhões de voluntários, o Marcílio Franco e o Floriano Peixoto, um esquadrão de cavalaria, uma bateria de artilharia e uma companhia do Corpo de Bombeiros, apenas a Força Pública dispõe de trincheiras adequadas.

Seria, pois, em campo aberto ou por detrás de minúsculos abrigos, cavados a sabre, que a maior parte dos soldados paulistas, a que fora

confiada a defesa de Buri, iria se empenhar num dos mais sangrentos combates da campanha.

O ataque inimigo é de uma violência incrível.

A sua infantaria, constituída em grande parte por elementos da brigada gaúcha, cujo ânimo combativo se acha exacerbado pelos sucessos fáceis de Itararé e de Faxina, investe com um arrojo inaudito.

De seus abrigos improvisados os nossos soldados vêem surgir do mato em frente incontáveis pelotões de gaúchos que se precipitam correndo, a peito descoberto. A sua temeridade assombra.

E por cúmulo do absurdo, fora colocado na primeira linha paulista, incumbido da defesa de um setor não muito distante da estação ferroviária, o batalhão de voluntários Floriano Peixoto cujos rapazes, muito jovens em grande maioria, empunham um fuzil pela primeira vez.

Pouco depois de tomarem posição e sem tempo para abrir trincheiras, são atacados pelo inimigo. Por detrás de um palmo de terra acumulado a custo com o sabre ou procurando abrigo nas ondulações naturais do terreno, esse Batalhão tenta, contudo resistir.

Duas metralhadoras, instaladas um pouco à retaguarda e manejadas por soldados mais experientes, abatem muitos dos atacantes. E passada a primeira impressão, que levou uma companhia inteira a debandar, o resto do Batalhão, secundando as metralhadoras, rompe por sua vez intensa fuzilaria.

Mas o ataque prossegue, encarniçado e feroz. Esgueirando-se por detrás de cupins, rastejando como cobras através do capinzal, os gaúchos progridem, de instante a instante, sob o fogo descontrolado e frenético dos voluntários paulistas.

Desde madrugada que a luta vai acesa.

E ao meio-dia o inimigo já está tão próximo, que os rapazes começam a ouvir os gritos de comando de seus chefes e a ver, a poucos metros, o luzir das baionetas...

Impotentes para conter os atacantes, e sentindo a iminência da luta corpo a corpo, os voluntários titubeiam e começam então a recuar.

É quando dá-se um fato estranho e incompreensível. Quando os rapazes começam a abandonas os seus improvisados abrigos um contingente de tropas regulares, colocado inexplicavelmente em segunda linha, abre um fogo desordenado e tão mal dirigido que atinge muitos dos voluntários que tentavam deixar suas posições.

Pobres rapazes! Segundo o testemunho de seus companheiros, diversos foram os que morreram assim, atingidos pelas costas.

Os voluntários desse Batalhão, colocados agora sob dois fogos, ficam numa situação terrível. Deitados de bruços, para escapar às balas rasantes vindas da retaguarda e de armas paulistas, continuam a atirar, num gesto mecânico, com a revolta e o desespero a tumultuar no peito.

Foram muitos os que morreram! Dos outros, quase todos caem prisioneiros...

Mas o combate prossegue, rudemente, em toda a frente.

A esse tempo a 3ª Companhia do 14 de Julho, que já mudara várias vezes de posição, recebe ordens de se entrincheirar ao lado do cemitério, situado fora da cidade, numa elevação do terreno.

Conduzidos por um bravo oficial, o Tem. Saturnino Dias, os rapazes partem rumo à posição visada.

Ao iniciarem a subida, num trecho descampado do morro, são subitamente colhidos por violenta fuzilaria. É o inimigo que se infiltrara através das primeiras linhas de defesa, e que tenta agora impedir a aproximação de reforços.

Os rapazes atiram-se de bruços: por sobre suas cabeças zunem centenas de projéteis. O tempo vai passando, e os voluntários continuam imóveis. Ninguém mais ousa avançar...

É quando a voz quente do Tenente Saturnino se faz ouvir, dominando o matraquear das armas:

— Para frente, rapaziada! É por São Paulo!

Esse grita eletriza. Levantando-se de um salto os voluntários atiram-se para a frente, avançam através de um chuva de balas e sobem, de um arranco, o íngreme morro do cemitério.

Chegam esbaforidos e emocionados pelo perigo que correram.

Mas sem perder tempo, abrigando-se por detrás de uns rudimentos de trincheira que encontram lá no alto, mergulham por sua vez no turbilhão do combate.

Já então a confusão é enorme.

Rompidas as linhas do Floriano Peixoto, aberta outra brecha pela deserção do Capitão Aranha, que abandonou sua posição com toda a Companhia que comandava(7), o inimigo se infiltra agora em vários pontos e ataca por toda a parte. O Batalhão Marcilio Franco, que se bate heroicamente em campo aberto, tem dezenas de mortos e feridos.

É nessa situação periclitante, quando o desânimo começa a invadir as nossas tropas, que desemboca, numa curva da estrada, o trem blindado de que dispunha o comando paulista, notável improvisação de nossa indústria de guerra. Mas os seus anteparos de aço, as metralhadoras que oculta no bojo, vêm disfarçados sob as paredes singelas de simples vagões de carga...

Compunham a sua guarnição, entre outros, seis rapazes do 14 de Julho: Fernando Penteado Medici, Atugasmim Medici Filho, Thomaz Nunes da Fonseca, João Junqueira Franco, Serafim Leoni e Aureliano Nascimento.

Avança, destemeroso e sereno. Passa as nossas linhas, passa as últimas trincheiras, e se detém à altura das posições gaúchas.

O inimigo, julgando então tratar-se de um trem de mantimentos ou de munições, que por equívoco tivesse ultrapassado as linhas paulistas, precipita-se, correndo, para saqueá-lo.

Com calma imperturbável o 1º Tenente Afonso Negrão, valoroso chefe do blindado, deixa que o inimigo se aproxime até bem perto.

E agora, que de toda parte surgem magotes de gaúchos, tranquilamente ordena:

— Metralhadoras, fogo!

Num matraquear infernal vibram a um só tempo as poderosas armas do blindado... Em contorções de dor, ceifados como galhos, rolam corpos pelo chão. E urros medonhos, e gritos lancinantes dominam, por um instante, o estrépito das armas.

Mas cegos pelo ódio, outros gaúchos se precipitam agora sobre o comboio fatídico. Avançam como loucos, alucinados pelo desejo de vingança. Antes, porém, que o atinjam tombam também fulminados, alcançados em cheio pela chuva de aço que jorra do blindado.

E a chacina prossegue assim por muito tempo, bárbara, implacável.

Nem se diga que foi covarde o ataque do blindado, dada a sua aparente invulnerabilidade à infantaria inimiga. A sua guarnição, em que havia vários rapazes do 14 de Julho, era composta de bravos. E como bravos se portaram nesse dia.

Avançam muito além de nossas linhas, arriscando-se a terem a retirada cortada pela destruição dos trilhos. E mesmo ao verificarem a insuficiência da blindagem, que foi transpassada em dezesseis pontos por projéteis inimigos, prosseguem, até o fim, em sua cruenta missão(8).

A façanha do blindado bem reanimar as nossas tropas.

E embora acuados por um inimigo aguerrido e numeroso os nossos soldados continuam a defender, com soberba tenacidade, as derradeiras posições que ocupam.

Algumas tropas, exaustas, estão há 30 horas sem comer. Outras, como a do 14 de Julho, sufocadas pelo calor, clamam por um pouco d'água. Mas isso não impede que das posições paulistas continue a crepitar incessante e mortífera fuzilaria.

Ao escurecer, o inimigo, que se infiltrara de novo quase até à estação de Buri é repellido, uma segunda vez, por outra enérgica ofensiva do blindado.

À noite, porém, acentua-se tanto o avanço do inimigo, que as nossas tropas já começam a correr grave perigo de envolvimento. Tudo fora baldado...

De nada valera a sublime dedicação do Batalhão Marcílio Franco que já tendo perdido metade do seu efetivo, continua a bater-se tenazmente contra uma chusma crescente de atacantes!

Na estação, o Cel. Taborda, que dirige pessoalmente a operação, reconheceu a inutilidade de prolongar por mais tempo a resistência e acaba de determinar o retraimento progressivo das tropas.

Buri está prestes a cair! Mas cairia com honra, bravamente, depois de prolongada e soberba resistência.

Nem o número esmagador dos atacantes, nem mesmo o apunhalar covarde de algumas traições haviam logrado abater o ânimo de nosso reduzidíssimo efetivo que só recua, enfim, cumprindo ordens, para não cair todo prisioneiro.

Um pugilo de bravos, entretanto, não se conformara ainda com a derrota. E enquanto as composições cheias de tropas deixam umas após outras a estação eles prosseguem, sozinhos, na luta sangrenta e agora impressionantemente desigual. E esses bravos são apenas voluntários:

É a 3ª Companhia do 14 de Julho, são os remanescentes do Marcílio Franco.

Alta madrugada abandonam, enfim, a cidade onde o inimigo, abatido pelas pesadas perdas que sofrera, só ousaria entrar ao entardecer do dia seguinte.

Pelo leito da estrada de ferro, a pé, segue o Marcílio Franco com o punhado de valentes que lhe resta.

Pela estrada de rodagem, rumo a Capão Bonito, caminham os do 14 de Julho. Estão exaustos, sujos e sedentos.

Mas graças a uma boa estrela que os protege, tiveram apenas ferido.

UM PLANO QUE FRACASSA

Na noite fatídica de 26 de julho Buri caíra nas garras do inimigo.

No seu solo, porém, traçadas a sangue, pontilhadas de cadáveres, as posições que acabamos de deixar atestam ainda, com seu macabro testemunho, a tenaz resistência dos paulistas.

Mas enquanto as nossas tropas assim se sacrificavam em Buri, em luta sangrenta e desigual, que se teria passado no setor da estrada de rodagem? Que fora feito do Tenente Coronel Moraes Pinto, de seus canhões e dos 1.500 homens que levava, com a importantíssima missão de surpreender a retaguarda inimiga?

Triste ironia! Enquanto em Buri, na pequenina e heróica Buri, algumas centenas de bravos deixavam-se matar em campo aberto a fim de dar tempo ao avanço da coluna Moraes Pinto, esse oficial, transgredindo as instruções recebidas, embrenhava-se em direção diferente da que lhe fora prescrita e estacionava pouco depois, com toda a sua tropa, comunicando tranquilamente ao comando que aguardava ordens!

Equívoco? Não o sabemos.

O certo, porém, é que esse ataque, que teria sido talvez a salvação, proporcionando às nossas tropas a oportunidade de se manterem na cidade de Buri, não chegou sequer a ser esboçado...

Passara-se uma semana desde a queda de Buri, ocorrida a 26 de julho.

Para nós, foram os dias mais tristes, mais vazios da campanha. Encurralados no grupo escolar de Capão Bonito, sem permissão sequer de

andar pela cidade e obrigados a aturar, ainda por cima, os exercícios de desfile que os oficiais timbram em nos impingir, mesmo a dois passos das trincheiras. De práticas de guerras, nem uma palavra. O tempo é pouco para apresentar armas, acerta o passo e... olha a cadência!

Já estamos enfadados dessa vida.

Para acabar de nos irritar irrompeu há dias, no quartel, uma tremenda epidemia de desinteria. Há quem diga que foi por causa da água de poço, contaminada pelos esgotos da cidade, mas que é, todavia, a única aqui existente para se beber. Da noite para o dia, cerca de oitenta por cento do Batalhão contraiu o mal.

Houve rapazes que tiveram de se levantar quarenta vezes numa noite!

Como única medida para debelar a epidemia, o comando acaba de anunciar, solenemente, que os voluntários ficam expressamente proibidos de tomar água de poços, pois todos são considerados suspeitos. Mas esqueceu-se de providenciar... outra água para bebermos. Essa é boa!

Faz pena ver agora os nossos pobres voluntários. Nos rostos compridos, com olheiras muito fundas, o olhar desalentado, mal se reconhece a guapa rapaziada que, há um mês apenas, deixava a estação da Sorocabana irradiando entusiasmo e saúde.

— Mas isso não pode continuar assim!

E o Casemiro Pinto Neto e o Flavio Bitencourt, mas conhecidos por Baurú e Fubá, os pândegos do Batalhão, resolvem quebrar o desânimo da tropa. Tiveram, como sempre, uma idéia genial.

Assomando a uma das janelas do alojamento, que domina o pátio onde estamos, começam de pandeiro em punho a glosar em verso o acontecimento do dia. A linguagem é chula, as graças pesadíssimas. É bem o calão do soldado! Mas a verve irresistível desses inveterados estudantes boêmios, realiza em pouco o milagre.

Um quarto de hora depois o Batalhão inteiro canta, por entre gargalhadas, o que de agora em diante ficará sendo o nosso hino de guerra...

Estava quebrada a magia!

E de novo os nossos rapazes só pensam numa coisa: seguir, quanto antes, para o front!

O quartel amanheceu alvoroçado.

Voluntários cortam o pátio em todos os sentidos, afivelando as mochilas, enchendo de água os cantis, passando a tiracolo os fuzis. É que vamos partir!

Ontem à tarde tínhamos assistido, com olhares compridos de inveja, ao embarque da 1ª Companhia.

Partira para o lugar denominado Fundão, sobre a estrada de rodagem Capão Bonito-Buri, a fim de se constituir em reserva do Destacamento do Major Arlindo de Oliveira, que comanda esse setor.

Hoje, enfim, chegara também a nossa vez.

Os caminhões já estão atulhados de voluntários. Os motores entraram agora a funcionar. Um arranco, e eis-nos de novo a caminho da guerra!

Desta vez são dez os caminhões. Conduzem o grosso do nosso Batalhão: a 2ª e a 3ª Companhias, que seguem completas.

Manhã feia, essa de 3 de agosto! Chuvosa e fria.

Com as lonas estendidas sobre as cabeças, a fim de evitar a garoa, vamos sentindo no resto o fustigar de um vento úmido e cortante. Mas não podemos deixar de admirar o desenrolar maravilhoso da paisagem, bem característica do sul paulista.

Os campos cobertos de capim rasteiro se estendem, ondulados, a perder de vista. E de quando em quando, emergindo como um oásis, um grupo gigantesco de pinheiros a ostentar, quase nas nuvens, um tufo verde escuro de ramagens. O contraste é, às vezes, deslumbrante. E dizer-se que estamos indo para a guerra, talvez para a morte, através de um cenário destes!

A garoa, impertinente, continua caindo sem cessar.

Estamos molhados até aos ossos. E a estrada está se transformando, aos poucos, num verdadeiro lamaçal... Já não podemos admirar a paisagem. As derrapagens nos pregam cada susto!

E a manhã inteira se escoia assim, a avançarmos com dificuldade e sem que a chuva nos dê um só momento de trégua.

Finalmente, após trinta e tanto quilômetros de estrada desembarcamos numa cidadezinha feia, ou melhor, numa vila: meia dúzia de casas, um Igreja, e lama por toda parte.

Seu nome é Guapiara.

Há três dias que estamos em Guapiara, onde chegamos a 3 de agosto. Três dias de amargar decepções!

A primeira notícia que tivemos, logo ao desembarcar, foi a da queda de Ribeira, importantíssima porta de penetração da fronteira paulista. A 31 de julho, a deserção de um oficial acarretara o cerco da cidade, o aprisionamento de quase todo o efetivo que a defendia e a perda de numerosos metralhadoras.

No dia imediato soubemos que a coluna do Major Tenório de Brito, que marchava em socorro de Ribeira, se achava agora encurralada em Apiahy, com a retirada cortada por forte contingente inimigo. Essa unidade, umas das mais preciosas do Exército do Sul, compreendendo o Batalhão 9 de Julho, muita tropa da Força Pública e duas peças de artilharia, pode ser desde já considerada como irremediavelmente perdida... A essa hora, com todas as comunicações cortadas, sem mantimentos, quase sem munição, queima os seus últimos cartuchos. E depois, será a rendição inglória ou a debandada e a fuga através do mato, em busca do longínquo litoral. Será, de qualquer maneira, o aniquilamento completo como força combatente.

De um ponto alto da cidade, favorecidos pelo vento, pudemos ouvir ainda, durante dois intermináveis dias, os derradeiros tiros de artilharia com

que o Destacamento Tenório se defendia, às portas de Apiahy, na baldada esperança de um socorro impossível. Depois... tudo silenciou.

Do Destacamento Tenório, do Batalhão 9 de Julho e dos dois canhões que levavam, nunca mais ouviríamos falar.

Daí por diante, os acontecimentos se precipitam.

A 6 de agosto um pelotão do 14 de Julho, o 1º pelotão da 2ª Companhia, justamente o nosso, é enviado a toda pressa para a frente, incumbido de reforçar a tropa que tenta barrar o avanço do inimigo.

Pela estrada de rodagem que conduz a Apiahy, acabam de partir os nossos caminhões. Somos, ao todo, uns trinta voluntários. Mas os capacetes de aço, que recebemos há poucos dias e usamos pela primeira vez, nos enchem de confiança e redobram o nosso entusiasmo.

Nove quilômetros depois começamos a ouvir a fuzilaria que, a princípio surda, se aproxima agora de instante a instante. Devemos estar muito perto da frente de combate.

— Olha o avião, pessoal!

Sobre as nossas cabeças, evoluindo alto, vemos de fato um avião. Os caminhos estacam. De um solto estamos em terra e nos estiramos pelo chão.

Alguns segundos depois um estrondo forte dilacera os ares. A bomba explodira no barranco, bem a nosso lado, e os estilhaços passam alto sobre nós.

Levantando a cabeça avistamos o avião que se afasta, para desaparecer pouco depois no horizonte.

Abandonando então definitivamente os caminhões, continuamos a avançar a pé. Seguimos devagar, em fileira indiana.

Mas não tínhamos dados ainda cem passos, quando um silvo agudo nos obriga a atirar de novo o corpo contra a terra.

— Artilharia inimiga!

A granada caiu tão próximo que ficamos paralisados de susto. Estamos juntos, deitado quase lado a lado, e ninguém ousa fazer um gesto, articular uma sílaba. Mas quebrando esse silêncio de morte, outros projéteis seguem o primeiro, zunindo sinistramente e explodindo, algumas vezes a poucos metros de nós.

Alguém ordena agora:

— Para a frente, rapazes, que já estamos localizados!

Em pleno bombardeio começamos então a avançar, por etapas, num esforço ingente para sair do campo de tiro da artilharia inimiga. Depois de cada estampido levantamo-nos, corremos alguns metros e nos atiramos novamente de bruços para escapar à chuva de estilhaços. Progredimos assim até um trecho da estrada completamente desabrigado e enfiado pelo fogo de uma metralhadora inimiga.

E, mais perigosa ainda, a cena se repete.

Após cada rajada de metralhadora um dos nossos avança correndo, zigue-zagueando como um doido, e perseguido de perto por uma saraivada de balas. Um por um, atravessamos assim o trecho batido pela metralhadora inimiga.

Mais tarde, ao atingirmos a posição que nos fora designada, constatamos, não sem espanto, que não tivéramos um único ferido.

Que estrela, a do 14 de Julho!

À noite desse mesmo dia, parte de Guapiara o 3º pelotão da 2ª Companhia. Sob o comando do Ten. Milton Bressante, essa tropa vai ocupar perigosa posição no flanco esquerdo da estrada de rodagem.

Por detrás de abrigos improvisados, em primeira linha de fogo, os nossos rapazes entram desde logo em contato com um inimigo numerosos e copiosamente armado. É nessa trincheira que o 14 de Julho sofre uma baixa, Jorge Tibiriçá Neto, que teve o braço varado por uma bala inimiga.

Dois dias depois esse mesmo pelotão, ao ter o flanco aberto pelo recuo de soldados do 7º B.C.P. daria provas de um valor invulgar, reconstituindo e mantendo, com sete voluntários apenas, a trincheira abandonada como insustentável por mais de trinta soldados da Força!

Seria mais tarde promovido a 2ª Tenente, graças à bravura que então demonstrou, o nosso dedicadíssimo sargento Tácito de Souza.

À direita da estrada de rodagem, em abrigos improvisados no topo de um espigão, a defesa é confiada ao 2º pelotão da 2ª Companhia. Sob o comando do Tem. Francisco de Paula Quartier, divididos em dois grupos chefiados, respectivamente, pelos sargentos João Ruy Canteiro e Antonio Dourado, essa tropa enfrenta a infantaria inimiga, sem recuar um só passo.

A despeito da violência dos ataques sofridos o front paulista permanece inalterado e os nossos soldados, acuados por um inimigo forte e numeroso, continuam a resistir galhardamente, quando, na noite aziaga de 10 de agosto, somos surpreendidos por esta ordem inesperada: retirada imediata de todos os efetivos que defendem a estrada de rodagem, frente a Guapiara.

— Mas porque retirar, quando a frente continua intacta?

— Por que entregar assim, ao inimigo, posições até agora invulneradas?

Ninguém compreende, e por isso ninguém se conforma. Uma chuva de palavrões contra o inimigo, mas sobretudo contra o nosso próprio comando, traduzem a raiva e a revolta com que recebemos a ordem incompreensível. De nosso pelotão um grupo de bravos, insubordinando-se, resolve permanecer nas trincheiras de onde só muito mais tarde se retira. São eles Hugo Malheiros, Carlos de Araujo, Alberto Silva Azevedo, Jorge de Assumpção e Antonio Vampré.

Mas a retirada começa, sob um céu propício, espesso e negro como o nosso desespero.

Ao deixarmos as nossas posições para atingir a estrada, já não estamos sós. De todos os lados surgem sombras encapotadas, que vão formando, aos poucos, uma caudal imensa. E essas sombras se afastam, correm, gesticulam, como que tomadas de pânico.

Que triste espetáculo para os olhos de voluntários!

Alguns oficiais gritam e ameaçam, de revólver em punho, procurando disciplinar aquela multidão alucinada.

Mas é tudo em vão! Rompendo as formações a custo conseguidas, centenas de soldados se precipitam pela estrada afora, cada vez mais depressa, cada vez mais depressa... São soldados de tropa regulares, procurando tomar a dianteira dos fugitivos.

Agora mesmo passou por nós um bando. Abatidos, humilhados, deixam escapar frases de um pessimismo atroz. Curvados sob o peso da moamba lá vão agora, quase correndo, esquecidos dos seus deveres, da sua honra de soldados, do solo paulista que abandonam, sem dó, aos invasores.

— Que provação para o nosso idealismo!

— Que rude golpe em nosso orgulho de paulistas!

O que a guerra pode oferecer de mais doloroso, de mais requintadamente cruel, é sem dúvida o espetáculo de uma retirada em massa. Abandonar, por uma simples ordem, o chão que se defendeu durante dias a fio, encarniçadamente, através de todos os riscos, a custa de grandes sofrimentos, é já um sacrifício quase sobre-humano. Mas assistir ao desfilar de tropas que se retiram, aguilhoadas pelo medo, dominadas pelo egoísmo brutal do instinto de conservação, é um suplício insuportável para jovens estuantes de ideal.

Mas foi isso mesmo que nós tivemos de assistir, durante uma noite inteira, com o coração amargurado.

Alta madrugada, já muito próximo de Guapiara, cruzamos na estrada com um tenente, francês de nascimento, antigo oficial do batalhão Floriano Peixoto que tenta em vão convencer um grupo de soldados a formar uma nova linha de resistência.

Ao nos avistar e saber que se trata do 14 de Julho, vem logo a nosso encontro:

— Aí, rapazes! Eu conto com vocês. Vocês precisam dar um exemplo a esses soldados medrosos!

Não hesitamos. E alguns minutos depois, já metidos em caminhões, alguns pelotões do 14 de Julho partem de novo na direção do inimigo.

Estamos calados, cheios de apreensões. Sentimos a melancolia de quem sabe que vai morrer aos vinte anos. Em nossos ouvidos, ressoam ainda as últimas palavras do tenente:

— Resistam até o fim, enquanto puderem. Mostrem que sabem morrer!

Paramos num trecho da estrada que margeia uma colina. Deixamos os caminhões.

Um oficial que nos acompanha, por ordem do tenente, se aproxima de nós. Olha os nossos rostos, muitos dos quais imberbes; olha o modo ainda um tanto bisonho com que envergamos a farda e seguramos o fuzil e compreende, por certo, que seremos aniquilados depois de curta e estéril resistência a um inimigo muitas vezes superior em número e armamento. Mas é preciso cumprir as ordens recebidas!

Friamente, vai nos dando suas últimas instruções antes de voltar para Guapiara, a fim de cuidar da evacuação das tropas regulares, cuja retirada devemos garantir...

Mas, inesperadamente, um oficial que viera conduzindo um dos caminhões não se pôde conter ante o absurdo que seria tão inútil sacrifício e ousa interpelar o primeiro.

Então, sob os nossos olhos, trava-se uma banal discussão de detalhes militares. Ouvimos em silêncio, dispostos a cumprir o que, afinal, for decidido.

Por fim, prevalecendo o bom senso, recebemos ordem de reembarcar nos caminhões que nos trouxeram e estes manobram em meia volta.

Assim, incorporados de novo à leva dos retirantes, retomamos o caminho de Guapiara em cujas proximidades nos unimos a outros elementos do 14 de Julho.

Manhã de 11 de agosto. Depois daquela noite agitadaíssima, os rapazes do 14 de Julho estão agora acantonados quase à entrada da cidade. Um ponto apenas nos separa de Guapiara.

Amontoados aqui e ali, na mais completa desordem, grupos de soldados das tropas regulares falam, com temos, da cavalaria gaúcha que não deve tardar. Suas fisionomias, vincadas pela apreensão, parecem implorar a continuação da retirada.

Cerca de 8 hs. desponta na estrada, em vertiginosa carreira, um caminhão apinhado de soldados da Força Pública. Ao passar por nós, como um bólido, os seus ocupantes vão gritando:

— Pira, pessoal! Pira, que os homens já vêm aí!

Quase a seguir surgem dois outros caminhões, todos atulhados de soldados. E sempre o mesmo grito de alarme: Pira! Pira!

Estabelece-se de novo o pânico. E num impulso irresistível, as tropas regulares que estavam acantonadas a nosso lado precipitam-se para Guapiara.

No meio da estrada, formado em coluna de dois, apenas o 14 de Julho permanece imóvel.

É que de novo se verifica esta coisa incrível: os comandantes recorrendo à nossa tropa, uma tropa de voluntários, para que dê às forças regulares o exemplo de calma e disciplina.

Pouco depois, na cauda dos retirantes, entrávamos, por nossa vez, em Guapiara.

Na cidade, prestes a ser abandonada, domina a desordem e a confusão. Caminhões estacionados aqui e ali, já com o motor em movimento, estão sendo apressadamente abarrotados com toda a sorte de apetrechos. Neste, estão sendo jogados os caldeirões, as panelas, as latas de mantimento da cozinha de campanha. Naqueles, amontoam-se metralhadoras e cunhetes de munição. Em outros, enfim, os arquivos e a papelada da Secretaria. E todos a gritas, a falar ao mesmo tempo, exigindo pressa, pressa, mais pressa!

Ao olharmos para trás, do alto da encosta, avistamos lá ao longe, Guapiara.

Pobre cidade abandonada, como pareces diferente do dia em que nos recebeste quando acorremos, pressurosos, ao teu apelo! Tinhas tanta confiança em nós, esperavas tanto dos rapazes paulistas!

E agora, entre ti e nós, existe apenas essa longa fila de fardas e de caminhões que se afastam, ondulando, numa nuvem de pó. Como nos dói abandonar-te assim, sem luta, sem tiros, sem sangue inimigo!

Os caminhões continuam passando, desabaladamente. Sufocados pela poeira que levantavam, castigados por um sol inclemente, vamos caminhando, penosamente, na direção de Capão Bonito.

Mas de súbito, um ronco forte atrai nossa atenção. Rompendo as nuvens, como abutres negros, três aviões surgem sobre nós.

São nossos, sim, são bem paulistas! É a aviação constitucionalista que chega, enviada às pressas, a fim de proteger-nos contra a perseguição inimiga.

Ao longe, quase imperceptível, começamos a ouvir agora o estrondo das bombas com que nossos aviões atacam Guapiara, já em poder dos invasores. Triste desforra, a nossa!

Algumas horas depois, estafados pelo calor, os rapazes do 14 de Julho encontram na estrada o bravo Ten. Cel. Marcílio Franco que tenta, baldadamente, reunir os elementos de que necessita para improvisar uma primeira linha de resistência, na Serra dos Pinheiros.

Ao ver chegar a tropa do 14, esse oficial volta-se para ela como para uma tábua de salvação.

Os nossos rapazes estão quase no limite da resistência física, fatigados por muitas horas de marcha penosíssima. O apelo de Marcílio Franco tocou, porém, em fibras sensíveis.

E os voluntários do 14 de Julho, num gesto supremo de desprendimento, fazem meia volta e dão início à formação de uma nova linha de defesa contra o inimigo.

— Esse bom exemplo, afirmaria mais tarde o Ten. Cel. Marcílio Franco em carta dirigida ao comandante de nosso Batalhão, permitiu a facilidade da volta de toda a tropa em retirada, para enfrentar o inimigo.

E assim, até a manhã do dia seguinte, sem tomar qualquer alimento, os rapazes de nossa 2ª Companhia permanecem em posição, retirando-se somente quando chegam os reforços e depois de consolidada, de maneira definitiva, a nova linha de resistência.

À tarde do dia seguinte, 12 de agosto, chegávamos a nosso destino, a cidade de Capão Bonito, depois de percorridos mais de 30 quilômetros a pé.

À O 2º pelotão da mesma Companhia, que se achava na fazenda Monjolado por ocasião da retirada geral, só consegue salvar-se através das maiores dificuldades e depois de perder três dos seus voluntários, que foram aprisionados pelo inimigo: Milton Soares Campos, Walter Penteado Lorenz e João Soldado.

Ao anoitecer do dia 13 entrava, enfim, em Capão Bonito.

Quando à 3ª Companhia, comandada pelo Tenente Benedicto Dourival, somente à tarde do dia 11 recebera ordem de retirada. Abandonando imediatamente a posição que ocupava, em Capela dos Pintos, segue a pé para Capão Bonito, fazendo grandes contornos para não cair prisioneira, e atingindo a cidade na manhã de 14, quando já circulavam boatos de que fora toda aprisionada.

O inimigo acabava assim de consumir, com funestas consequências para nós, a manobra de envolvimento que deveria ter sido realizada, vários dias antes e em sentido oposto, pelas tropas paulistas da coluna Moraes Pinto.

Fracassara, definitivamente, o plano do Cel. Taborda.

Só nos restava agora disputar palmo a palmo o solo paulista, em lu sangrenta e desigual em que iríamos porém resgatar, brilhantemente, embora à custa de imensos sacrifícios, as aviltantes retiradas de Itararé, Faxina e Guapiara.

FUZIL CONTRA CANHÃO

Dezesseis de agosto.

Apenas dois dias se passaram após a confrangedora retirada de Guapiara, e eis-nos de novo a caminha do front, partindo de Capão Bonito onde estivemos acantonados. Os nossos caminhões, faiscentes de armas e de capacetes de aço, cortam agora, estrepitosamente, a estrada de rodagem que conduz a Buri.

É que o 14 de Julho acaba de ser destacado para esse novo setor, onde se notam indícios de forte concentração inimiga.

Entretanto, reanimados pelos dois dias de descanso e, sobretudo, pelo otimismo comunicativo do dr. Francisco Morato, que estivera conosco em

Capão Bonito, os voluntários sentem-se de novo encorajados e dispostos a quaisquer sacrifícios.

Não sabemos ainda a sorte que nos espera. Mas bastou a notícia de haver acabado a época das retiradas e a decisão do alto comando de manter, a todo custo, as atuais posições que as tropas paulistas defendem no sul, para que ressurgisse em nós todo o entusiasmo perdido.

Eis porque, entre os voluntários que atulham os caminhões, reina uma intensa alegria. A cada soldado ou caboclo que cruzamos na estrada, um grande alarido se ergue dos caminhões. São vivas a São Paulo, hurras frenéticos à Revolução. E entretanto, no meio de nós, também cantando e rindo, dois companheiros seguem inconscientemente para a morte.

Uma hora depois de deixarem Capão Bonito, deslocando-se pela estrada Capão Bonito – Buri, os nossos caminhões se detêm em um extenso valado conhecido pelo nome de Fundão.

Aí encontramos, acampada, a 1ª Companhia de nosso Batalhão, da qual nos havíamos distanciado desde 1º de agosto. Abraços apertados, comovidos, após dez dias de separação. E em Fundão estacionamos, montando nossas barracas ao lado das da 1ª Companhia.

Depois, pressionados pelas perguntas, contamos aos companheiros a nossa partida para o front de Guapiara, o bombardeio com que fomos recebidos, os combates lá travados e, enfim, as peripécias tristes e humilhantes que acompanharam a queda da cidade.

Enquanto isso, não muito longe, os nossos motoristas tratam de ocultar os caminhões sob o arvoredado de um mato próximo. E cessado o roncar dos motores começamos a notar, vindo de muito longe, um ruído surdo como o rolar do trovão:

— Que barulho esquisito será esse?

Um oficial que passava por perto responde à nossa indagação. O que estamos ouvindo é o éco do violento duelo de artilharia que está sendo travado, lá para as bandas da estrada de ferro, quase às portas de Lygiana.

É nesse ponto que o grosso das tropas paulistas, constituído pelo Destacamento Klingelhoefer, vem resistindo galhardamente, há vários dias, ao fogo concentrado das mais poderosas baterias inimigas. O adversário está empregando ali os seus melhores recursos com o propósito evidente de abrir caminho ao longo da estrada de ferro. Mas as posições que defendem Lygiana continuam corajosamente a resistir.

E quem sabe se, desanimado por essa prolongada resistência já não está o inimigo, a esta hora, cogitando de voltar os seus canhões e sua numerosa infantaria contra a tropa a que íamos nos incorporar, a fim de tentar o avanço através da estrada de rodagem?

Uma ordem seca, incisiva, corta a nossa divagação:

— Formar na estrada, pessoal! Ordem de seguir imediatamente!

Vamos entrar agora na zona de operações. Daqui por diante teremos de avançar a pé.

Momentos depois, já formados no leito da estrada de rodagem, estamos prontos para iniciar a marcha quando alguém aponta, alarmado, para o céu:

— Olha o avião! E é um avião inimigo!

Vem em nosso rumo e se aproxima rapidamente.

Entre os voluntários há um momento de indecisão. Se formos apanhados ali, em formação e a descoberto, um ataque aéreo poderá ser de graves consequências.

Inspirados, contudo, pela prática já adquirida em campanha, os rapazes começam logo a dispersar-se e a se ocultar, estirando-se no espesso capinzal que margeia a estrada.

Assim, quando o avião chega sobre nós, a estrada está deserta e, nos arredores, não se avista um único soldado. A nosso lado, porém, estamos ouvindo distintamente a forte respiração de vários companheiros.

Desconfiado, o avião examina longamente a estrada e os arredores, lançando depois algumas bombas sobre os capões mais espessos. Uma delas caiu tão próximo que pudemos ouvir, antes da explosão, o silvo metálico provocado pela queda do petardo. Continuamos deitados, imóveis como estátuas. A nosso lado, contudo, as respirações que ouvimos tornaram-se um pouco ofegantes.

É esse o primeiro bombardeio aéreo que sofremos e a impressão que nos causa é fortíssima. Munidos apenas de armamento leve, sem uma única metralhadora antiaérea, foi para nós terrível e exasperante ser atacados assim, das alturas, por um inimigo invulnerável, que nos agrediu, que nos humilhou do alto e contra o qual não pudemos esboçar um só ato de reação.

A partir desse instante ficamos sabendo e tantas vezes isso mesmo haveríamos de sentir! que a pior coisa na guerra não é o perigo em si, mas a inação forçada diante dele.

Finalmente, quando o avião se afasta e não é mais que um ponto perdido no horizonte, deixamos os nossos abrigos para partir, em extensa coluna, rumando diretamente para o front posicionado nas margens da estrada de rodagem que liga Capão Bonito a Buri.

Mas de duas horas caminhamos assim, castigados por um sol causticante.

Acabamos de chegar agora frente a uma casinhola branca, rodeada de bananeiras, situada a poucos metros da estrada.

É ali, naquela pitoresca sede de fazenda, que se acha instalado o P.C. do bravo Major Arlindo de Oliveira, que é o comandante do setor: em plena crista de morro e muito exposto aos obuses do inimigo.

Daí por diante a nossa progressão se torna bastante arriscada. Mais alguns passos e uma metralhadora inimiga, instalada bem no topo do espigão fronteiro, nos sauda barulhentemente com uma rajada de balas.

Paramos e nos abrigamos enquanto a nossa vanguarda estuda o terreno. À nossa frente a estrada se estira pela encosta abaixo, controlada em extenso trecho pela metralhadora inimiga; e de ambos os lados a terra é

revestida, apenas, por um ralo sapezal. Em tais condições, parece uma temeridade prosseguir antes do escurecer. Além disso, estamos já bastante cansados e com uma fome danada.

Mas o nosso comandante, após rápida conferência com o Major Arlindo, determina o prosseguimento do avanço.

Trata-se de uma tentativa urgente para retomar uma trincheira avançada, que estivera confiada a uma companhia do batalhão Borga Gato e que, fortemente atacada pelo inimigo, acaba de ser abandonada por seus defensores, ao se esgotar a munição. Quisera a fatalidade que essa trincheira, após prolongada resistência, fosse cair, justamente, quando lhe chegava o reforço. E essa perda, dado o valor tático da posição, vinha comprometer bastante a defesa do setor.

Mas vejamos a situação de conjunto.

O lugar em que agora estamos, conhecido por Casa do Alemão e por nós depois batizado de Morro do Alemão já que as posições que aí haveríamos de ocupar ficavam num espigão, acha-se situado sobre a estrada de rodagem, a cerca de onze quilômetros de Buri.

Sem embargo de ser esta cidade um dos mais fortes redutos do inimigo, as nossas tropas, comandadas pelo Coronel Klingelhofer no setor da estrada de ferro, e pelo Major Arlindo de Oliveira no da estrada de rodagem, formam em torno de Buri um semi-círculo quase perfeito.

Há vários dias que o inimigo vem procurando romper essa ameaçadora linha paulista, concentrando sobre a faixa da estrada de ferro o fogo de sua numerosa e potente artilharia. Mas o Destacamento Klingelhofer, suportando corajosamente o bombardeio, mantém-se firme em suas posições.

Competiria agora ao Destacamento Arlindo, ao qual acabamos de ser incorporados, a árdua missão de deter, com seu reduzido efetivo, o araque que, segundo tudo indica, o inimigo está prestes a desencadear contra as trincheiras paulistas que margeiam a estrada de rodagem.

Em tais circunstâncias, a perda de uma pequena mas privilegiada posição constituía grave revés, que urgia remediar.

Eis porque, sem qualquer delonga, o 14 de Julho recebe a ordem de avançar.

O plano de ataque é simples e preciso.

A 3ª Companhia, conduzida pessoalmente pelo capitão Candido Bravo, que desde 1º de agosto chefia o 14 de Julho, deverá executar uma manobra de contorno pela direita, a fim de surpreender a retaguarda inimiga, atraindo sobre si a atenção do adversário. Ao mesmo tempo a nossa 2ª Companhia, em conjunto com outras tropas disponíveis, atacará o inimigo de frente procurando reconquistar a trincheira perdida. Essa a manobra projetada, que começa imediatamente.

Já partiu a 3ª Companhia.

Através do sapezal, a fim de evitar o fogo da metralhadora contrária que domina a estrada, começa agora a avançar a nossa 2ª Companhia. Vamos atentos, de fuzil em punho e no mais rigoroso silêncio.

À medida que avançamos o sapezal torna-se cada vez mais escasso. Para nos ocultarmos somos forçados a caminhar abaixados, quase de rastros.

Atingimos agora o fundo do valado. Daqui por diante a estrada sobe, nua, espremida entre dois barrancos. Nem sombra de vegetação. O avanço prossegue agora a descoberto.

Colados ao barranco da esquerda, roçando a terra vermelha, começamos lentamente a subir.

Inopinadamente, com um zunido agudo, um enxame de balas vem cravar-se na estrada, levantando nuvens de pó: a metralhadora inimiga visamos de perto.

Atiramo-nos rapidamente contra o chão. Mas as nossas fardas de brim cáqui constituem um alvo excelente, destacando-se sobre o fundo vermelho da estrada. E enquanto as balas chovem, cada vez mais precisas, procuramos escapar, rastejando, do trecho batido pelo fogo inimigo. Com grande esforço retrocedemos até atingir de novo o valado, onde as balas não nos podem alcançar. O nosso tenente parece hesitar ante a dificuldade e os riscos do avanço a peito descoberto em terreno tão desfavorável, quando surge a nosso lado uma companhia do Corpo de Bombeiros. Como tropa regular que é, fora enviada com a missão de formar a nossa vanguarda.

Passam à nossa frente uns vinte bombeiros, que avançam hesitando e olhando constantemente para trás. Ao entrarem, porém, na zona batida pela metralhadora inimiga, entram em pânico e põem-se a debandar. O oficial que os comanda, de revólver em punho, procura estimulá-los com gritos e, afinal, com ameaças. Mas é tudo em vão. Aqueles soldados, desnorteados e rebeldes, em nada se parecem com os autênticos e valentes bombeiros de São Paulo. São, por perto, recrutas que aderiram, em massa, ao brioso Batalhão do Fogo.

Mas é preciso que alguém avance, pois há uma missão a cumprir.

É quando o Capitão Urbano João de Aguiar, que comanda a nossa Companhia, resolve fazer-nos avançar até à primeira crista.

Um a um, para dificultar a pontaria do inimigo, passamos correndo sob o fogo da metralhadora contrária e chegamos assim até à crista visada. Daqui por diante o terreno pertence todo ao inimigo.

O nosso tenente pede então voluntários para uma patrulha de reconhecimento. Apresentam-se vários, entre os quais Hugo Malheiros, Arnaldo Serroni, Antonio Vampré, Eduardo de Souza Queiroz, Caio Ribeiro de Moraes, Alberto Silva Azevedo e Hermes de Oliveira Cezar. São ao todo uns dez rapazes, seguidos por alguns bombeiros, escolhidos a dedo.

Essa nossa patrulha avança cautelosamente e, pouco depois, cai sob o fogo de outra metralhadora inimiga, postada a cerca de duzentos metros à frente.

De um salto os integrantes da patrulha atiram-se de braços, protegidos por uma pequena ondulação do terreno. Mas não podem sequer mexer-se, eis que seus abrigos, improvisados rapidamente com o sabre, têm pouco mais que um palmo de altura. Um braço que se levantasse seria certamente transpassado pelos projéteis, que continuam chovendo.

A situação da patrulha é já bastante aflitiva quando uma metralhadora paulista, manejada por soldados da Força Pública, passa a replicar ao fogo do inimigo a fim de dar cobertura a nossos rapazes. Mas por cúmulo da infelicidade a alça da arma foi mal regulada e as balas, poupando o inimigo, vão cair em cheio sobre os nossos.! Uma delas atinge o Hugo Malheiros nas costas. Outra, ricocheteando em seu capacete, desvia-se para ir ferir mortalmente um bombeiro, cujos gemidos se sucedem, interrompidos por golfadas de sangue.

Desesperados, metido entre dois fogos, os voluntários já não sabem o que fazer. Então a ponto de tentar uma loucura qualquer quando, providencialmente, surgem ao alto dois aviões. Em suas asas, em pleno céu, brilham agora as cores de São Paulo.

As metralhadoras calaram-se de súbito. E como se fora um sonho, aproveitando-se habilmente desse instante único, os nossos rapazes podem recuar de pé até às nossas linhas sem que uma só bala os venha molestar! Tal é o terror que infunde ao inimigo a pequenina, mas sempre audaz e agressiva, aviação paulista.

Pouco depois o comando reconhecia ser tarde demais para retomar por uma manobra de surpresa a posição perdida, na qual o inimigo, como abamos de constatar, já está solidamente estabelecido.

E na manhã seguinte, 17 de agosto, toda a 2ª Companhia recebe ordem de retroceder até à crista de onde tínhamos partido na véspera e sobre a qual vai ser agora preparada, às pressas, uma nova linha de defesa.

Sem qualquer demora, munidos de pá e picaretas iniciamos, bem na crista de um espigão, a abertura de três pequenas trincheiras que seriam ocupadas pela 2ª Companhia.

Quanto à nossa 3ª Companhia fora, na sua missão, um pouco mais feliz que nós: de sua frustrada incursão para surpreender a retaguarda inimiga conseguira, ao menos, trazer prisioneiro um cavalariano da polícia do Paraná.

A 2ª Companhia, abrigada em três trincheiras, ocupa uma magnífica posição, à esquerda da estrada de rodagem.

Encontramo-nos no centro de uma cadeia de trincheiras bastante espaçadas pois são poucos os nossos efetivos para tão grande frente — dispostas em perfeito semi-círculo e tendo por eixo a estrada de rodagem. À frente dessa linha o terreno se despenha, quase abruptamente, até um valado que dominamos em toda a sua extensão. De nossas trincheiras chegamos mesmo a descortinar Buri, que se acha a cerca de onze quilômetros de distância.

Quanto às outras trincheiras, ocupam-nas tropas do Destacamento Anchieta, Batalhão Pirassununga, Cavalaria Feijó, uma Companhia do Batalhão Borba Gato, pequeno contingente do Corpo de Bombeiros e, na extremidade esquerda, o esquadrão de cavalaria do Major Amaral. Como reservas, um pouco à retaguarda, a 1ª e a 3ª Companhias do 14 de Julho. E ao longo dessa extensa linha, defendida por reduzidos efetivos, quatro ou cinco metralhadoras pesadas e cerca de dez fuzis-metralhadoras representam todo o equipamento automático do setor...

Alguns dias após, sob o comando do Capitão Candido Bravo, a 3ª Companhia tomara posição ao lado esquerdo de nossa 2ª Companhia, enquanto a 1ª, pouco depois, partia para entrincheirar-se à direita da estrada de rodagem.

Entre a 1ª e 2ª Companhias é instalada uma metralhadora pesada por soldados do Corpo de Bombeiros.

Pela primeira vez, pois, no Morro do Alemão, o 14 de Julho combateria quase completo, embora ocupando trincheiras muito distanciadas entre si por ser enorme a frente a defender.

Ausente, mas combatendo em outra frente, estava apenas o 1º Pelotão de nossa 1ª Companhia que, a 16 de julho, partira para Apiahy Mirim sob o comando do Tenente Napoleão José Leite, a fim de proteger o flanco esquerdo do Destacamento do Major Arlindo de Oliveira que defende essa extremidade do setor.

Durante vários dias, de 18 a 21 de agosto, cavamos a terra preparando e melhorando as trincheiras, informados como estamos de que o inimigo se preparava ativamente para tomar a ofensiva.

Nesses dias travam-se, em toda a frente, pequenas escaramuças com grupos de reconhecimento do adversário, que lança ainda contra nós alguns obuses de artilharia, com o evidente objetivo de testar nossas defesas. Infelizmente, porém, no setor da estrada de rodagem contamos com um único canhão, dispendo de um número irrisório de projéteis, 28, apenas! pelo que o fogo da artilharia inimiga é deixado sem qualquer revide.

Entrementes, os nossos aviões, quatro ao todo, têm voado repetidas vezes sobre as posições do adversário, despejando bombas e mesmo metralhando-as de perto sem lograr, contudo, impedir os seus preparativos de ataque.

Finalmente, ao clarear do dia 22 de agosto, um intenso movimento nas posições inimigas que ocupam todo o espigão fronteiro, situadas a menos de dois quilômetros e perfeitamente visíveis de nossas trincheiras, põe-nos de sobreaviso.

Não nos tínhamos enganado, ia começar o ataque. Estamos preparados para ele, achando-se agora o nosso pelotão sob o comando do valoroso sargento Alberto Silva Azevedo.

De súbito, mal despontado o sol, um fortíssimo estrondo nos sacode os nervos e uma granada de artilharia vem explodir bem perto de nossa trincheira.

Passado o susto pômo-nos todos de pé e observamos atentamente o morro em frente, de onde nos parece ter partido o petardo.

Cheios de espanto, vamos então um forte clarão se erguer do meio de um capão de mato situado a cerca de 1.000 metros de nossa posição e, instantes depois, uma segunda granada vem explodir também a curta distância da trincheira.

Quase sem intervalos, as granadas se sucedem agora. E estão explodindo cada vez mais próximo. São Quatro peças de 75 que atiram contra nós em tiro direto.

Sem nenhuma dúvida é a preparação do ataque que começa!

Os nossos fuzis estão prontos, alinhados no parapeito das trincheiras. Cartucheiras, sabres, cunhetes de munição, tudo posto bem ao alcance das mãos. E oprimidos por uma ânsia indescritível esperamos, quase sem respirar, que surja à nossa frente a infantaria inimiga.

De uma de nossas trincheiras parte, de súbito, violenta fuzilaria. Secundando-a como um éco, toda a frente paulista rompe simultaneamente o fogo.

Era tempo! Da trincheira mais avançada do inimigo, situada quase no sopé do morro que ocupamos, destacam-se compactos grupos de inimigos que avançam contra nós, sob a proteção de intenso fogo de artilharia.

A cada momento, alertados no último instante, somos obrigados a nos abaixar para escapar aos estilhaços das granadas que chovem incessantemente sobre nós.

E enquanto atiramos, preocupados apenas em repelir o ataque, um dos nossos é incumbido de observar atentamente a frente, vigiando a artilharia inimiga cujos disparos são bem visíveis de nossa posição. A cada clarão, ouvimos-lo gritar:

— Aí vem mecha!

A esse grito atiramo-nos de bruços, agrupados no fundo da trincheira e escapando assim aos estilhaços. Mas após cada estrondo voltamos rapidamente aos parapeitos e a fuzilaria recomeça.

À nossa direita, bem entrincheirado, está um grupo de rapazes de nosso pelotão. E a poucos metros dessa trincheira, por mero capricho de seu ocupante, foi aberto um abrigo isolado, que comporta um único combatente. É aí que o Rubens Fraga de Toledo Arruda, um dos mais jovens de nosso Batalhão, combate corajosamente não muito distante de seus companheiros.

Indiferente às granadas que caem a pequena distância, sem sequer se abaixar ao explodir dos petardos, Rubens atira sem cessar. E com as cápsulas deflagradas que seu fuzil expele, impávido ante o perigo, vai gravando as iniciais de seu nome no parapeito de sua imprópria e minúscula trincheira. Fatal imprudência! Não terminara ainda a terceira letra quando uma granada, explodindo próximo, vem despedaçar-lhe o crânio. E partículas de cérebro, ainda quentes do idealismo e da bravura que animavam aquele herói de 16 anos, vêm misturar-se com a terra vermelha da trincheira, terra bem paulista, pela qual morrerá!

Na trincheira ao lado seu irmão Rogério, alucinado pelo desespero, quer atirar-se sobre o inimigo, clamando por vingança. E em pleno combate é preciso segurá-lo à força para impedir que saia sozinho da trincheira e seja também trucidado.

Junto ao P.C. do setor, dedicado e incansável, está um outro voluntário que já não é tão moço, mas em cujo peito bate um coração de vinte anos, fogo e decidido: é ele Alonso Ferreira de Camargo.

Desprezando as granadas, que explodem em tórno, o valoroso paulista corre de um para outro lado, transmitindo ordens e distribuindo munições, quando um estilhaço vem cravar-se-lhe no peito, ferindo-o de morte. Perdia assim, o 14 de Julho, um de seus mais destacados e queridos combatentes.

Entretanto, após o disparo ininterrupto de cerca de 250 obuzes, cessa o bombardeio e a infantaria inimiga, repelida em toda a linha, vê-se forçada a regressar às suas antigas posições.

Ao entardecer, passando em revista as emoções e agruras que enfrentamos nesse dia sentimos, quase todos, que alguma coisa está mudada em nós. A perda de dois queridos companheiros já não nos faz chorar, mas insufla em nossos peitos um sentimento novo e cruciante: ódio ao inimigo. Aquelas duas fardas, tintas de sangue amigo vertido a nosso lado, surgem a nossos olhos como uma bandeira rubra, clamando por vingança.

O inimigo não nos parece mais o brasileiro irmão, que combate enganado. O sangue paulista, por ele derramado com bombas atiradas covardemente de longe, transformou-o para nós, irremissivelmente, no invasor de nossa Terra, cruel e detestável.

E o que sentimos agora, todos nós, é o desejo ardente de vingar a morte dos companheiros, desejo que nos empolga e nos domina, desejo que nos obceca e queima como ferro em brasa.

Sem embargo de nosso decidido empenho em permanecer ali, nas excelentes posições que ocupamos no Morro do Alemão e que estamos dispostos a continuar defendendo a qualquer custo, um movimento envolvente do inimigo, cuja vanguarda estava prestes a penetrar por trás das linhas paulistas e cortar a estrada de rodagem que as liga a Capão Bonito, leva o comando do setor a decidir diferentemente.

Eis o que acontecera: a vários quilômetros à retaguarda de nossas trincheiras o adversário, esgueirando-se por estradas secundárias e atalhos pouco frequentados, em que era nula a presença de tropas paulistas, conseguira se infiltrar até bem próximo da estrada de rodagem e ocupava já agora posições que implicavam em grande risco, para as tropas do 14 e demais contingentes que a seu lado se batiam, de terem bloqueada a sua principal via de comunicação logística com a retaguarda.

Haviam sido inúteis os esforços, empreendidos às pressas dado o inesperado da manobra adversa, para desalojar os gaúchos das posições em que foram descobertos, já a curta distância da citada estrada.

Contra essa infiltração, tão logo constatada, fora lançado o nosso carro blindado comandado pelo valente Capitão Afonso Negrão e um improvisado e diminuto contingente que incluía vários integrantes do 14 de Julho, dentre os quais Adolpho de Mello Junior, Luiz Dias da Silva e José Aranha de Assis Pacheco. Lá estava também, empenhado na luta em pleno mato e sob o precário abrigo de um tronco ou de um cupim, o nosso tenente José Maria de Azevedo que durante o embate veio a ser gravemente ferido no abdomen, morrendo no mesmo dia. Perdia assim o nosso Batalhão, cheio de dor e de tristeza, um de seus mais destemidos e arrojados oficiais.

Todavia, a inferioridade numérica do reduzido efetivo de que ali dispunhamos, a queda do carro blindado num grande buraco onde permaneceu encalhado e sem ação por muito tempo e as condições adversas em que teve de combater em pleno mato, não permitiram ao contingente paulista ter exito na missão que lhe fora cometida.

Sem conseguir pois desalojar o inimigo que, com os reforços que continuamente lhe chegavam, preparava-se, indubitavelmente para cortar o acesso à retaguarda da linha avançada dos paulistas, impunha-se para o comando uma decisão penosa e rápida.

E, de fato, sem outra alternativa para evitar que nossas tropas de vanguarda, entre as quais a do 14 de Julho, fossem envolvidas e isoladas de seus pontos de apoio e suprimento, o alto comando do setor nos ordena o imediato abandono das trincheiras do Morro do Alemão, que os rapazes do 14 vinham defendendo e mantendo invulneráveis aos intensos bombardeios do inimigo e a todos os ataques de sua infantaria.

Foi assim que, com o coração apertado e lágrimas nos olhos, nos vimos obrigados a abandonar para nós sem qualquer motivo válido, já que desconhecíamos o que se passava a nossa retaguarda as esplendidas posições que defendemos, com muita luta mas com inteiro exito, durante dez exaustivos dias.

Terminava assim, de modo inglório e exasperante, um dos mais árduos embates em que o 14 de Julho se empenhou com grande denodo e no qual tombaram, pela Pátria e por São Paulo, três de seus mais destacados companheiros de armas.

COMBATE DE APIAI-MIRIM

Mas enquanto, no Morro do Alemão, as 2ª e 3ª Companhias do 14 de Julho se batem à margem da estrada de rodagem Capão Bonito-Buri, o 1º Pelotão da 1ª Companhia lutava no Apiai-Mirim.

A 16 de agosto essa tropa, sob o comando do Tenente Napoleão José Leite, é enviada para o local denominado Ponte Velha, sobre o rio Apiai-Mirim, com a missão de defender o flanco esquerdo do Destacamento Arlindo contra qualquer manobra de envolvimento que o inimigo tentasse por esse lado.

Três dias após, esse pequeno contingente do 14 é reforçado com cerca de vinte voluntários da Legião Negra e mais alguns cavalarianos, estes encarregados dos serviços de comunicação.

Os primeiros dias passam-se em relativa calma, mas tendo nossas patrulhas de reconhecimento observado a aproximação de elementos inimigos tentando atravessar o rio o que, se conseguido, implicaria em sério risco para as tropas paulistas, decide o alto comando enviar o Capitão Candido Bravo para chefiar pessoalmente a defesa do setor.

Rapidamente esse experimentado oficial redistribui, do melhor modo possível, o pequeno efetivo de que dispõe.

A tropa paulista, integrada por pouco mais de 50 homens armados exclusivamente de fuzis e dispendo de escassa munição, passa agora a ocupar uma linha de pequenas e bastante espaçadas trincheiras, a fim de possibilitar maior ângulo de observação e de defesa. Essa linha situa-se no topo de uma escarpa, tendo à retaguarda um brejo e fazendo frente, diretamente, sobre o rio Apiai-Mirim, de cuja margem oposta partirá, certamente, qualquer ataque inimigo.

Todo o trecho que separa as posições paulistas da margem do rio é coberto por altas samambaias, o que reduz bastante a visibilidade da baixada em frente.

A última trincheira da direita é ocupada, dentre outros rapazes do 14 de Julho, pelos voluntários Laurindo Minhoto, Renato Soares de Toledo, Djalma Forjaz Junior e Emiliano Toledo Soares. A que lhe fica mais próxima é comandada pelo nosso companheiro Raphael Ribeiro da Silva, bem mais conhecido por seu apelido de Jacaré.

Nos dias que se seguem, ocorrem as primeiras escaramuças travadas com grupos de reconhecimento do inimigo, que é repellido e contido junto à margem do Apiai-Mirim.

Na manhã de 26 de agosto, porém, encoberto pelo denso lençol de samambaias que margeia as águas e favorecido, sobretudo, pelo diminuto efetivo de que dispõem os paulistas, o que torna insuficiente o seu serviço de vigilância, um numeroso contingente inimigo consegue atravessar o rio sem

ser descoberto e alcança celeremente o flanco direito de nossas trincheiras, que são atacadas de surpresa e violentamente.

Os paulistas resistem como podem, mas o máximo que conseguem é diminuir o ímpeto do ataque inimigo.

E é precisamente então, tentando engana-lo quanto aos efetivos de que aí dispõe a tropa paulista integrada por cerca de cinquenta homens armados apenas com fuzis que o nosso bravo e inventivo companheiro Laurindo Minhoto dá um brado atroador, que ficará famoso:

— Companhiiiiia, baionetas caladas!

Em outras trincheiras, alguns o imitam com o mesmo intento:

— Metralhadoras, atenção!

— Grupo de granadas de mão, atacar!

Lutam bravamente e enquanto podem os rapazes do 14 de Julho e os integrantes da Legião Negra que com eles se batem, lado a lado.

Afinal, depois de suportar o ataque por cerca de uma hora e impossibilitada de resistir mais tempo sob pena de cair toda prisioneira, a nossa tropa recebe ordem para tentar a retirada através do brejo que lhe fica à retaguarda. Retirada difícil e muito arriscada em que é preciso percorrer, agachado e atirando sem parar para dar cobertura aos que vão deixando as trincheiras, longos trechos descobertos e varridos pelo fogo cada vez mais intenso que parte do inimigo.

Por fim, graças ao apoio que recebe, à última hora, de elementos da Cavalaria Rio Pardo que se aproximavam, ladeando o brejo, com a missão de reforçar nossas posições, a tropa paulista consegue salvar-se: os rapazes do 14 sem nenhuma baixa; os da Legião Negra com dois de seus combatentes mortos e vários outros aprisionados pelo inimigo.

A esse tempo e à retaguarda de nossas trincheiras, o sempre arrojado comandante Arlindo de Oliveira, com alguns voluntários da Legião Negra e o 2º pelotão da 3ª Companhia do 14 de Julho conduzidos pelo cabo Veludo, tenta através da mata ultrapassar a linha de vanguarda inimiga com o objetivo de restabelecer o contacto perdido com a tropa que defendia Apiai-Mirim. Mas desta vez a sorte o abandona e, depois de perder-se na mata, acaba caindo prisioneiro enquanto os voluntários do 14, após duríssima marcha através do íngreme Morro do Canta Galo, conseguem alcançar área ocupada pela cavalaria do Major Amaral e, em seguida, reincorporar-se ao Batalhão.

Enquanto, pois, o grosso do 14 de Julho resistia tenazmente no Morro do Alemão sucedia que, em combates de retaguarda contra penetrações inimigas, perdia o nosso Batalhão dois de seus integrantes: primeiro, o nosso intrépido Tenente José Maria e, logo após, o nosso incansável companheiro Otávio Seppi, este atingido por uma rajada de metralhadora quando dirigia um caminhão com o qual levava correspondência às trincheiras do 14.

Nesses mesmos embates vieram a cair prisioneiros do inimigo cinco integrantes de nosso Batalhão, entre os quais Omar de Camargo Bittencourt e Agnaldo Augusto Pinto.

A perda desses queridos camaradas, porém, entristeceu nossos corações mas em nada esmoreceu o ardor combativo do 14 de Julho, que enrigecia mais a cada companheiro que tombava.

O ESPANTOSO ENCONTRO DO FUNDÃO

Tarde de 27 de agosto.

Acabamos de deixar as trincheiras que ocupávamos no Morro do Alemão, ainda quentes do sangue dos primeiros companheiros do 14 que deram suas vidas em holocausto pela causa sublime por que nos batemos: reconquistar, para nossa Pátria, a Constituição rasgada pela ditadura.

Mas à hora em que nos retiramos, cheios de tristeza pela perda já sofrida de quatro companheiros, mas incentivados por uma decisão inabalável de continuar lutando, as tropas aguerridas e bem armadas do inimigo que enfrentamos choram e lamentam, cheias de surpresa, os muitos mortos e as dezenas de feridos que tiveram nos combates que conosco travaram.

É que, pela primeira vez no setor sul, às margens da estrada de rodagem cuja defesa nos tinha sido confiada, esbarraram com uma resistência decidida com a qual não estavam acostumadas, e onde uma tropa de pouco mais de 200 rapazes do 14 e alguns efetivos do Batalhão Borba Gato, do Corpo de Bombeiros e da cavalaria do Major Amaral, que defendiam a linha sobre a qual fora concentrado o ataque, lhes barraram os passos por dez longos dias que lhes custaram duros sacrifícios e numerosas baixas.

Caminhando por toda a tarde e pela noite a dentro, divididos em vários grupos para não sermos descobertos pelo inimigo que, por certo, está vindo em nosso encalço, os últimos integrantes do 14 que lutaram no Morro do Alemão chegam, enfim, por volta de meia noite, a uma várzea situada não muito distante do rio Paranaíba e que é conhecida pelo nome de Fundão. Aqui acampamos, para descansar um pouco, até que novas ordens nos cheguem do comando do setor.

Sujos, cansados e ensopados, sob uma garôa fina e penetrante, tentamos repousar em abrigos improvisados, já que o cansaço não nos anima a armar barracas.

Durante a noite, ouvimos ainda o troar da artilharia inimiga que bate os arredores da região, sem dúvida para permitir que sua infantaria se instale com maior segurança nos espigões ainda há pouco ocupados por nossas tropas.

Ao amanhecer do dia seguinte, por volta de 5 horas da madrugada, mal dormido e varado de fome, o 14 põe-se outra vez em marcha rumo às posições onde o exército constitucionalista começa a levantar, a toda pressa, uma nova barreira com que pretende conter os invasores vindos do sul.

Todavia, decide o comando que os voluntários do 14 merecem algum descanso, depois de dez dias de trincheira e dos duros combates que acabamos de travar, onde tivemos três mortos e não poucos feridos. E isso em posições tão expostas e batidas pela artilharia adversa que os caminhões encarregados de nos levar comida só raramente ousavam chegar perto de nossas posições ou, mais precisamente, até uma baixada situada a quase um quilômetro das mesmas. Daí os caldeirões de nossa cozinha de campanha e as enormes latas com café eram trazidos a pulso por alguns voluntários mais forçados, aos arrancos e quase sempre sob fogo inimigo.

Foi ali, num dia em que nenhum caminhão de suprimento chegou a nosso alcance, que um companheiro mais sabido nos ensinou a comer brotos de bambu, que os havia de sobra ao redor; pareceram-nos, de fato, comíveis... mas insuficientes para matar a fome!

Explica-nos, afinal, o major Heliodoro Tenório da Rocha Marques, nosso comandante desde quatorze de agosto, que por enquanto só nos pode conceder um descanso relativo, mantendo-nos como tropa de reserva estacionada a curta distância da primeira linha, visto que o comando do setor entende não poder, por ora, distanciar do front a tropa do 14.

Ali ficamos, pois, num acampamento precário e onde faltava quase tudo, durante dois intermináveis dias, tentando descansar um pouco e lavar nossos corpos e nossas fardas imundas; porém, o que mais fazemos é cuidar de nossas arruinadas picadas de carrapatos e de muquiranas que nos haviam atacado, aos milhões e sem a menor contemplação, nas posições e trincheiras que acabávamos de deixar.

A esse tempo, apenas alguns quilômetros à nossa frente e integrando a improvisada linha de defesa da estrada de rodagem Capão Bonito-Buri, que se estende ao longo do rio Paranapitanga, o Destacamento Anchieta, integrado por um batalhão da Força Pública (6º B.C.P.) e por contingentes da Legião Negra e do Batalhão Ribeiro (antigo Batalhão Arlindo"), tenta se opor ao avanço do inimigo que não cessa de atacar, sob a proteção constante de sua numerosa artilharia que acompanha, de muito perto, o avanço da infantaria.

Da várzea em que há dois dias estamos acantonados ouvimos, claramente, o pipocar da fuzilaria, o matraquear das armas automáticas e, com maior nitidez ainda, o estrondo dos obuzes inimigos que não dão descanso às posições paulistas.

Ao amanhecer de 31 de agosto, contudo, acontecimentos surpreendentes se sucedem, a curtos intervalos.

Primeiro, foi o fragor do combate, especialmente o troar dos canhões, que ecoou ao longe mas com desusada violência, para cessar de súbito e de um modo altamente inquietante para nós. E por isso pensamos:

Seria de novo, como acontecera no Morro do Alemão, o brusco e angustiante silêncio que se segue à preparação de um ataque pela artilharia, silêncio sinistro êsse que precede o ataque maciço e violento da infantaria tentando tomar de assalto as trincheiras paulistas, sempre tão pobres em armas automáticas?

Ouvimos, logo depois, confirmando as nossas suspeitas, o deflagrar de forte fuzilaria que nos pareceu deslocar-se, aos poucos, na direção de nosso acampamento para diminuir e transformar-se por fim em tiros esparsos, cada vez mais próximos e que, preocupados e tensos, não sabíamos ainda como interpretar.

De repente, porém, olhando para o espigão à nossa frente, um dos nossos avista, a menos de mil metros do local em que estamos, um grupo de soldados que pela vestimenta identifica de pronto como inimigos, e dá logo um brado de alarme:

— Olha os gaúchos descendo o morro!

Em questão de minutos, saindo de seu assombro e esquecida de seu cansaço, a tropa do 14 está pronta para o que der e vier.

Rapidamente, enquanto uma parte dos nossos efetivos procura se abrigar por detrás de alguns acidentes do terreno, procurando improvisar uma linha qualquer de resistência caso o inimigo ataque de imediato, o grosso do Batalhão se dispersa e esconde como pode para não ser localizado pelos atacantes enquanto, impacientemente, aguarda do comando a decisão urgente que se impõe, e que de fato não tarda.

Sabedor de que a alguns quilômetros da várzea em que nos encontramos existe, à margem da estrada de rodagem Capão Bonito-Buri e ainda dentro da zona do Fundão, uma pequena linha de trincheiras preparadas como segunda linha, o Major Heliodoro ordena que o 14 parta a toda pressa em direção às mesmas. Ao mesmo tempo, a fim de encobrir o nosso movimento, manda atear fogo, em vários pontos, ao mato que nos separa da vanguarda inimiga.

Sem perda de tempo e em curtíssimo prazo, toda a tropa do 14, com os olhos ardendo e quase sufocada pela fumaça das queimadas que ela própria ateara e que o vento traz agora contra nós, atinge e ocupa rapidamente uma das duas trincheiras situadas de um e de outro lado da estrada de rodagem.

São trincheiras recém-abertas, mas muito boas, tendo nas extremidades abrigos para metralhadoras protegidos por sacos de areia.

Na situada à direita da estrada, abrigam-se soldados do 6° B.C.P., que não conseguimos ver dada as nuvens de fumaça que encobrem a nossa frente. A da esquerda é ocupada pelos rapazes do 14 que, em poucos minutos, já estão colados ao parapeito da trincheira, os capacetes enterrados até aos olhos, os fuzis destravados e prontos para romper fogo contra o inimigo que pode surgir, a qualquer momento, vindo pela estrada de rodagem que leva a Capão Bonito e que passa bem à nossa frente, a apenas uma centena de metros da posição em que nos instalamos.

Sem demora, destacando-se por entre a fumaça que cobre tudo em volta, começam a surgir as primeiras silhuetas dos gaúchos, que avançam a pé e sem qualquer cuidado por não terem a mínima suspeita de que estão desfilando, totalmente a descoberto, frente a trincheiras em que se acham postadas tropas paulistas, com suas metralhadoras instaladas nas extremidades e muito bem abrigadas.

A respiração em suspenso, as mãos agarradas ao fuzil e o indicador no gatilho, aguardamos impacientemente a ordem de fogo, que não chega.

É que o comando, com inteiro acerto, espera que se enquadre sob a mira de nossas armas o maior número possível de inimigos.

Subitamente, de um grupo mais impaciente instalado à nossa esquerda rompe, violenta, a fuzilaria; ouvida como uma ordem de fogo, entram imediatamente em ação, com um barulho ensurdecido, todas as demais armas de que o Batalhão dispõe.

É dramático o que se passa então.

Tomado totalmente de surpresa, recebendo um fogo cerrado que lhe parece provir de várias direções, vendo tombar mortos treze companheiros e tendo sofrido dezenas de feridos, o inimigo acredita ter caído numa emboscada e estar completamente cercado, sem qualquer possibilidade de abrigo ou de defesa. De nossa parte tivemos apenas um ferido, o José Pestana Silva.

E o que ouvimos e vimos então, partidos daquela tropa aguerrida lançada em perseguição do que supunha serem os remanescentes de uma força derrotada e posta em fuga, são gritos de desespero pedindo a suspensão do fogo e, logo após, muitos lenços brancos brandidos acima das cabeças, oferecendo incondicional rendição.

Cheios de espanto por essa cena incrível e inteiramente inesperada, os rapazes do 14 e seus oficiais decidem suspender o fogo, mas não sabem de todo o que fazer depois.

E enquanto a hesitação impera e ninguém sabe, ao certo, que orientação tomar, muitas coisas vão acontecendo para nosso maior assombro.

Primeiro, são grupos de um Corpo de Provisórios gaúcho e de um contingente pernambucano que está sob o mesmo comando, que iniciam conversações com rapazes do 14, afirmando que estão dispostos agora a se passar para o nosso lado.

Pouco depois, são soldados dessa mesma tropa que, ao remover os seus mortos mas, sobretudo, ao se empenharem em socorrer os muitos feridos que lhes causamos, tiveram a ajudá-los nessa última tarefa o nosso voluntário dr. Wladimir Amaral, médico de profissão, que não hesitou em medicar um dos que fora ferido, alguns minutos antes, por bala partida, talvez, de sua própria arma. Grande alma a desse destemido paulista, que manejava o fuzil tão bem quanto o seu bisturi.

Duas horas se passam assim e a confusão vai num crescendo: há agora soldados gaúchos trocando coisas com os rapazes do 14, desde latas com

comestíveis até à tentativa de obter, a qualquer preço de troca, um de nossos capacetes de aço que tanta inveja lhes causam.

Surgem depois alguns oficiais inimigos que parlamentam com os nossos, e um deles chega a ser levado até o comando por um oficial paulista, passando por dentro de nossa trincheira e podendo, assim, observá-la de perto. Fatal imprudência, indesculpável boa fé ou ingenuidade, cujas consequências não se fazem esperar.

Ao percorrer o interior de nossa posição teve o oficial inimigo o ensejo de constatar que a tropa que ali estava era constituída de um limitado número de voluntários com muito poucas armas automáticas, apoiado do outro lado da estrada por elementos da Força Pública, provavelmente não melhor armados, em nada se assemelhando com um grande contingente de tropas empenhado em ampla manobra de envolvimento que os houvesse habilmente cercado e cortado sua retirada, como até então imaginava.

Descoberto o nosso segredo, inverte-se de pronto a situação: surge agora à nossa frente o Major Benjamim Reis, comandante inimigo do batalhão cuja vanguarda conosco se chocara.

Depois de curta parlamentação, esse oficial gaúcho de aspecto atrevido, pala sobre os ombros e um charuto na mão, transmite a nosso comandante um verdadeiro ultimatum, que se esteia nos reforços que lhe haviam chegado, sem o menor alarde, enquanto seus pelotões mais avançados confraternizavam conosco.

Eis o seu ultimatum: esperaria até ao amanhecer do dia seguinte, 1º de setembro, que nossa tropa depusesse as armas e se rendesse incondicionalmente; caso contrário, às 7 horas da manhã ordenaria o ataque de nossas trincheiras por todos os contingentes e armas de que agora dispunha e que já cercavam inteiramente as nossas posições.

Entre nós, essa notícia causa o efeito de uma bomba e nos leva quase ao desespero. Mas como de outras vezes em que os combatentes do 14 tiveram de enfrentar situações difíceis, estão todos dispostos a tentar uma saída, quaisquer que sejam os riscos, pois nem os nossos rapazes, nem o Major Heliodoro, nosso valente comandante, pensam sequer em admitir a rendição.

Não custa muito a surgir uma idéia que poderá ser a nossa salvação. Adotando-a, o comando nos ordena que, tão logo escureça e sob a proteção da fumaça que se desprende do mato que continua a arder à nossa volta, tentemos atravessar bem abaixados, ou de rastros nos trechos mais descobertos, a linha inimiga que agora nos mantém cercados.

Mal escure, sem nenhuma hesitação e no maior silêncio, partimos um a um e em espaçada fileira indiana, no rumo em que o mato é mais denso e o terreno bastante acidentado, parecendo-nos por isso ser menos propício à vigilância do inimigo.

Com as botas encharcadas, arranhados e escalavrados pelo capim e pelas urtigas e mais plantas espinhosas com que roçamos pelo caminho, conseguimos atravessar incólumes a linha do inimigo que nos cercava e que

de nada se apercebeu; agora de pé e protegidos pela escuridão partimos em grupos separados, pela noite a dentro, procurando o rumo da Fazenda do Candoca que o comando prescrevera como meta e ponto de reagrupamento das tropas do 14.

Quando começa a clarear o dia, tendo caminhado sem parar a noite toda, ouvimos muito ao longe o espocar de forte fuzilaria. Viriamos a saber, muito mais tarde, que o que acabávamos de ouvir era o eco do combate que se travou entre dois contingentes das tropas que nos cercavam e que, desconhecendo a nossa evasão da trincheira, chegaram a chocar-se por engano, num combate que lhes custou numerosas baixas.

Em horas diferentes, mas igualmente exaustos e famintos, reagrupam-se na referida Fazenda os voluntários do 14 que participaram, e depois engenhosamente conseguiram evadir-se, do espantoso e quase incrível encontro de Fundão.

Chega, afinal, para os rapazes do 14 de Julho, a ordem de seguirem para Itapetininga, onde deverão repousar e recompor-se dos duros combates e das agruras até agora enfrentados.

E seria para partirem de novo rumo ao front, após seis dias de descanso, totalmente refeitos e mais dispostos do que nunca a enfrentar e deter, em quaisquer condições, o cada vez mais detestado inimigo invasor.

RIO DAS ALMAS

Permanecemos em Itapetininga de 3 a 8 de setembro.

Depois dos árduos dias do Morro do Alemão, do combate de Fundão, e sobretudo da longa e penosa retirada que se seguiu, com mais de quarenta quilômetros percorridos a pé, sem dormir e quase sem comer, bem tínhamos merecido aquele descanso!

Havíamos chegado a Itapetininga, alguns dias antes, sujos, rasgados, varados de fome. Tínhamos perdido quase tudo: o que pudemos trazer das trincheiras havia sido pouco a pouco abandonado, à beira da estrada, para aliviar um pouco o nosso corpo exausto. Mantas, pullovers, latas de biscoitos e de conserva, tudo ficara. Salvamos apenas, intactos, os nossos fuzis, que já estimávamos como fiéis companheiros das horas mais difíceis. Era assim que tínhamos chegado.

Mas o ambiente hospitaleiro de Itapetininga, onde fomos recebidos com tanto carinho pelas famílias locais que chegamos a ter a impressão de estar em nossos próprios lares, em breve nos restituira o antigo vigor.

É difícil acreditar! Seis dias bastaram para que, esquecendo tudo o que havíamos sofrido, sentíssemos de novo um desejo ardente de retornar ao

front. Parecia-nos uma vergonha que estivéssemos ali, descansando, enquanto não muito longe havia combates e havia trincheiras regadas, diariamente, por sangue paulista.

Mas chegara, enfim, a ordem de partir! E um frêmito, misto de ansiedade e de prazer, sacode violentamente o Batalhão.

A ordem viera de um modo inesperado. Depois de um dia calmo como a véspera, já ao entardecer, chega-nos a notícia de que partiremos nesse mesmo dia.

Há correrias, as ruas enchem-se de fardas. Por toda a parte há grupos de voluntários. Cruzam os ares apressadas despedidas, palavras de encorajamento e de confiança, que mal disfarçam certa preocupação que se lê nos olhos. O telégrafo está apinhado. Das confeitarias e dos empórios saem alguns voluntários sobraçando imensos embornais... Mas o que mais comove é a fisionomia de alguns rapazes que, indiferentes a tudo que se passa em volta, rabiscam, apressadamente, uma carta que não tem mais fim. Talvez seja para a noiva; mas é mais provável que comece por "querida mamãe".

Às 5 horas da tarde já estão todos a postos.

Em frente a Escola Normal, transformada em magnífico quartel, longa fila de caminhões está pronta para nos conduzir de novo às primeiras linhas onde se defende, palmo a palmo, o território paulista.

Mas é somente a meia-noite, depois de enervante expectativa, que ressoa a ordem de embarcar!

Abraços, mãos que se apertam, fuzis que se entrechocam. E ao roncarem os motores, à guiza de despedida, um vibrante pique-pique por São Paulo atoa os ares.

Os caminhões se embrenham pela noite a dentro. São quatorze. E os seus holofotes, rasgando a escuridão da noite, são como símbolos do ideal ardente com que São Paulo procura romper as trevas que ofuscam a consciência nacional.

Em cada caminhão há cerca de vinte voluntários. Algumas vezes a luz de um holofote ilumina em cheio um desses rostos. Mas não são mais recrutas que ali estão! Essas fisionomias sérias, mas serenas, transfiguradas desde os primeiros dias por uma vontade louca de lutar e vencer refletem agora, também, uma soberba confiança em si, conquistada nos cruentos combates de quase dois meses de campanha.

E enquanto cismamos, nessa noite sombria e sem estrelas, as horas vão passando e os caminhões não cessam de rodar.

Ninguém sabe, ao certo, para onde vamos.

Alguém afirma que estamos seguindo para a zona de São Miguel Arcanjo, que se acha quase desguarnecida, e onde parece iminente um ataque inimigo. Na realidade, sabemos apenas que a nossa missão é importante e urgente.

No caminhão conversa-se ainda um pouco, mas o cansaço vence por fim. E ali, aos solavancos, amontoados uns sobre os outros, passamos uma das piores noites da campanha. Mas dormimos, apesar de tudo.

O frio da manhã desperta-nos, já quase dia claro. E com grande espanto verificamos que os caminhões continuam rodando, rodando sem cessar.

As 7 hs. chegamos enfim a uma clareira onde, junto a um barracão de zinco, avistamos o primeiro grupo de soldados paulistas.

Já nos encontramos muito perto do inimigo. Há também aviões. Torna-se, portanto, perigoso prosseguir a viagem de caminhão.

Estamos próximo do lugar denominado Cerrado, no extremo flanco esquerdo da imensa frente paulista que se estende, margeando o rio das Almas e o Paranapanema, através de dezenas de quilômetros, até se articular, na estrada de ferro, com o inexpugnável reduto de Lygiana.

Era essa a linha que fora escolhida pelo supremo comando do setor para constituir o Marne paulista. Estava sendo construída ativamente ali uma muralha viva, de carne bandeirante, contra a qual deveria enfim quebrar-se, impotente, o impetuoso avanço do inimigo invasor.

Na véspera, porém, e antes que estivesse consolidada essa extensa muralha, elementos inimigos haviam conseguido atravessar o rio das Almas, em ponto ainda fracamente guarnecido, e ameaçavam comprometer o êxito da manobra em que tantas esperanças depositavam o Cel. Taborda e seu Estado Maior.

É nessa contingência que o alto comando apela para o nosso Batalhão, confiando-lhe a importantíssima missão de rechassar o inimigo para as suas primitivas posições ou, na impossibilidade, de barrar a todo o custo a sua progressão a fim de dar tempo a reconstituição, um pouco a retaguarda, do extremo flanco esquerdo da frente constitucionalista.

Eis o que se espera de nós.

A dificuldade da missão não nos abate. Estamos todos resolvidos a corresponder à confiança que em nós deposita o comando, e que nos enche de orgulho. Mas há uma coisa que ainda mais nos seduz: é que, pela primeira vez, vamos receber a ordem de atacar e desalojar o inimigo de uma de suas posições, pois até agora tínhamos combatido sempre na defensiva.

Acabam de chegar os últimos caminhões. Estão agora sendo desembarcadas as quatro bombardas que trouxemos, e que estão confiadas a uma guarnição da Legião Negra.

A vista daqueles morteiros de que se contam maravilhas, realização notável da indústria paulista, nos aguça ainda mais o desejo de vingar os dias amargos de Itararé e de Fundão.

E nessa disposição de espírito, formados em extensa coluna, começamos a avançar a pé. Passa por nós um cavalarião. E às nossas ávidas perguntas, responde, fleugmaticamente:

— Chi! Os homens já estão p'rá cá do rio. E têm metralhadora que nem cisco...

Continuamos avançando.

De repente, o Batalhão inteiro cai de bruços como se fora um só homem. Acabávamos de ouvir, à esquerda, um estampido bem nosso conhecido. Era tempo. A granada passa assobiando, e vai cair não muito longe de nós.

O inimigo nos presentira e nos recebe com as honras de costume.

Mas já estamos habituados, e ninguém se impressiona. Contudo, sentimos uma impressão desagradável ao constatarmos que até mesmo naquele fim de mundo o inimigo dispõe de artilharia!

As granadas continuam caindo, espaçadamente, sem que isso detenha a nossa marcha.

Já agora ouvimos, distintamente, o característico pipocar da fuzilaria. Passamos ainda uma elevação do terreno, descemos uma rampa quase abrupta, e chegamos a um vale cortado por pequeno e cristalino ribeirão.

É ali, naquela crista em frente, a menos de trezentos metros, que algumas dezenas de soldados paulistas fazem frente a um inimigo muitas vezes superior em número.

De vez em quando uma bala perdida, zunindo baixo, vem cair quase a nossos pés. No dia seguinte uma delas, atingindo o Luciano Nogueira Filho, faria o nosso primeiro ferido do rio das Almas.

Mas enquanto procuramos encher os cantis e banhar o rosto afogueado, ouvimos alguém gritar:

— Avião! Todos prá dentro da mata!

Era o vermelhinho. Como uma ave de rapina passa, perscruta tudo em volta, mas não descobre o nosso esconderijo.

E ali nos deixamos ficar, à sombra convidativa das árvores, até o amanhecer do dia seguinte.

Passamos bem. Os embornais vinham cheios de guloseimas trazidas de Itapetininga.

Ao amanhecer, o comandante pede alguns rapazes para reforçar as trincheiras, quase desguarnecidas.

Oferecem-se muitos, entre os quais o Raul Soares de Mello e o Ary Carneiro Fernandes, amigos inseparáveis cuja amizade a morte haveria em breve de frustrar.

O resto do Batalhão permanece inativo até à tarde, quando corre a notícia de que vamos avançar.

Parte uma patrulha de reconhecimento, comandada em pessoa pelo nosso novo comandante, o Major Aristides Leite Penteado.

Ao regressar, sorrindo, ele nos diz:

— Amanhã, de madrugada, iniciaremos o ataque. Podem ir sem susto.

Acabo de verificar pessoalmente as posições do inimigo, para que vocês não tenham surpresas desagradáveis ...

Os rapazes da patrulha, ainda impressionados, narram então que o Major, armado de simples mosquetão, quisera ir até à margem do rio das

Almas para observar melhor, e chegara mesmo a cem metros de uma posição inimiga.

— Aquilo, sim, é que era comandante!

No dia seguinte, alta madrugada, começam os preparativos. Distribui-se ativamente a munição. Sob barracas improvisadas, abandonamos tudo que é pesado e inútil. Conservamos apenas as cartucheiras, agora abarrotadas, uma pequena pá para abrigos de emergência, o cantil e alguns biscoitos. Na mão, pronto para o que der e vier, levamos o fuzil.

Parte a 2ª Companhia às 7 hs. em ponto.

As 8 hs., quando as trincheiras romperem fogo, já deveremos estar em posição, prontos para entrar em ação.

Retendo a respiração e contando os minutos, começamos a subir um sinuoso atalho que nos leva para a direita. Ficam para trás o riacho, o acampamento, a estrada.

Mas a nossa atenção está voltada toda para a frente. Enquanto avançamos, vamos procurando com os olhos um tronco, um cupim, uma depressão do terreno onde possamos nos abrigar, ao primeiro alarme, a fim de responder com eficiência a qualquer ataque inimigo. Os nossos ouvidos, aguçados pela emoção, atribuem uma significação aos mais leves ruídos trazidos pelo vento.

— Alto! E estacamos numa encruzilhada. .

O tenente Napoleão e alguns homens avançam em reconhecimento, mas logo retrocedem. Impossível avançar sob a saraivada de balas com que foram recebidos.

Pouco depois ouvimos forte tiroteio à esquerda. São as nossas trincheiras iniciando o fogo!

E naquela indecisão, inteiramente a descoberto, ninguém sabe o que fazer.

Por fim, recebemos ordem de nos entrincheirarmos ali mesmo, em plena baixada, aguardando ordens.

As pás entram em ação naquele solo duro, atravancado de raízes. E ao cabo de algumas horas, já prontos os abrigos, continuamos a esperar as ordens, que não vêm.

Uma irritação crescente nos invade. Então aquilo era ataque? Toda aquela encenação para andar algumas centenas de metros, cavar uma toca, e ficar ali a espera de ordens que não chegam nunca?

Ao entardecer chega finalmente uma determinação do comando. Mas é para retrocedermos...

De volta ao acampamento, soubemos que em vista de certas condições desfavoráveis, o ataque ficara adiado para o dia seguinte.

Deixamo-nos então cair na relva úmida e ali mesmo, sob um frio cortante, dormimos até a madrugada, quando começam do novo os preparativos.

Tudo pronto.

Desta vez, temos a impressão de que iremos até o fim.

Tomamos o mesmo atalho da véspera, passamos a encruzilhada e dobramos à esquerda, na direção do inimigo.

Avançamos em fileira indiana, com todas as precauções.

De boca em boca e a meia voz, diversas ordens vão sendo transmitidas:

— Guardar distância de dez passos!

— Fuzil na mão! Atenção!

— Inimigo à vista, caminhar abaixado!

— Alto! Deitar!

Estamos numa elevação do terreno, em plena roça de milho. Ali à direita, na casa branca da Fazenda, a menos de duzentos metros, acabam de ser avistados diversos soldados que trazem a capa escura dos paranaenses. Rodeiam uma lata, parecem tomar café!

Impossível avançar mais sem sermos descobertos.

Subitamente, o F.M. do Tácito entra a funcionar.

Os de lá correm em todas as direções, procurando um abrigo. Assim mesmo sofrem algumas baixas.

Mas estava dado o alarme, e um nutrido fogo de metralhadora responde à nossa façanha.

As balas chovem por toda a parte. É excusado permanecer ali.

De rastros, continuamos a avançar até à baixada.

Maldita posição, a nossa! O morro em frente nos domina completamente, e escondido no meio da densa mataria o inimigo controla os nossos menores movimentos.

Ficar de pé seria quase uma loucura. As balas começam a passar tão baixo que deceparam os pés de milho a menos de um metro do solo. .

No meio da fuzilaria, começamos a ouvir agora alguns estrondos mais fortes. Hurra! São as nossas bombardas em ação!

Mas a nossa alegria se transforma logo em desapontamento. Ouvimos distintamente o estampido de partida, mas não conseguimos ouvir o de chegada. Os projéteis estão falhando todos, todos!

Mesmo assim continuamos avançando, sempre de rastros.

Paramos. Por estranho que pareça é aqui, em plena baixada, que devemos ficar.

De bruços, com a pá ou com o sabre começamos a cavar pequenos abrigos individuais. Cada vez que nos erguemos um pouco, para cavar mais à vontade, uma saraivada de balas nos faz abaixar bruscamente, com a sensação de que nascemos de novo.

E ali estamos, nessa aflitiva situação, quando uma frase eletrizante corre de boca em boca:

— O Major vem aí!

Ainda duvidamos do que acabamos de ouvir quando, indiferente ao perigo, de pé e sorridente, surge o Major Penteado em pessoa! E vai logo dizendo, com um ar tão calmo que nos tranquiliza a todos:

- Vocês estão bem? Eu vim ver se fizeram os abrigos direito. Olhe, você aí, ponha mais terra à direita que é de lá que estão vindo as balas...
- Abaixei, Major, que o senhor leva já uma rajada!
- Não tem perigo, eu já estou acostumado e sei o que posso fazer...

Meia hora depois, entra em ação a artilharia inimiga.

Foram trinta e tantos disparos, mas nenhum nos atinge. As granadas estão explodindo todas muito longe.

O combate já está, agora, generalizado.

Em toda a frente crepitam as armas automáticas, dominadas apenas pelo estrondo dos canhões inimigos.

Pouco depois surge o vermelhinho, em vôo de reconhecimento. Felizmente não nos descobre.

E a luta prossegue, incessante, até ao entardecer.

Só então deixamos as nossas posições, não sem correr sérios riscos ao atravessar em disparada um trecho despido de vegetação e completamente batido por fogo de metralhadora.

Chegamos ao acampamento estafados, depois de um dia fértil em perigos. Era noite fechada, e estávamos ainda com o café da manhã.

Mas a nossa missão tinha sido cumprida. Atraindo e concentrando a atenção do inimigo, inclusive de sua artilharia, tínhamos permitido à cavalaria do Major Amaral uma forte progressão pela esquerda durante a qual foram feitos, segundo ouvimos, numerosos prisioneiros.

Quanto às malfadadas bombardas, que tão inexplicavelmente falharam na sua missão de proteger nosso avanço, eis o que depois se apurou: as peças eram excelentes, a munição era ótima. Mas os integrantes de sua guarnição, gente rude e inexperiente, eram indignos de manejá-las.

Seja má fé, seja crassa ignorância, o fato é que do interior dos projéteis haviam retirado a carga de amonal!

O COMBATE DO CERRADO

No dia seguinte a situação se agrava em toda a frente.

Parece que o inimigo recebeu grandes reforços.

À nossa direita o Batalhão Marcílio Franco, que se bate bravamente há vários dias, está exausto. Tem mortos e feridos.

Ainda cedo, surgem os aviões.

Hoje são dois vermelhinhos, e bombardeiam longamente a estrada. E enquanto ouvimos o estrondo das explosões, o tiroteio recrudesce e está cada vez mais próximo.

Sentimos que não podemos mais continuar ali, em pleno descampado. E instintivamente, aguardando uma ordem, pomos o equipamento, enrolamos os cobertores, e ficamos prontos para partir.

— 2ª Companhia! Reunir!

De todos os lados surgem voluntários, e em poucos minutos estamos em formação de marcha.

Atingimos a estrada. Será que vamos retroceder?

Não! A direção que tomamos é a que leva para as trincheiras. Atravessamos de novo o riacho, ladeamos uma queimada e, sempre subindo, chegamos à orla de um matagal conhecido pelo nome de Cerrado.

Aqui nos separamos.

Cada pelotão toma o rumo de uma trincheira.

Pela segunda vez íamos ocupar redutos que não tinham sido feitos por nossas próprias mãos.

O tenente Napoleão vai à frente de nosso pelotão, e caminha com todas as precauções.

Chegamos, enfim. E um a um, abaixados o mais possível, atravessamos correndo um espaço sem árvores e de um salto caímos no fundo da trincheira.

Apesar de feita por sapadores, esta deixa muito a desejar. Pouco profunda, sem proteção no dorso e muito mal camuflada.

Agora examinamos a nossa posição.

Esta, sim, nos parece excelente. Dominamos completamente o vale e as estradas que cortam o morro fronteiro. Mas a vegetação é tão intensa por toda a parte, que notamos logo a possibilidade de o inimigo avançar, sem ser visto, até bem perto da posição, eis que um mar de enormes samambaias se estende bem à nossa frente.

Em nossa trincheira, bastante afastada das demais, somos ao todo dezesseis.

Acaba de chegar um companheiro do grupo de comando, que vem fazer uma ligação.

Por ele ficamos sabendo que, à nossa esquerda, estão situadas mais três trincheiras, todas ocupadas pelo 14 de Julho.

A direita, está sendo instalada a nossa metralhadora.

Mas como somos poucos e o espaço a defender enorme, as trincheiras estão separadas por grandes intervalos, que agravam o perigo de infiltração inimiga.

Seria nessas posições imperfeitas, à míngua de armas automáticas e de munição, sem a menor proteção de artilharia, que menos de duzentos rapazes do 14 de Julho e um esquadrão de cavalaria iriam se opôr e resistir, durante vários dias, à formidável ofensiva que o inimigo iniciaria a 16 de setembro e na qual chegariam a ser empregados contra nós mais de dois mil homens de tropas aguerridas, com um número incrível de armas automáticas e sob a proteção de quatro aviões de bombardeio e de vinte peças de artilharia!

Agora já é noite fechada. E iniciamos um rigoroso serviço de vigilância, a fim de evitar surpresas.

A noite e o dia seguinte passam-se em relativa calma.

Durante o dia, enquanto alguns rapazes escrevem cartas ou lêem um número velho de jornal, outros se empenham em fazer —caçadas. Ficam horas a fio debruçados no parapeito da trincheira, fuzil em punho, a observar os movimentos do inimigo. E aí daquele que for menos prudente!

O Armando Noschese e o Mário Cintra Leite, entre outros, especializaram-se em caçadas ...

Uma só vez, à tarde, somos importunados por três aviões inimigos. Um é de bombardeio, enorme, e vem escoltado por dois de caça, os detestados vermelhinhos.

Voam longamente sobre as nossas posições, mas limitam-se a atirar algumas bombas sobre os nossos postos da retaguarda.

Sem dúvida a sua missão é de reconhecimento. Estará o inimigo premeditando algum ataque?

Ao amanhecer do dia seguinte o nosso receio se confirma, quando as sentinelas assinalam intenso movimento de tropas que, vindas da retaguarda do inimigo, se dirigem às suas linhas avançadas.

Estas estão tão próximas de nós que distinguimos perfeitamente os reforços que chegam. Em primeiro lugar vem a cavalaria. Logo após, em interminável coluna, destacando-se sobre o fundo verde da macega, começamos a distinguir os casacos escuros da infantaria.

A princípio assistimos a esse desfile sem dar-lhe grande importância, esperando tranquilamente que o inimigo chegue ao alcance de nossas armas. E agora, que estão a menos de dois quilômetros, abrimos sobre eles forte fuzilaria.

Exultamos ao ver os soldados, quebrando a formação da marcha, se embrenharem, correndo, no mato que margeia a estrada.

Infelizmente, a essa distância, os nossos tiros não têm eficiência. E após as primeiras descargas recebemos ordem de cessar fogo. A nossa munição é pouca e não podemos desperdiçá-la.

Mas continuamos a observar a marcha da coluna, que se alonga, se alonga, e parece não ter mais fim.

Impotentes e inativos ante aquele interminável desfilar, uma inquietação crescente nos domina.

Quantos serão? Mil? Dois mil?

Em nossa imaginação, aquele desfile toma proporções fantásticas.

— Mas o que será aquilo, aquela mancha brilhante que está avançando pela estrada?

Assestamos o binóculo. É um caminhão. Mas o reflexo que chamara a nossa atenção é do canhão que transporta!

E isso vem aumentar a nossa preocupação. Teremos então, como no terrível bombardeio do Alemão, a artilharia inimiga postada a menos de dois quilômetros?

Passou, porém, a primeira impressão.

Uma calma estranha, precursora dos momentos supremos, nos invade aos poucos. Por fim, somos arrancados dessa terrível inação por um ronco surdo de motores.

Paira sobre nós, voando alto, uma esquadrilha de quatro aviões.

Em cada olhar, voltado para o céu, lê-se uma pergunta cheia de expectativa: Serão enfim os nossos? Mas uma bomba enorme, arrebatando próximo, reduz a cacos as nossas esperanças.

Agora voam baixo, e as explosões se sucedem a curtos intervalos.

Humilhados, colados ao fundo da trincheira, respondendo apenas com palavrões à insolência daquele ataque desencadeado das alturas, fora do alcance das armas de que dispomos, sentimos uma premente necessidade de agir, de fazer alguma coisa. Infelizmente não temos, nunca tivemos, uma única metralhadora antiaérea!

Mas ainda não era chegada a nossa vez.

Longe os aviões, entra agora em ação a artilharia inimiga.

Não nos tínhamos enganado. Na orla do mato fronteiro, quase ao alcance de um tiro de fuzil, haviam sido instalados os canhões inimigos. Eram cinco.

Começam a atirar por salvas. E isto significa que, a cada estrondo, nada menos de cinco projéteis caem sobre nós.

Como no Morro do Alemão, temos aqui o nosso observador. Agora é o Lauro Bezerra.

De instante a instante ouvimo-lo gritar:

— Aí vem mecha!

E após o clarão, o estrondo, o assobio, e cinco granadas arrebatando a poucos metros da trincheira.

O bombardeio torna-se cada vez mais intenso, mas é nulo o seu resultado. Nenhum projétil nos atinge. E quanto a efeito moral, seria preciso que não tivéssemos estado no Alemão...

Bruscamente calam os canhões.

Terminara a preparação. E a um só tempo, crepitam agora todas as metralhadoras do inimigo.

De um salto estamos no parapeito das trincheiras, prontos para repelir o ataque.

O morro em frente cobre-se de fardas, que parecem brotar da terra como cogumelos, e que progridem velozmente em nossa direção.

— É a infantaria inimiga que parte ao ataque!

la chegar enfim a nossa vez. E impacientes, esperamos o momento de entrar em ação.

Estamos dispostos a tudo. Sabemos da importância de nossa posição, compreendemos o que ela representa, e sentimos a necessidade imperiosa de resistir, até o último cartucho.

O tenente Milton Bressane, que comanda uma das trincheiras, com calma imperturbável destaca dois rapazes com granadas para fuzil, postando-os um pouco abaixo, protegidos por troncos de pinheiros.

O inimigo continua avançando, e já é quase impossível conter a impaciência dos rapazes que desejam abrir imediatamente o fogo.

Estão sendo agora lançadas as granadas.

Acertam em cheio, e o resultado é surpreendente! O inimigo, colhido de surpresa por uma arma que desconhece, hesita, para, abandona a formação de ataque e começa a se dispersar.

Só então o Bressane ordena:

— Fogo, rapaziada!

De todas trincheiras rompe a mais intensa fuzilaria.

E graças às posições privilegiadas que ocupamos, os nossos fogos se cruzam sobre o inimigo, paralisando-lhe por completo o avanço.

As suas metralhadoras trabalham intensamente; mas sem se intimidar, aferrados aos parapeitos, os nossos rapazes continuam a despejar um tremendo fogo de barragem.

Com rapidez incrível os pentes de balas se esvaziam, antepondo ao inimigo uma verdadeira cortina de aço sibilante.

O inimigo tenta ainda avançar mas convence-se, por fim, da inutilidade de seus esforços.

Começa agora a retrair-se em busca de suas primitivas posições, sempre perseguido por violenta fuzilaria.

Terminara o combate.

Acabávamos de repelir com relativa facilidade um inimigo muito superior em número, em armas automáticas, em artilharia, em aviação, em tudo.

E isso não nos custara um único ferido!

Caiu a tarde.

E sob essa impressão de satisfação passamos a noite, perturbada apenas por tiros de inquietação que ecoam, de quando em quando, pelas quebradas da serra.

O inimigo não se conformara com o fracasso da véspera.

Habitado a ver ruir por terra, à primeira investida, as nossas melhores linhas de defesa, quase sempre envolvidas ou esmagadas por um inimigo muito superior em número e em armas, não pode compreender a nossa insólita e inesperada resistência.

Mas refeito logo do revés, ferido em seu amor próprio, e tendo recebido novos e frescos reforços, sobretudo de artilharia, prepara-se para voltar à carga na manhã seguinte.

De nossa parte também não perdemos tempo, e certos de que seremos de novo investidos, com dobrada fúria, tratamos de melhorar as trincheiras.

Com a prática adquirida nos combates anteriores, e sem orientação de oficiais, cavamos excelentes abrigos contra artilharia e aviação, reforçamos os parapeitos, e disfarçamos com folhagem e tão bem os nossos redutos, que os tornamos imperceptíveis, mesmo para os olhos de abutre da aviação.

Animados pelo sucesso do dia anterior estamos agora mais dispostos do que nunca a barrar o passo ao adversário.

São oito e meia da manhã. Até agora, nada de anormal.

Às 9 hs., porém, desencadeia-se a ofensiva inimiga.

A preparação de artilharia, desta vez, é formidável.

Doze canhões, postados na orla do mato, rompem um fogo infernal bombardeando em tiro direto as nossas posições.

As granadas estão caindo tão próximo que muitas vezes sentimos no rosto o salpicar da terra que levantam.

Os schrapnels começam agora a explodir, espalhando por toda a parte uma verdadeira chuva de balins.

Sumidos nos abrigos, atordoados, cobertos de terra, esperamos que passe a tormenta. Mas esta recrudescer de instante a instante.

De outros pontos, batendo os nossos flancos, novas peças entram a funcionar.

É a artilharia pesada!

As granadas de 105 mm., ao cair, sacodem o solo como se quisessem fendê-lo.

O ódio do inimigo parece concentrar-se todo nesse tremendo bombardeio de destruição e de morte, onde chega a empregar 20 peças de artilharia!

Uma das trincheiras, a que está sob o comando do sargento Tacito de Souza, é batida com tanta intensidade que o mato em volta se incendeia e as chamas ameaçam envolver os voluntários.

A fumaça torna o ar sufocante, irrespirável. Urge sair e apagar o fogo se não quiserem morrer todos asfixiados.

Mas o inimigo percebe essa intenção, e quando os rapazes começam a deixar a trincheira para atacar o incêndio, dezenas de schrapnels são lançados contra eles.

É nesse momento que tomba heroicamente Lauro de Barros Penteadado, atingido por um estilhaço de granada. Morreu como um herói, morreu como um paulista sabe morrer, pedindo que o enterrassem com a farda, que sempre soubera honrar.

Mas essa perda inestimável não abate o ânimo de seus companheiros, que demonstram todos uma intrepidez de veteranos. Apagando o incêndio do mato em pleno bombardeio, voltam a ocupar a mesma posição.

O inimigo, porém, julgando que as trincheiras paulistas, tão persistentemente revolvidas pela artilharia, só poderiam estar, a essa hora, abandonadas ou juncadas de cadáveres, lança de novo a sua infantaria.

Mais numeroso do que na véspera, o inimigo avança, baioneta calada. Mas desta vez ainda se enganara!

Nas trincheiras paulistas o 14 de Julho está coeso e pronto a repelir o ataque. E violenta fuzilaria acolhe de novo os atacantes.

O combate trava-se, feroz e encarniçado.

O inimigo bate-se valentemente, mas os seus esforços vêm quebrar-se ante a vontade daqueles rapazes, de resistir, custe o que custar.

Alguns dos atacantes, que se atrevem até perto das trincheiras, são despedaçados pelas granadas de mão.

E impotente ante aquela inesperada e decidida resistência, o inimigo recua pela segunda vez.

À tarde, a artilharia inimiga volta a funcionar. Mas os seus tiros, embora bastante precisos e caindo a poucos metros das trincheiras, não nos causam o menor dano.

Todavia o Caio Ribeiro de Moraes, tendo deixado o prato no dorso da trincheira ao se abaixar sob um disparo, por pouco não quebrou um dente ao morder depois uma batata em que se havia encravado ... um estilhaço de granada!

Só agora os nossos canhões se fazem ouvir, com quatro míseros disparos, atirados sem observação e tão mal regulados que se perdem, inúteis, a grande distância das posições inimigas.

Era assim que os nossos artilheiros respondiam ao formidável ataque da manhã, em que o inimigo não hesitara em trazer os seus canhões ao alcance de um tiro de fuzil.

O efeito que esses disparos causaram está bem definido nas palavras com que um oficial da artilharia inimiga o registrou, em seu diário de campanha:

Ao cair da tarde, a artilharia inimiga manifestou-se com alguns tiros sem resultado. Obtivemos um projétil que não explodira. Tratava-se duma granada modelo 1915 da artilharia de montanha inimiga. Esta, já quase noite, dera esses tiros a esmo, sem observação, sem regulação. Essa artilharia se

mostrava, portanto, indigna da infantaria paulista que continuava resistindo, galhardamente.

Choveu a noite toda.

E agora, ao amanhecer, uma garoa fina e penetrante nos enregela até os ossos.

Noite terrível, essa.

Para evitar surpresas, e embora em nossa trincheira fôssemos apenas dezesseis, quatro rapazes velaram constantemente, pés afundados na lama, o corpo sob os palas ensopados.

Ao amanhecer de 19 de setembro, entanguidos de frio, esperamos ainda e em vão pelo café, quando corre a reconfortante notícia de que seremos substituídos, talvez ainda hoje, pela tropa que acaba de chegar de Mato Grosso, constituindo o batalhão Visconde de Taunay.

Mas desde o início da Revolução, as boas notícias nos têm sido de mau agouro. E porisso essa nos enche de pressentimentos.

Já passam de oito horas, e até agora nenhum tiro veio ainda quebrar a paz profunda que envolve aqueles morros, regados já por tanto sangue.

Estamos tristes. O orgulho da vitória, o prazer do dever cumprido, não nos domina mais. Morrera o Lauro.

E enquanto ali estamos, abismados neste pensamento, que se estará passando nas linhas do inimigo?

Abatido pelas sucessivas derrotas terá perdido, enfim, a esperança de passar através de trincheiras onde os bombardeios aéreos e o martelar constante da artilharia conseguiram apenas redobrar o ânimo de seus defensores, elevando a um grau incrível o seu poder de resistência?

Ou, ao contrário, enraivecido pelos insucessos, estará neste momento concentrando todas as suas forças, reunindo as suas melhores armas para, num esforço desesperado, tentar ainda uma vez submergir sob a leva imensa de seus soldados aquela tenaz e exasperante resistência?

Anima-nos a esperança de que o inimigo não nos ataque mais, preferindo tentar romper em pontos mais vulneráveis a extensa frente paulista.

Mas aquele amanhecer, cinzento e triste, era como um prenúncio de desgraça. E desvanecendo as nossas esperanças um grito de desafio parte do mato em frente:

— Pooliista! Acorda p'rá tomá café!

E uma rajada interminável de metralhadora acompanha, como um gargalhar sarcástico, o grito insolente do nortista.

Aquela rajada fora sem dúvida um sinal. O sinal de ataque!

De cada árvore, de cada abrigo do morro fronteiro, rompe violenta fuzilaria. Fuzis, armas automáticas, tudo funcionando a um tempo.

Pela primeira vez o inimigo está empregando metralhadoras de fita, capazes de despedir de um jato 250 tiros!

Capacetes enterrados até aos olhos, a chuva a escorrer pelo corpo, preparamo-nos para suportar o choque da infantaria inimiga.

Como na véspera, vemos o morro em frente coroar-se de soldados que surgem do matagal às centenas, como bandos de demônios, e se precipitam correndo para o assalto à arma branca.

Vêm em longas fileiras, os oficiais vociferando à frente, e avançam sob a cerrada proteção de todas as suas armas automáticas.

É tremenda a violência do ataque!

Mas galvanizados pelo sentimento do dever ninguém tem sequer a lembrança de ceder um só passo ante aquela massa humana que investe contra nós em louca disparada.

Angustiadados, o coração a arrebentar no peito, esquecemos tudo: perdemos a noção de tempo, do lugar em que estamos, do perigo iminente que corremos.

Uma única idéia nos obceca, nos domina por completo: a de que é preciso resistir, resistir, resistir...

O inimigo está cada vez mais próximo!

Empenhados de corpo e alma procuramos detê-lo, abrindo contra ele um violentíssimo fogo cruzado.

Sob as nossas balas muitos vão caindo. Mas novos atacantes surgem, de toda a parte, e o avanço não se detém. Conseguimos, apenas, atenuar o seu primeiro ímpeto.

O inimigo avança agora mais cautelosamente, procurando se abrigar melhor.

Manejando febrilmente as armas, queimamos montes de munição.

Mas cada fuzil dos nossos encontra pela frente uma metralhadora, ou quando menos um fuzil-metralhadora. Milhares de balas chovem sobre nós, encravam-se na terra vermelha do parapeito da trincheira ou passam, assobiando, rente aos capacetes.

E ninguém se lembra de abaixar.

Atirando, atirando sem cessar, os nossos fuzis continuam despejando a morte sobre os atacantes.

Estamos ouvindo agora, dominando o próprio estrondo das armas, gritos selvagens do inimigo.

Chegam até nós, através do crepitar da fuzilaria, imprecações de ódio, estertores de dor e, por fim, berros que não parecem humanos mas que traduzem uma horrenda alegria.

De nada valera o nosso afinco ...

O inimigo já está tão próximo que podemos ouvir, distintamente, as ordens de seus chefes.

Apelamos então para o nosso recurso supremo, as granadas de mão. Mas são tantos os atacantes e tal o seu ímpeto que nada pode detê-los.

Ao vermos por fim reluzir, a poucos metros da trincheira, as baionetas caladas do inimigo, ficamos completamente alucinados, perdemos a noção de tudo.

Não somos mais homens, não somos mais os voluntários cheios de ideal e de fé, que partiram para a frente oferecendo o seu sangue em holocausto à lei. Somos agora selvagens, somos feras com figura humana, matamos para não morrer!

Ao ouvirmos os estertores de dor do inimigo, ao acertarmos em cheio uma granada, satânica alegria nos invade.

Destruir, matar, é o nosso único desejo.

— Estamos cercados!

O inimigo conseguira se infiltrar, e nos ataca agora pela retaguarda. Não sabemos mais para onde atirar. Atrás, à frente, de todos os lados chovem balas e se ouvem os brados de triunfo dos atacantes.

Passa-se então um momento de atroz hesitação.

Mas aquela valente rapaziada jamais se renderá enquanto tiver um fuzil entre as mãos e uma bala nas cartucheiras.

É horrível o que se passa então em duas das nossas trincheiras, já completamente sitiadas.

Os rapazes começam a atirar em todas as direções. E formando um verdadeiro círculo de fogo, tentam desesperadamente impedir que o inimigo transponha os parapeitos de suas trincheiras.

As últimas granadas estão sendo lançadas, freneticamente, despedaçando e enchendo de terror os atacantes.

Mas cego de ódio o inimigo volta sempre à carga, e o cerco estreita-se de instante a instante.

Na trincheira comandada pelo Oscar Siqueira o Paulo Bifano Alves é um dos que melhor se bate. Com o seu mosquetão, desafiando a morte, não cessa um só instante de atirar. Combate ainda bravamente, queimando os seus últimos cartuchos, quando uma rajada de F.M. o atinge em plena frente.

Sem um grito caiu, estreitando nas mãos, num derradeiro esforço, o seu inseparável mosquetão. E o sangue de mais um bravo tinge o solo paulista.

Mas a luta prossegue, encarniçada e violenta.

De rastros, esgueirando-se através daquela tempestade de balas, muitos tentam atravessar o cerco mas poucos o conseguem.

De uma trincheira acabam de sair três: os irmãos Marcelo e Yelmo Ribeiro dos Santos e o Fausto Toledo.

São pressentidos, porém, e um F.M. instalado a pequena distância despeja sobre eles a sua carga mortífera.

Felizmente não são atingidos! E um segundo depois, era o fuzil do Yelmo que prostrava sem vida o atacante.

Continuam avançando, abaixados ou de rastros por entre a macega, quando um gemido surdo os faz parar. Um companheiro que os precedera, o Cesar Penna Ramos, jaz por terra, o ventre crivado de balas.

Juntamente com o voluntário João Garcia, que acabava de surgir, levam-no até um abrigo próximo onde Garcia se dispõe a ficar a seu lado até à chegada do inimigo, a cuja assistência pretendia entregar o ferido.

É então que a têmpera desse paulista se revela, em toda a sua pujança, por palavras que são um bravo seria capaz de pronunciar. Caído naquele mato varrido pelas balas, esvaindo-se em sangue, esse autêntico herói esquece-se de si para pensar apenas nos seus companheiros:

— Deixem-me aqui. Eu sei que vou morrer... mas vocês ainda podem se salvar.

Quase ao mesmo tempo, lutando bravamente em outras trincheiras já completamente sitiadas, caiam mortalmente feridos os voluntários do 14 Argemiro Alves Silvestre e José Jeronimo Vasconcelos.

Agora é o Ary Fernandes que, valentemente, arrostando todos os perigos, salta da trincheira e corre através da infernal fuzilaria. Está quase a salvo quando uma bala traiçoeira alcança-o no rosto, varando-lhe um dos olhos. Tomba fulminado.

E nesse instante, estoicamente, um cora o de mãe sacrificava   Pátria o seu segundo filho, ambos voluntários de 32.

Em vários pontos combate-se agora corpo a corpo. Revólver contra baioneta!

Próximo ao P.C. passa-se uma cena assombrosa que bem comprova o denodo com que estão lutando os nossos rapazes.

É o Aulus Plautus Coelho Pereira que, numa curva de picada, encontra-se cara a cara com um paranaense.

A baioneta em riste, grita-lhe o inimigo:

— Renda-se, paulista! Largue as armas!

Mas Aulus é um valente. Com a baioneta inimiga quase unida ao peito, arranca do revólver e atira. Errou!

Soltando uma praga, o adversário investe e o sabre vai cravar-se na mão com que Aulus tenta desviar o golpe.

O paranaense ataca novamente, quando uma bala certa lhe despedaça o crânio. Era um dos nossos, o Djalma Bitencourt, que chegava a tempo de salvar o companheiro da morte trágica, que vira de tão perto.

O nosso P.C., situado muito   retaguarda, está já em poder dos atacantes, e ainda se combate intensamente nas trincheiras!

Mas já não há esperanças.

Tomados de vertigem, os rapazes procuram apenas matar, matar até o último momento ...

E   somente após quatro horas de luta sangrenta e encarniçada, depois de esgotar todos os recursos, de apelar para todas as armas, que tombam enfim as trincheiras paulistas submergidas pela onda imensa dos atacantes.

E quarenta e quatro bravos são aprisionados, de armas na mão, depois de manterem até o fim, altivamente, o posto de honra e de sacrifício que São Paulo lhes confiara.

Mas o ódio do inimigo ainda não estava saciado.

E quando os prisioneiros já haviam abandonado as armas, sem que nada o explicasse, salvo o próprio ódio, um tiro assassino   desferido sobre eles, quase a queima-roupa, ferindo mortalmente o Clineu Braga Magalhães.

Mais um companheiro perecia assim, no próprio campo da luta mas depois de depostas as armas, vítima inerme da sanha de um bandido.

Mas enquanto essas cenas dantescas se sucedem, alguma coisa de incrível está se passando na trincheira ao lado, última a direita e justamente onde estamos.

Afastada das outras uns duzentos metros, isolada lateralmente por um denso mar de samambaias, dela dominamos completamente a frente, mas não podemos ver as posições paulistas que nos ficam ao lado.

Tínhamos atirado durante toda a ação procurando cruzar fogos com as trincheiras da esquerda, que percebíamos serem as mais rudemente investidas. Havíamos feito fogo obliquamente e sem cessar, embora o mato nos impedisse de acompanhar o desenrolar da luta.

E quando essas posições, depois de heróica resistência, caem em poder dos atacantes e o tiroteio cessa, exultamos de contentamento, certos de que o inimigo batera de novo em retirada.

Por outro lado os vencedores, preocupados em despojar os prisioneiros de seus revólveres e capacetes, estão muito longe de suspeitar que numa derradeira trincheira, quase encoberta pelo mato, dezesseis paulistas estejam ainda, tranquilamente, conversando.

Entre nós há tanta certeza de que o inimigo retrocedeu, que alguém chega a dizer:

— Aí, cachorrada! Conheceram o que é pulso de paulistall?

Passara-se algum tempo desde a cessação do combate quando, subitamente, começamos a ouvir gritos confusos que se aproximam pela esquerda, quase à retaguarda. Que significará aquele vozerio?

— Tenente Napoleão! Venha ver o que é isto!

Um dos nossos tem, porém, uma idéia que parece explicar tudo:

— Devem ser os soldados de Mato Grosso que chegam para nos substituir!

E nós estamos quase acreditando...

Mas não! Aqueles gritos se assemelham mais a brados de triunfo!

Ficamos atônitos, sem saber o que fazer. O Ten. Napoleão torna-se inquieto. E nesse instante de angústia, traduzindo os nossos pensamentos, comete sem o saber uma cruel injustiça:

— Estamos perdidos! O Tácito abandonou a sua trincheira sem nos avisar! Abriu o flanco e deixou-nos sozinhos no meio do inimigo!

Sentimo-nos enganados, e isso nos enche de raiva e desespero. Abandonados pelos próprios companheiros!

Na extremidade esquerda de nossa trincheira há um pequeno trecho que se estende obliquamente para trás, protegendo o flanco.

E é justamente nessa direção que os gritos se aproximam. Ali estamos, ombro a ombro, o Bernardo Meyer, o Caio Ribeiro de Moraes, o Arnaldo Serroni, o Eduardo de Souza Queiroz, o João Veloso de Andrade, o Cyro Marx e eu. E naquele trecho, não caberia mesmo mais ninguém.

Bruscamente, bem à nossa frente, surge do mato um caboclo, o boné de campanha quebrado na testa, o fuzil na mão, uma enxadinha no ombro. Surgiu a menos de dez metros da trincheira e, satisfeito, vem falando alto:

— Isto aqui é um céu!

Mas não pôde continuar. Cyro e o primeiro a avistá-lo e, pelo boné, vê logo que é um inimigo:

— Isto não é gente nossa! Fogo, pessoal!

O soldado, surpreendido, procura fugir. Volta-se, tenta correr, e cai como uma massa.

A bala de Cyro não errara o alvo.

Mas berros selvagens fazem éco ao estampido. O matagal se agita e, através da macega, vemos soldados que avançam agachados, gingando como macacos.

E como vêm em direção do flanco esquerdo da trincheira, apenas os sete rapazes que ali se acham estão em posição de enfrentá-los.

Sentimos que só há uma hipótese de salvamento: escapar pela extremidade oposta da trincheira. Em circunstâncias tão desfavoráveis, parece uma loucura tentar resistir.

Mas essa loucura, nós a cometemos.

Somos ao todo dezeseis, temos só quinze fuzis funcionando. E sendo o ataque de flanco, apenas sete poderão atirar sobre o inimigo... Mas nenhum dos nossos vacila.

Recuamos muitas vezes, para cumprir ordens, mas não sabíamos ainda o que fosse fugir. E empunhando as armas, tentamos resistir!

Com tiros certos abatemos os primeiros atacantes, que já estão a poucos passos da trincheira.

Mas atrás destes muitos outros vão surgindo, e loucos de ódio avançam agora correndo, a peito descoberto.

Para detê-los, começamos a atirar com tal rapidez que os nossos sete fuzis crepitam como se fôssem fuzis-metralhadoras.

Entretanto, com um barulho ensurdecidor, entram de novo em ação as numerosas armas automáticas do inimigo.

As balas estão chovendo sobre nós, às centenas, e passam zunindo a poucos centímetros de nossos capacetes.

Por quanto tempo poderemos sustentar o fogo?

Alguns fuzis que engasguem, o menor desfalecimento nosso, será bastante para que o inimigo, de um salto, transponha o parapeito da trincheira.

Estamos atirando desesperadamente há alguns minutos, que nos parecem horas, quando me lembro das granadas de mão. Mas elas estão na outra ponta da trincheira:

— As granadas! Depressa!

E quando estas chegam, passadas de mão em mão, sinto que não posso atirá-las. Tenho a impressão de que se largar o fuzil, por um momento que seja, o inimigo saltará dentro da trincheira!

É o Caio Ribeiro, cujo fuzil engasgara, e o Meyer, que começam a arremecê-las sobre os atacantes. O efeito é como sempre assombroso, pois dessa arma o inimigo tem verdadeiro pavor.

Atrás de um pinheiro, situado a menos de quinze metros, acaba de ser instalado um F.M. inimigo que ameaça nos matar a todos.

Uma granada é lançada nessa direção.

Ao arrebentar, um hurro de dor, medonho, lancinante, atoa os ares. E o F.M. não funciona mais!

Blasfemando e vomitando pragas, os inimigos recuam um pouco, tentando se abrigar melhor.

Nesse instante, o nosso tenente ordena:

— Vamos sair daqui! Não é possível resistir mais tempo!

Inflamado pelo combate, um dos nossos responde:

— Daqui ninguém sai, vamos resistir até o fim!

E a luta prossegue, cada vez mais desigual.

Alguns minutos decorrem ainda, de luta brutal e sem esperanças, quando ouvimos distintamente um grito de comando inimigo:

— Pelo mato, pessoal! Ataquem pelo mato que não escapa nenhum!

Um frio nos percorre a espinha.

O mato, a que aludira a ordem do inimigo, fica justamente à nossa retaguarda, a vinte metros no máximo. E como a nossa trincheira não tem abrigo no dorso estamos, pela retaguarda, com as costas inteiramente a descoberto.

Sem perder a calma, é o Cyro Marx quem ordena então:

— Acácio! Faça fogo sobre o mato e atire sem parar!

Mas sentimos agora que permanecer ali não é mais coragem, é insensatez. Dentro de alguns minutos o inimigo terá alcançado o mato, e bastará então uma rajada para nos matar a todos.

Por que morreremos assim, inutilmente, quando podemos ainda tentar escapar ao cerco para irmos de novo nos incorporar às fileiras de nosso pequeno e já tão desfalcado exército do sul?

A nossa decisão é rápida. E sem perder um minuto tratamos de executá-la.

Pela extremidade livre da trincheira, sem dizer palavra, os nossos rapazes começam a sair, um a um, levando apenas o fuzil e a munição que resta.

E enquanto isso, na extremidade oposta, detendo sempre o inimigo, tratamos de encobrir a manobra intensificando a fuzilaria e lançando as últimas granadas de mão.

Já saíram quase todos. Chegou, enfim, a vez de nosso grupo!

Frente voltada para o inimigo, começamos a recuar de costas, sem interromper o fogo. Entretanto, atiramos agora para o alto a fim de não atingir os companheiros que vêm por último, ao longo de nossa estreitíssima trincheira.

Abaixando-nos o mais possível, conseguimos sair todos e alcançar o mato, onde o inimigo já não nos pode avistar. Mas as balas continuam zunindo em nossa direção, e só por muita sorte não somos atingidos.

Alguém se irrita agora contra o Orlando Longo que, com calma imperturbável, caminha sem se apressar, retardando a marcha dos que o seguem.

Acabamos de atravessar o mato! Não sabemos, porém, se o inimigo já não terá cortado a picada, à nossa retaguarda. A cada instante, temos a impressão de que vamos encontrá-lo pela frente.

Mas, de repente, avistamos o Antonio Carlos Crespo de Castro, mais conhecido por cabo Jararaca, que segue pelo atalho, uns cem metros à frente. E isso nos tranquiliza e convence de que o inimigo não atingiu ainda a estrada que visamos.

Apertando o passo, precipitamo-nos pela encosta que conduz a nosso antigo acampamento. E enquanto alguns rapazes procuram a estrada, outros prosseguem através do mato, prevendo um rápido avanço da cavalaria inimiga.

Ao atingirmos a crista da primeira elevação do terreno, olhamos instintivamente para trás. Avistamos então, sobre o morro que acabamos de deixar, um grupo inimigo que avança correndo, em formação de combate. Ao nos avistar começa de novo o sibilar das balas, que se enterram na estrada levantando nuvens de poeira.

Mais um arranco e transpomos a crista da colina.

Terminou por ora o perigo. Os projéteis inimigos perdem-se agora muito alto, já não nos podem atingir ...

Terminado estava, também, o renhido combate de Cerrado, onde cerca de 200 rapazes do 14 de Julho resistiram, quase sozinhos e durante vários dias, ao tremendo embate de mais de 2.000 homens de tropas regulares, magnificamente equipadas com armas automáticas, 20 peças de artilharia e 4 aviões de bombardeio, para só recuar depois de queimar os seus últimos cartuchos e de inflingir ao inimigo para mais de duzentas baixas...

TAQUARAL ABAIXO

Depois de um revigorante descanso de cinco dias em São Paulo, concedido logo após o combate de Cerrado e, por certo, bem merecido após mais de setenta dias de árdua campanha, o 14 de Julho se sente novamente em forma e pronto para voltar às trincheiras.

Tendo perdido até agora 11 companheiros mortos, 55 prisioneiros e várias dezenas de feridos e doentes graves, o Batalhão acha-se, por isso mesmo, bastante desfalcado.

Além disso, por ordem superior, acaba de ser dividido em dois grupos, que se vêem inesperadamente separados.

Um deles, constituído por cerca de 40 voluntários, deverá permanecer por mais um ou dois dias no Quartel de Quitaúna para completar o treinamento que vem recebendo sobre o manejo de bombardas e de sapinhos(16) armas estas que já estão sendo fabricadas em série pela improvisada mas excelente indústria de guerra paulista. Esse contingente deverá seguir, já constituído em Grupo de Bombardas e Grupo de Sapinhos, para se reunir ao grosso do Batalhão que, nessa mesma noite de 27 de setembro, vai retornar à frente de combate.

O outro contingente, integrado por 193 combatentes, recebe ordem de embarcar de imediato para o sul, onde a presença do 14 de Julho é insistentemente reclamada.

Sob o comando de nosso intrépido e incansável Major Aristides Leite Penteado, que tão denodadamente chefiou nosso Batalhão nos duríssimos combates do Rio das Almas e do Cerrado, essa tropa embarca às 23 horas, de novo pela Sorocabana e, como já de hábito, em vagões de segunda classe.

Ao amanhecer do dia seguinte o trem se detém na estação de Itapetininga, onde toda a tropa desembarca.

Após um café bem quente, tomado na própria estação, o Batalhão se instala em vários caminhões que o levam, diretamente, a uma cidadezinha não muito distante do rio Paranapanema e conhecida pelo nome de Taquaral Abaixo. Situa-se ela à margem da estrada de rodagem que liga São Miguel Arcanjo & Capão Bonito, ponto-base de onde parte o avanço do adversário no setor. Daí a expectativa do comando, confirmada por vários indícios, de que o inimigo tentará logo atacá-la.

Em torno e atrás dessa minúscula cidade, dispostas em forma de semi-círculo, estão as trincheiras paulistas ameaçadas pela vanguarda inimiga que já se acha bem próxima e que, segundo tudo indica, se prepara para romper de qualquer modo esse entrave que se antepõe a seu avanço.

Mais para a esquerda, entre a ainda incompleta linha defensiva paulista e os contra-fortes da Serra do Mar, que constituem obstáculo natural à passagem de tropas adversárias, caberia ao 14 de Julho abrir suas próprias trincheiras para completar e fortalecer a defesa do local. E ele o faz com a rapidez e a eficiência já adquiridas em muitos dias de campanha, nelas se instalando imediatamente.

Tão logo entrincheirados, os rapazes do 14 procuram se informar sobre os contingentes paulistas integrados no setor, cujo comando acaba de ser assumido pelo Ten. Cel. Agnello de Souza. São eles: uma Companhia do 10º B.C.R., outra do Batalhão Bandeirante, esta munida de bombardas, e um

esquadrão de cavalaria do 11° R.C.I. de Mato Grosso, todos com seus efetivos bastante reduzidos. Incluída a tropa do 14 perfazem, ao todo, menos de 400 homens.

Era pouco, muito pouco mesmo, sobretudo levando-se em conta a insuficiência do armamento de que dispõem, em sua maior parte constituído de velhos e descalibrados fuzis, um número inexpressivo de armas automáticas e a total ausência de artilharia.

O dia 29 de setembro passa-se em relativa calma. De suas trincheiras recém-construídas os rapazes do 14 ouvem, apenas, alguma fuzilaria e o estrondo de um pequeno número de granadas que a artilharia adversa lança sobre a tropa que defende a extremidade direita do setor.

Trata-se, certamente, de um primeiro e ligeiro ataque da vanguarda invasora, que procura testar as nossas linhas de defesa. Comprova-o o demorado vôo de observação de dois aviões contrários.

Já no dia seguinte, porém, os canhões inimigos bombardeiam toda a linha de defesa paulista com grande intensidade. A nossa tropa abriga-se como pode mas sem revidar ao ataque pois, como tantas vezes já lhe tem ocorrido, não dispõe aqui de nenhuma artilharia.

À tarde, uma das trincheiras do 14 identifica tropa inimiga se aproximando através de um brejo, protegida pela densa vegetação que o recobre.

Obedecendo ordens, os rapazes deixam que o adversário chegue até bem perto, quando então desferem contra ele o fogo de todos os seus fuzis acompanhado do lançamento das granadas de mão de que dispõem e que são a arma mais temida pelo inimigo.

O avanço é, por fim, repellido e a tropa atacante volta às suas posições anteriores sob a proteção da fumaça que se desprende da queimada que ela própria ateava, pouco antes, para encobrir sua manobra. Mas, com fito de evitar qualquer nova surpresa, os voluntários mantêm-se vigilantes durante toda a noite.

Ao amanhecer de 30 de setembro, sob a cobertura de sua numerosa artilharia, o inimigo desencadeia violento ataque contra toda a linha de defesa paulista. Combate-se brava e decididamente em todas as trincheiras, em meio às granadas que explodem a curta distância. O adversário se aproxima tanto de nossas posições que a guarnição de uma das trincheiras do 14 chega a fazer três prisioneiros e, melhor ainda, a apoderar-se de um precioso F.M. que um deles portava.

Por volta do meio dia, porém, uma de nossas trincheiras, a mais intensamente visada, não consegue deter a tropa atacante quando, com os 18 homens de que dispunha, chegou a ter apenas quatro de seus fuzis funcionando! E, sem outra alternativa, vê-se obrigada a abandonar sua posição para não cair prisioneira.

Mas esse recuo inevitável, deixando aberta uma brecha em nossa frente, obriga toda a linha paulista a recuar para trincheiras abertas mais

atrás, que tinham sido previamente preparadas para serem usadas em caso de mudança forçada de posições.

Assim, em condições muito desfavoráveis, sob o fogo cerrado da infantaria e artilharia inimigas e perseguida, durante todo o trajeto, por um avião que teima em metralhar de perto a força em retirada, é quase inacreditável que a tropa paulista tenha conseguido alcançar as novas trincheiras, situadas cerca de quatro quilômetros à retaguarda, sem sofrer vultosas perdas.

O 14 de Julho teve, entretanto, um único ferido e não mais de oito prisioneiros. Foram estes Jorge de Ulhôa Cintra, Edmundo Navajas, José Penteado Salles, Antonio Ghirlanda, Waldemar Geraldine, Odair Lobo, Estenislau Biondi e Nilo Porto.

Mais, porém, que o aprisionamento dos companheiros, mais que o amargor da retirada, a sofrida tropa do 14 se sente a beira do desespero com as notícias que desde a véspera lhe chegam de São Paulo e que falam, insistentemente, de armistício e de rendição.

Nas trincheiras de Taquaral Abaixo, porém, com as poucas armas que lhe restam mas com o coração animado do mesmo ardor combativo, a tropa do 14 não se conforma com as notícias de derrota e, dando como boatos a triste realidade, decide prosseguir na luta.

E é assim que, enquanto em todo o Estado de São Paulo as tropas do Exército Constitucionalista depunham as armas em obediência a ordens recebidas do alto comando, não longe da pequenina e distante Taquaral Abaixo, encravada nos confins do Paranapanema, os rapazes do 14 de Julho, sempre sob o firme e sereno comando do Major Penteado, continuam a disparar contra o inimigo que já se aproximara das novas e derradeiras posições que ocupam e das quais partiriam, até ao entardecer do dia 2 de outubro, os últimos tiros da Revolução Paulista.

Quanto ao pelotão do 14 que, equipado com bombardas e sapinhos deveria vir a seu encontro, nem chegou a partir do Quartel de Quitaúna onde, com a mesma angústia dos companheiros que se batiam em Taquaral Abaixo recebeu, já no dia seguinte ao da partida destes, a terrível notícia de que, cercado por todos os lados e após quase três meses de heróica resistência, São Paulo acabava de depor as armas.

CESSA A LUTA MAS SÃO PAULO NÃO SE DÁ POR VENCIDO

Sim, São Paulo depusera as armas após oitenta e seis dias de luta cruenta e encarniçada, batendo-se em três frentes, simultaneamente, contra tropas da ditadura muitas vezes superiores em efetivos e em armamentos e face às quais fora impotente a barreira humana de toda a sua inquebrantável juventude.

Mas, mesmo assim, São Paulo não se dá por vencido!

É que, de volta das trincheiras, temperada e aquecida pelo sangue de tantos bravos tombados no campo de honra, sublimada pelo grande anseio de restituir à Pátria a Constituição que o ditador rasgara, a juventude paulista teve arrebatada de suas mãos as armas que empunhara, mas manteve no peito, mais ardente e viva do que nunca, a chama imperecível do ideal pelo qual de corpo e alma se batera.

E essa decisão de prosseguir a luta até à vitória, esse desejo imenso de continuar combatendo de qualquer modo e em qualquer terreno pelo supremo ideal que a empolga, vem estampado, como se escrito fora, no rosto e no peito de cada paulista que volta da trincheira.

E não apenas naquela tropa de voluntários, que regressa rangendo os dentes e de cabeça erguida, senão no povo inteiro de São Paulo, vê-se gravada na face e nos punhos cerrados a férrea decisão de prosseguir na guerra santa em que todos, todos, tanto se empenharam.

Aquela imagem de São Paulo em armas, quem quer que a viu de perto jamais a esquecerá. Por obra de um milagre e em questão de alguns dias, o nosso tranquilo São Paulo, pacífico e operoso, vira praça de guerra.

Enquanto os jovens se alistam e partem para a frente mal envergada a farda e empunhado o fuzil, na retaguarda ninguém fica inativo.

Hospitais de campanha, confecção de fardas e agasalhos, cursos de enfermagem, preparo de mantimentos e de caixas de cruz vermelha, são tarefas em que as moças paulistas trabalham de sol a sol.

Os serviços de transporte e de correio até às trincheiras, êste exercido pelo insuperável M.M.D.C., os de policiamento, informação, abastecimento e todos os demais que a organização de uma retaguarda de campanha exige, ficam a cargo dos mais velhos e dos meninos que, por força da idade, não puderam seguir para as frentes de combate.

E quanto ao parque industrial de São Paulo, transformado em indústria de guerra, chega a fazer prodígios, desde a produção de munições para todo tipo de armas até à fabricação de bombardas, granadas de mão, capacetes de aço, carros de assalto e até mesmo trens blindados.

E essa gente toda, que é São Paulo em peso, forma e se alinha como se fora um só corpo ao lado dos voluntários que regressam e, com eles, jura prosseguir até alcançar a meta colimada.

É que, no cadinho da luta e do sofrimento sob a bandeira de um ideal comum, ressurgira com todo o seu vigor a fibra perene dos paulistas, rebrotara, intrépido indomável, o ardente sangue bandeirante.

Foi assim, unidos todos sob o mesmo lema, que os paulistas de 32 prosseguiram em sua luta e em sua pregação pela volta à Constituição, na rua e em seus locais de trabalho, nas fábricas e nas faculdades, pela palavra viva e através de panfletos, irradiando por toda a parte a chama avassaladora e candente de seu grande ideal, o retorno à Lei Maior!

Foi também assim, no segundo aniversário da Revolução paulista, sob o olhar atônito e impotente da própria ditadura que continuava instalada no poder, que os voluntários do exército constitucionalista, em formação cerrada, desfilaram pelas ruas de São Paulo com seus capacetes de aço, seus emblemas e suas insígnias e, em cada pelotão, mantidos vagos os lugares dos companheiros tombados no fragor da luta; por entre as calçadas apinhadas pela população inteira da cidade clamando pela volta à lei, por entre todas as casas com as fachadas recobertas de pendões paulistas, a tropa subiu impávida toda a Avenida Angélica e percorreu de ponta a ponta a Avenida Paulista em cujo término foi feita a chamada, um a um, dos integrantes de cada Batalhão que respondia presente, a uma só voz, sempre que chamado o nome de um de seus mortos em combate.

E foi por isso tudo, por essa luta incessante, vigorosa e tenaz, mantida sem tréguas pela gente paulista, luta que cessou nas trincheiras para prosseguir nas ruas, luta contra a qual a ditadura nada podia fazer e diante da qual acabou cedendo, que foi restituído à Pátria em 34, fruto da tenacidade bandeirante, o império da Constituição pela qual tantos se bateram e não poucos morreram.

INSTANTÂNEOS DE TRINCHEIRA

Foi no dia do grande bombardeio, quando nossas trincheiras receberam perto de 250 granadas em menos de uma hora.

Quando o violentíssimo ataque da artilharia ia em meio um dos nossos rapazes, com os nervos em frangalhos, estava visivelmente a ponto de cometer uma loucura. É quando o Paulo Bifano Alves, deixando seu nicho individual cavado no fundo da trincheira, coloca seu próprio corpo como escudo protetor do nicho do companheiro enquanto as granadas continuam caindo a curtíssima distância. E com o dorso totalmente exposto, põe-se a

Ihe contar piadas, procurando e conseguindo acalma-lo até cessar o bombardeio.

Atos de despreendimento e bravura como este houve muitos nas trincheiras do 14 de Julho.

Aconteceu numa trincheira do Morro do Alemão. Há três dias que o caminhão que nos traz comida não chega por causa da artilharia inimiga que enquadrou e ataca constantemente a estrada de rodagem. Todos morrendo de fome. É quando um dos nossos grita: — Não posso comer sozinho esta lata de salsichas que trago escondida no fundo do embornal. Preciso repartí-la com todos! E assim o fez: coube um terço de salsicha a cada um dos famintos. Maravilhosa, essa fraternidade de trincheira!

Foi durante uma retirada. A pedido do tenente que conduzia seus homens pelo mato e precisava saber se o inimigo já ocupara a estrada próxima, que o matagal escondia, o Olavo Pinto de Moraes oferece-se para subir ao tampo de uma árvore. Para isso, teve de tirar as polainas, as botinas e o blusão. Do alto da árvore explica o que vê. Mas quando, sem esperar pelo Olavo, o tenente decide partir com seus demais comandados, rebela-se o voluntário Milton Pinto Coelho e, de arma em riste, berra que ninguém partirá deixando abandonado o companheiro. Caindo em si, envergonhados, todos esperam até que o Olavo desça da árvore, apronte-se e se integre ao grupo.

Na guerra, cada Pelotão se sente como uma só família.

Isto se deu no Fundão, quando a tropa curtia frio e chuva nas trincheiras. Um dos rapazes da 3ª Companhia, que saíra para pesquisar os arredores, deixa de regressar à sua posição. Vários de seus companheiros que partem à sua procura, dentre os quais o Roque Ferrari, vão encontra-lo dormindo de bêbado, ao lado de dois barris de pinga que descobrira num rancho de Fazenda. Tomando conhecimento do fato o comando determina que, com aquele frio cortante, deveria a pinga ser distribuída por todos... para ser guardada e só usada aos poucos, nos dias de frio mais intenso. Uma hora depois não havia um só dos rapazes de pé, inclusive as sentinelas! Foi uma grande sorte que o inimigo não tivesse atacado naquele dia...

Engraçado, engraçado mesmo, era ver a trinca inseparável, os valentes companheiros Marcello e Yelmo Ribeiro dos Santos e seu primo José de Oliveira Pirajá, tentando entrar no enorme abrigo triplo que fizeram na trincheira, mas com um só vão de entrada, necessariamente estreito para evitar desmoronamentos. A cada grito de "Aí vem mecha!", tentavam os três abrigar-se ao mesmo tempo, esquecidos da ordem programada; e ficavam às vezes entalados lado a lado, já que o buraco de acesso só permitia a passagem de um por um. Discutiam, estabeleciam nova ordem de entrada, mas a cena se repetiu mais de uma vez!

Rompidas as linhas paulistas no Cerrado e em cumprimento a ordens recebidas, o cabo Odorico Nilo Menin procura, através do mato, levar seus homens para uma nova posição situada muito à retaguarda. De súbito, depara com um soldado estendido no chão e que, interpelado, afirma sofrer do coração e estar impossibilitado de dar mais um só passo. Deixado ali, seria por certo morto ou aprisionado pelo inimigo que se encontra a curta distância. Sem hesitar, num admirável gesto de dedicação e altruísmo, o cabo Menin toma nos ombros o combatente exaurido do qual nem sequer sabe o nome e, portanto ainda a tiracolo os fuzis e mochilas de ambos, consegue levá-lo a salvo. Só muito mais tarde viria a saber que o paulista que carregara às costas era Sebastião de Almeida, integrante de nosso próprio Batalhão. É incrível o que consegue a força dos vinte anos, aliada a um soberbo espírito de solidariedade.

Numa trincheira ladeada por denso capinzal a tropa se mantém de sobreaviso, pois corre o boato de que a vanguarda inimiga já está bem próxima. Alta noite, ao ouvir forte pisotear na macega, a sentinela dá o alarme e os voluntários queimam quase um cunhete de munição contra o —inimigoll, que foge em disparada. Logo ao amanhecer os rapazes descobrem, crivados de balas, os corpos de ... dois leitões que integravam o bando que se aproximara barulhentemente da trincheira.

O tenente fica furioso com o falso alarme da assombrada sentinela e o enorme desperdício de munição. Mas, sem embargo, é quem come o maior quinhão dos leitões, assados naquele mesmo dia.

FOTOGRAFIAS E MAPAS



Trincheira do 14 de Julho em Guapiara



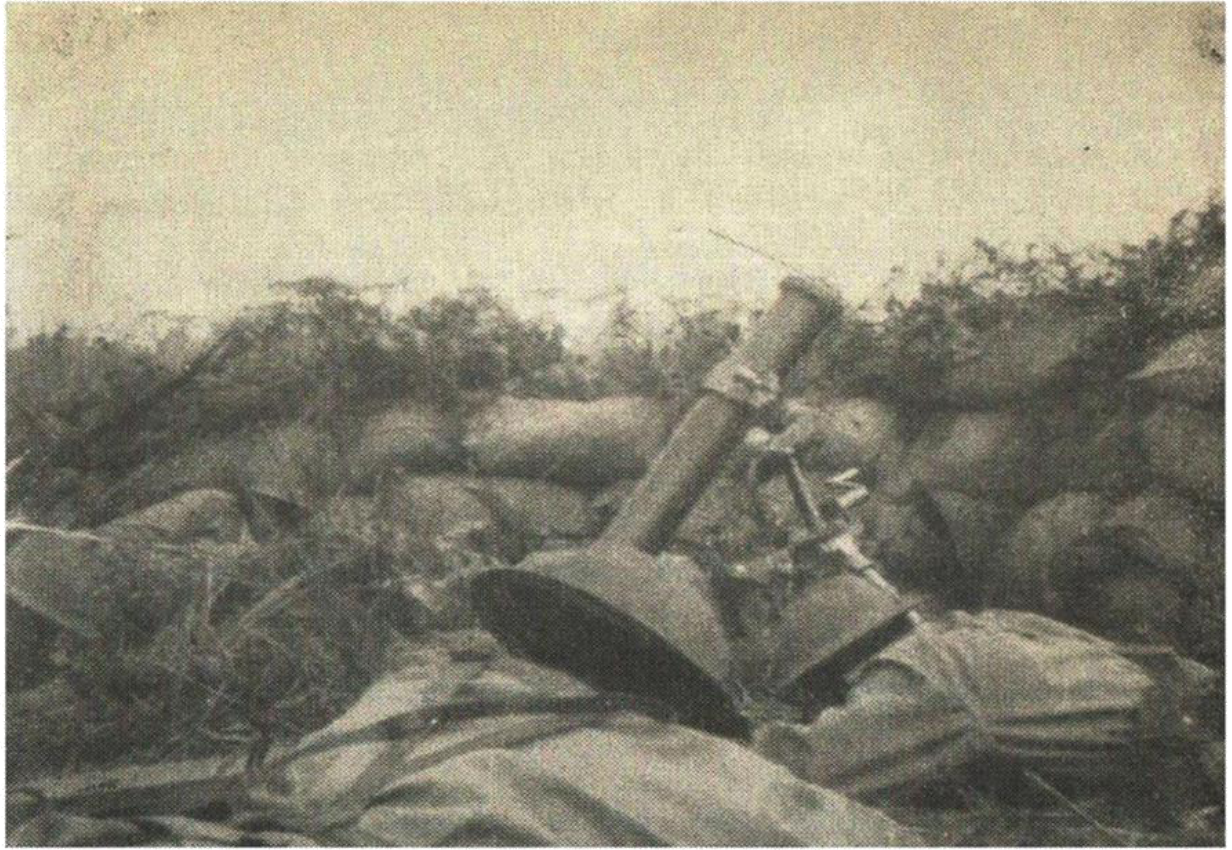
Hora de descanso. Um frio de rachar!



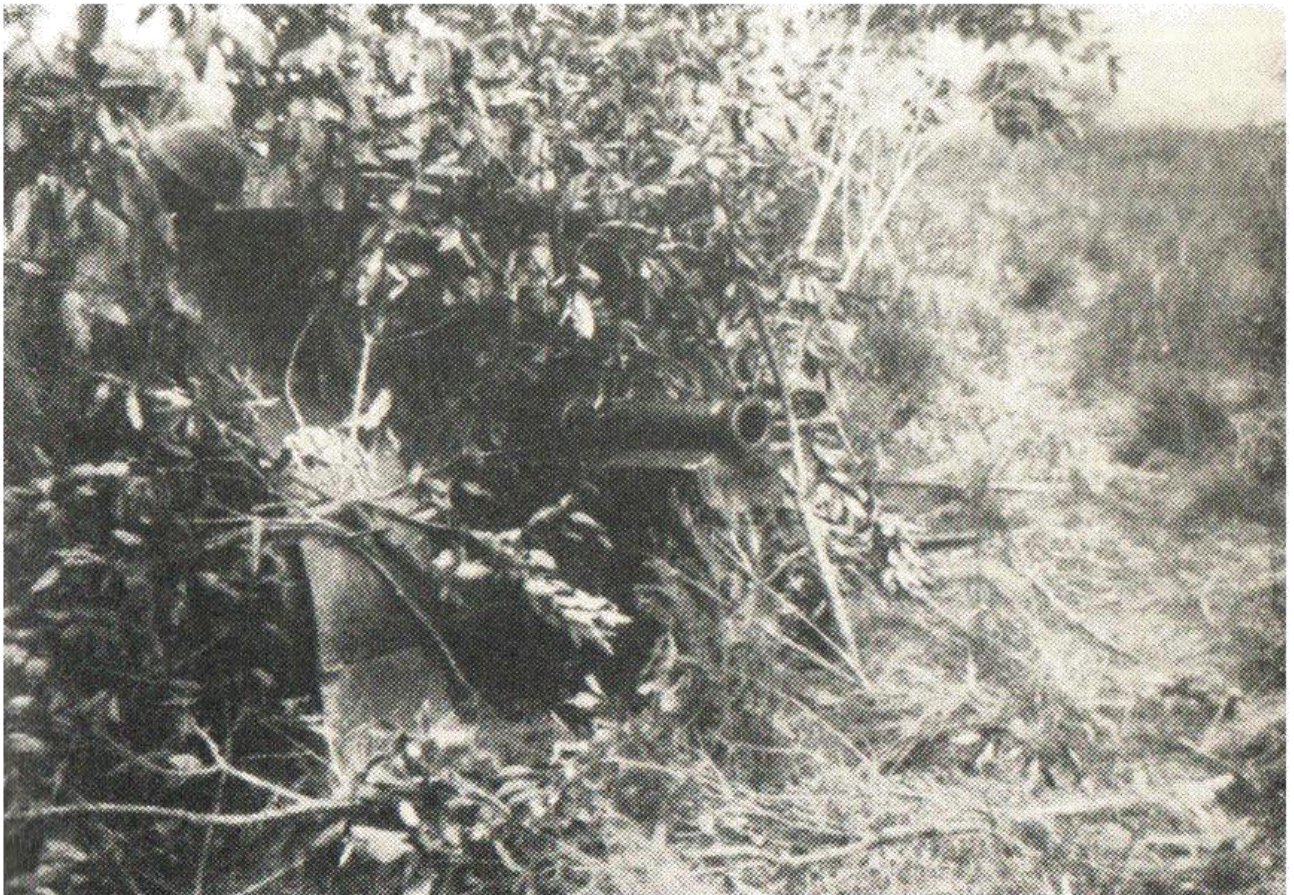
Deslocando-se de rastros, sob bombardeio



Trincheira do 14 de Julho em Taquaral Abaixo



Bombarda em ação – Rio das Almas



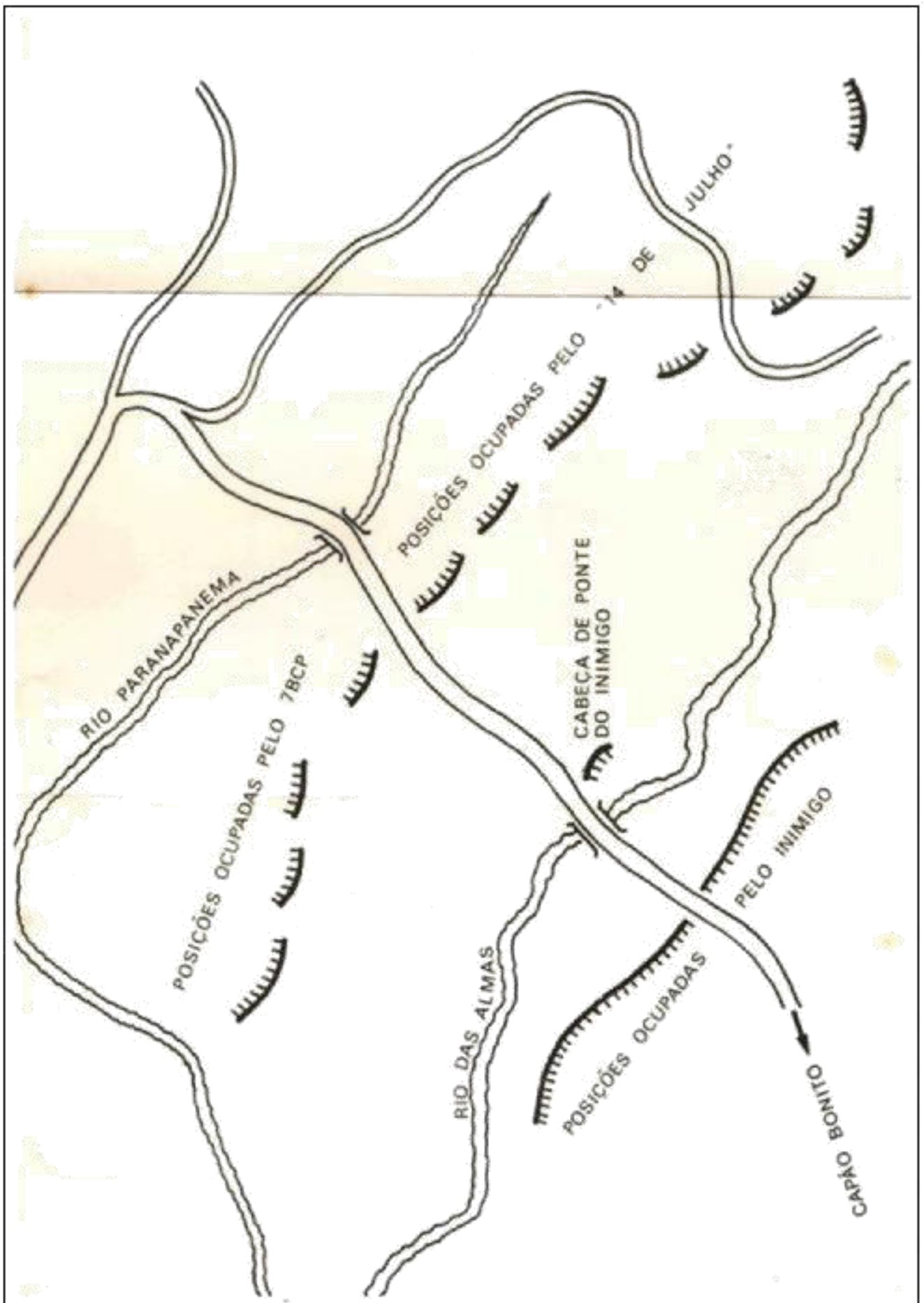
Nosso único canhão – Rio das Almas



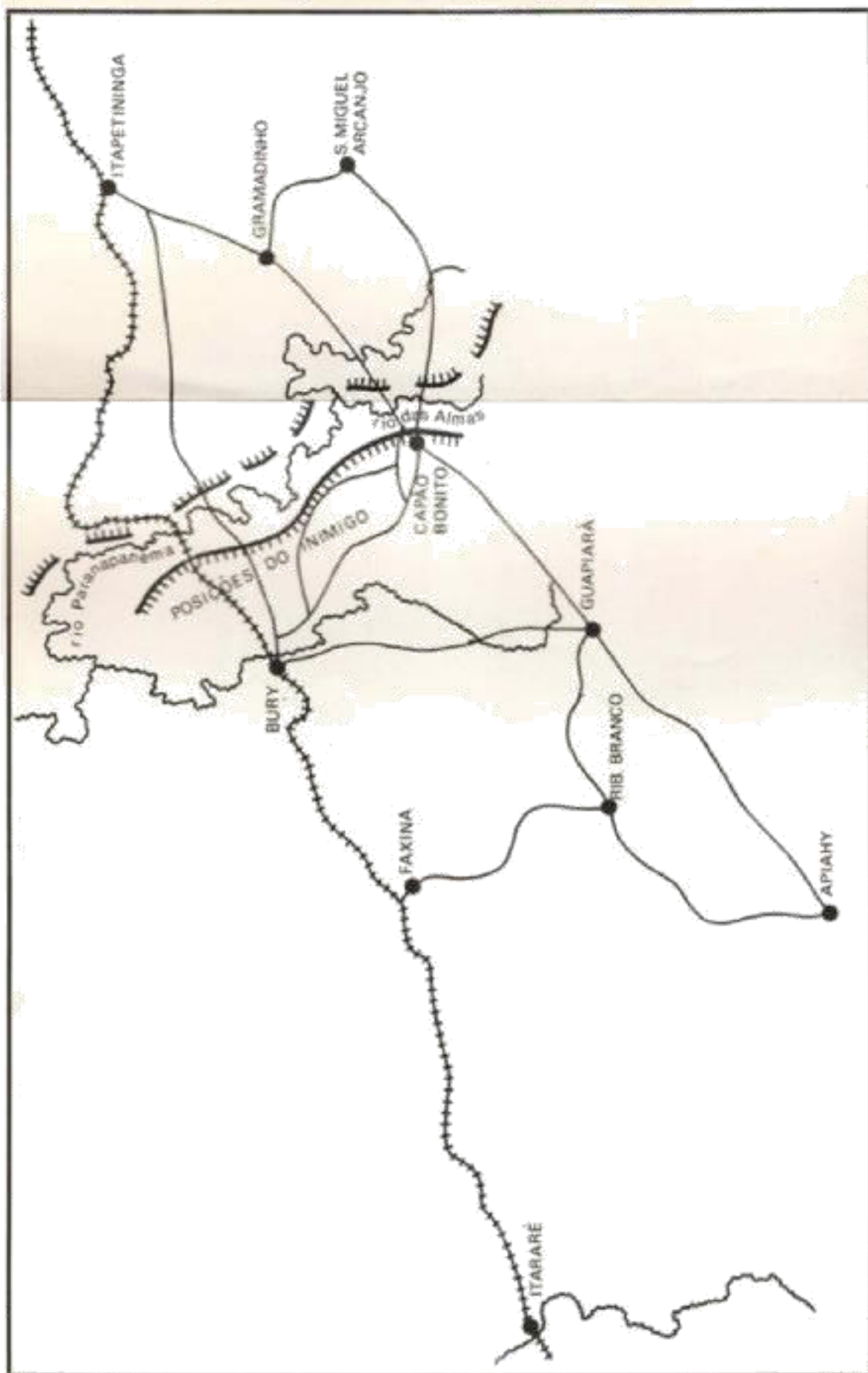
Posto avançado de observação no Cerrado



Trincheira do 14 de Julho no Cerrado



Combate do Cerrado



Setor Sul de Operações da Revolução Constitucionalista de 1932

EXÉRCITO CONSTITUCIONALISTA DO SETOR SUL

Quartel General em Itapetininga/SP

BATALHÃO 14 DE JULHO

Efetivo: 636 integrantes

Comandante do Batalhão

Major MÁRIO RANGEL
Major JOSÉ GARCIA
Capitão CANDIDO BRAVO
Major HELIODORO TENÓRIO R. MARQUES
Major ARISTIDES LEITE PENTEADO

Período de Comando

14 de Julho a 16 de Julho de 1932
16 de Julho a 1º de Agosto de 1932
1º de Agosto a 14 de Agosto de 1932
14 de Agosto a 2 de Setembro de 1932
2 de Setembro a 2 de Outubro de 1932

Capitães

2 voluntários

MIGUEL COUTINHO

URBANO JOÃO DE AGUIAR

1º Tenentes

6 voluntários

ÁLVARO PAULA CAMPOS
CARLOS DE ARRUDA BOTELHO
FRANCISCO ROMEIRO SOBRINHO

HENRIQUE FAGUNDES NETO
MARCELLO LACERDA SOARES
WLADIMIR AMARAL (Médico)

2º Tenentes

27 voluntários

AFFONSO CIPULLO NETO
ALFREDO COLOMBO
ÁLVARO DA SILVA GORDO
ÂNGELO BERNADELLI
ANTÔNIO DOURADO
ATALIBA DUARTE
BENTO LACERDA DE OLIVEIRA
COLOMBO ALMEIDA
ERNESTO W. E. IMBERG
FLÁVIO DE ARAÚJO
FRANCISCO QUARTIER
GENTIL FERRAZ
GURMECINDO MARIANO
JAYME BARROSO

JOÃO TIBIRIÇÁ
JOÃO URBANO DE AGUIAR
JORGE ASSUMPÇÃO
JOSÉ A. DE TOLEDO FILHO
JOSÉ MARIA DE AZEVEDO
JOSÉ WHATELY
LUIZ TOLEDO
MILTON BRESSANE
MILTON PINTO COELHO
NAPOLEÃO JOSÉ LEITE
NAUL ROCHA FIUZA
ORLANO SIQUEIRA TIANI
RUY MENDES DE OLIVEIRA

Assistência Religiosa

2 voluntários

Padre FRANCISCO NINO PASSOS

Cônego ALBERTO BACELE

Sargentos, Cabos e Soldados

598 voluntários

A. AROUCHE TOLEDO
A. DE BARROS MOTTA
ACÁCIO FERNANDO
ADALBERTO GARCIA FILHO
ADAUCTO MARTINEZ
ADHEMAR MARTINEZ
ADHEMAR RIBEIRO
ADOLPHO MELLO JÚNIOR
AFFONSO CELSO GARCIA SOBRINHO
AGNALDO AUGUSTO PINTO
AGOSTINHO OLIVEIRA
AJASCIO MAIA COUTINHO
ALBERTO ARANTES
ALBERTO GUIMARÃES
ALBERTO PORTUGAL GOMES
ALBERTO ROSSI
ALBERTO SILVA AZEVEDO
ALCESTE SCHROECKER
ALCEU NASCIMENTO
ALCIDES DUARTE GOMES SILVA
ALDO DE AGUIAR
ALDO CÁSSIO V. FERNANDES
ALDO HERNANDEZ
ALDO LODI
ALEXANDRE BARBOUX
ALEXANDRE J. MIRANDA
ALFREDO LAZARESCHI
ALFREDO MONTEIRO DA SILVA
ALFREDO PACHECO JÚNIOR
ALÍPIO CHAVES NUNES
ALMIRO ESTEVES
ALONSO FERREIRA DE CAMARGO
ALUÍZIO R. MENDONÇA
ÁLVARO ARMBRUST
ÁLVARO RUDGE
ALVINAR CASTRO COTTI
ANANIAS RIBERO
ANDRÉ SANTOS
ÂNGELO MATHEUS
ÂNGELO ROSSI
ANSELMO RORELLI
ANTENOR FRANCISCO
ANTÔNIO ALGODOAL SAMPAIO
ANTÔNIO DE ALMEIDA FILHO
ANTÔNIO AZEVEDO
ANTÔNIO C. CASTRO
ANTÔNIO DE CAMARGO
ANTÔNIO CARDONA
ANTÔNIO CARDOSO DE ALMEIDA

JORGE TIBIRIÇA
JOSÉ ALOIZIO B. DA FONSECA
JOSÉ DE ALMEIDA CAMARGO
JOSÉ ALTEN FELDER JÚNIOR
JOSÉ ALBIN
JOSÉ ANTÔNIO CANUTO
JOSÉ ANTÔNIO CARUSO
JOSÉ ANTÔNIO MATTOS
JOSÉ ARMANDO TELLES
JOSÉ DE ASSIS PACHECO
JOSÉ BARBOSA PASSOS
JOSÉ BARCELLOS
JOSÉ BARROS AMARAL
JOSÉ BARROS DE CAMARGO
JOSÉ BENEDICTO DOS SANTOS
JOSÉ BENTO PEREIRA DE SOUZA
JOSÉ BONIFÁCIO C. SAMPAIO
JOSÉ BORGES VIEIRA
JOSÉ CARLOS AUGUSTO AMARAL
JOSÉ CARVALHO
JOSÉ DE CASTILHO
JOSÉ CHRISTINO DE MELLO
JOSÉ COLLAÇO DE CARVALHO VERAS
JOSÉ COSTA PINTO
JOSÉ DAVID FONSECA
JOSÉ DAVID JORGE
JOSÉ DOURADO
JOSÉ DIAS SILVEIRA
JOSÉ EDUARDO DE OLIVEIRA BARROS
JOSÉ EUGÊNIO REZENDO
JOSÉ F. SANTOS
JOSÉ FERNANDES MORENO
JOSÉ FERRAZ
JOSÉ FLEURY SILVEIRA
JOSÉ GARCIA BARBOSA
JOSÉ GODOY
JOSÉ GUILHERME WHITAKER
JOSÉ IGNÁCIO LOBO
JOSÉ JERONYMO VASCONCELOS
JOSÉ JUNQUEIRA FRANCO
JOSÉ LEMOS FREITAS
JOSÉ LORIGGIO
JOSÉ M. B. MELLO
JOSÉ MARIO REIS
JOSÉ MATHEUS
JOSÉ MENDONÇA BARROS
JOSÉ MENDES
JOSÉ DE MORAES
JOSÉ MOYSES DEAB

ANTÔNIO CARLOS CAMPOS SALLES
ANTÔNIO CARLOS CRESPO DE CASTRO
ANTÔNIO CARVALHO
ANTÔNIO ELEUTÉRIO
ANTÔNIO GHIRLANDO
ANTÔNIO GONÇALVES
ANTÔNIO LAFALDE
ANTÔNIO LUCIANO NETO
ANTÔNIO LUTÉRIO
ANTÔNIO M. DE OLIVEIRA
ANTÔNIO MENDONÇA BARROS
ANTÔNIO MERCADO JÚNIOR
ANTÔNIO SALLES
ANTÔNIO SILVEIRA MACHADO
ANTÔNIO VAMPRÉ
ANAUAR CURI
AQUINO RODRIGUES
ARALDO PENNA RAMOS
ARGEMIRO ALVES SILVESTRE
ARISTEU MARCONDES MOURA
ARMANDO MENDONÇA
ARMANDO NOSCHESÉ
ARMANDO PEREIRA
ARMANDO RIOS
ARMANDO ZENESSE
ARNALDO AZEVEDO SILVA
ARNALDO OCTÁVIO NEBIAS
ARNALDO PEDROSO
ARNALDO SERRONI
ARNALDO ZENESI
ARTHUR GRECCO
ARI CARNEIRO FERNANES
ARY N. CASTRO
ATALIBA DE SOUZA PINTO
ATUGASMIN MÉDICI FILHO
AUGUSTO DE SOUZA QUEIROZ
AURELIANO C. NASCIMENTO
AURÉLIO ESTIEVAM
AUREO DE ALMEIDA CAMARGO
AULUS PLAUTUS COELHO PEREIRA
AZOR MONTENEGRO

BATHOLOMEU BUENO DE MIRANDA
BENEDICTO DE ALMEIDA SANTOS
BENEDICTO CORREA SAMPAIO
BENEDICTO MARCONES
BENEDICTO U. ALVARENGA
BENJAMIN SOARES
BENTO J. CARVALHO JÚNIOR
BENTO LUIZ DE Q. TELLES
BERNARDO F. VIANNA
BERNARDO MEYER JÚNIOR
BIANOR JOSÉ CAMPOS

JOSÉ NASCIMENTO
JOSÉ NORBERTO FONSECA JUNIOR
JOSÉ PAIVA DUTRA
JOSÉ PAULA MACHADO
JOSÉ E PAULA CRUZ
JOSÉ PENTEADO SALLES
JOSÉ PESTANA FILHO
JOSÉ PIMENTEL PINTO
JOSÉ PIRAJA
JOSÉ RIBEIRO MIRANDA
JOSÉ RIOS CASTRO
JOSÉ RODRIGUES ARRUDA
JOSÉ RODRIGUES SILVA
JOSÉ SOUZA PIRAJÁ
JOSÉ TAVARES LIBANIO
JOSÉ THOMAZ SAYÃO
JOSÉ VIRGÍLIO RAMOS
JOSÉ VITA JÚNIOR
JÚLIO BONFIN PONTES
JÚLIO PRADO LACRETA
JÚLIO SANTORO
JUSTINO FREITAS JÚNIOR
JUVÊNCIO BERNARDELLI

L. PIRES FERRAS
LAURINDO MINHOTO JÚNIOR
LAURO BEZERRA
LAURO AMARAL CAMPOS
LAURO CERQUEIRA CÉSAR
LAURO BARROS PENTEADO
LICIO MARCONDES AMARAL
LINCOLN LONER
LIVIO COSTA ANDRADE
LUCIANO NOGUEIRA FILHO
LÚCIO CASANOVA
LUIZ ÁVILA MACEDO
LUIZ DE CAMPOS
LUIZ CARLO B. JUNIOR
LUIZ DIAS DA SILVA
LUIZ E. BARRETO
LUIZ E. RIBEIRO MENDONÇA
LUIZ FERREIRA GOES
LUIZ FONTES ROMEIRO
LUIZ FRANCO E ABREU
LUIZ LEITE
LUIZ DE LORENZI
LUIZ MORATO PROENÇA
LUIZ NOGUEIRA FILHO
LUIZ PRESTES CÉSAR
LUIZ R. MENDONÇA
LUIZ SALES
LUIZ SODRÉ
LUIZ DE SOUZA

BRUNO MELLO TEIXEIRA

C. RIOS DE CASTRO
CAIO DE ALMEIDA
CAIO CARNEIRO
CAIO RIBEIRO DE MORAES E SILVA
CÂNDIDO PAES DE BARROS
CARLOS ADHEMAR DE CAMPOS
CARLOS DE ARAÚJO
CARLOS AUGUSTO DE SOUZA JORDÃO
CARLOS DE CAMPOS PAGLIUCHI
CARLOS CAMARGO
CARLOS EDUARDO DE CAMPOS
CARLOS LARA CAMPOS
CARLOS ROMEO
CARLOS VIRGÍLIO SAVOY
CAROLINO A. AMARAL
CAMILLO QUEIROZ MORAES
CASIMIRO P. NETO
CASSIANO MARCONDES RANGEL
CÁSSIO BORGES
CÁSSIO M. C. PENTEADO
CÁSSIO PAES DE BARROS
CÁSSIO RIBEIRO DA SILVA
CAYRÚ TEIXEIRA
CELSO BRANDÃO
CELSO FIGUEIREDO
CELSO M. SALLES
CELSO DE MORAES ALVES LIMA
CELSO PAGLIUCA
CÉSAR PENNA RAMOS
CÍCERO JUNQUEIRA
CID PINTO
CESAR CLAUDINO AMARAL
CLEOFANO LOPES OLIVEIRA
CLINEU BRAGA DE MAGALHÃES
CLÓVIS DE AZEVEDO
CURT WILDE
CYRO PASSOS
CYRO SAVOY
CYRO RIBEIRO MARX
CYRO DE SOUZA E SILVA

DAGOBERTO SALLES FILHO
DALSTEN EPIGHAUS
DARCY RIBAS
DARIO DI NAPOLI
DÉCIO FLEXA
DÉCIO SILVA
DELPHINO DE ULHOA CINTRA
DEODORO LOPES DIAS RABELLO
DJALMA FORJAZ JUNIOR
DJALMA P. CAMARGO BITTENCOURT

MANOEL BRANDÃO
MANOEL CASTRO MONTEIRO NEVES
MANOEL COSTA LEITE
MANOEL DIAS TOLEDO
MANOEL GANDARA MENDES
MANOEL GUIMARÃES DIAS
MANOEL JOSÉ M. BARROS NETO
MANOEL MAURÍCIO CORREA
MANOEL OCTÁVIO CARDOSO
MANOEL P. LIMAS
MARCELLO RIBEIRO DOS SANTOS
MARCIO F. A. LIMA
MÁRIO ANGELO CAPOCHI
MÁRIO CARNEIRO CUNHA
MÁRIO CINTRA LEITE
MÁRIO FARIA JORDÃO
MÁRIO GOULART
MÁRIO JUNQUEIRA
MÁRIO LIMA
MÁRIO MESSIAS
MÁRIO PORTO
MÁRIO VASALO
MÁRIO VALGEKI
MÁRIO VIEIRA DA CUNHA
MATHEUS CONSCIENTINO
MAURÍCIO DO AMARAL
MAURO AGUIAR
MAURO TOLEZO PIZA
MAXIMO PUGLISI
MILTON GRELLET
MILTON LODI
MILTON LOURENÇO OLIVEIRA
MILTON NORONHA
MILTON QUEIROZ MORAES
MILTON SOARES CAMPOS
MIRKO RODRIGUES
MIRO LEONEL MOYSES SILVA
MUCIO CAMPOS MAIA

NAUL N. NOGUEIRA
NELSON BARBOSA
NELSON OSÓRIO FRANCO
NELSON PLANET
NELSON SILVEIRA
NELSON TOLEDO FILHO
NELSON URIOSTE
NEWTON FERRAZ
NILO PORTO
NOEMIO DE OLIVEIRA COSTA

O. LUIZ PEREIRA
OCTACILIO BANDEIRA

DJALMA W. LIMA
DOMINGOS BOCUTI
DURVAL CARVALHO
DURVAL PREITAS ROCHA
DURVALINO VIEIRA

EDER ACORSI
EDGARD ALENCAR MARQUES
EDGARD ROSO
EDMUNDO MENDONÇA
EDMUNDO NAVAJAS
EDUARDO MESQUITA SAMPAIO
EDUARDO PACE
EDUARDO QUEIROZ TELLES
EDUARDO SOUZA QUEIROZ
ÉLCIO PIMENTEL DE MELLO
EMILE ZOLA P. MENDES
EMILIANO BRITO
EMILIANO DE TOLEDO SOARES
EMÍLIO LAMBERTI
EPAMINONDAS VALLE
ERNANI COELHO
ERNANI LACERDA DE OLIVEIRA
ERNESTO PUJOL FILHO
ESMERALDO A. DE SOUZA
ESTANISLAU BIONDI
ESTAFANO BARBATO
ESTEVALDO MARTINEZ
EUCLYDES FERREIRA
EULÁLIO BARRTEO
EURICO DE OLIVEIRA MAIA
EVARISTO TEIXEIRA PINTO
EVERALDO R. MELLO

FÁBIO OLIVEIRA BARROS
FABRÍCIO VAMPRE
FARID CHED
FAUSTO CHAVES
FAUSTO R. BARROS
FAUSTO TOLEDO
FELICIANO CORREA
FELÍCIO CINTRA DO PRADO
FELIPE ACHE JÚNIOR
FELIPE NETO
FERNANDO ARRUDA
FERNANDO MÉDICI
FERNANDO MESQUITA SAMPAIO
FLÁVIO BITTENCOURT
FLÁVIO MARGARIDO DA SILVA
FORTUNATO MAZZA
FORTUNATO TONELI
FRANCISCO LACAZ NETO
FRANCISCO ARANTES

OCTACILIO COSTA MAIA
OCTÁVIO ALBUQUERQUE
OCTÁVIO ANTENOR
OCTÁVIO CAMARGO LIMA
OCTÁVIO JUNQUEIRA NETO
OCTÁVIO QUEIROZ MATOSO
OCTÁVIO S. PORTO
OCTÁVIO SEPPI
ODAIR LOBO
ODILON SILVEIRA
ODORINO MENIN
OLAVO LEONEL DE BARROS
OLAVO PINTO MORAES
OLAVO ROLIM THURY
OLEGÁRIO FERNANES DE SOUZA
OLEGÁRIO SANTOS
OMAR SAMPAIO DORIA
OMAR V. DE CAMARGO BITTENCOURT
ORESTES A. GUIMARÃES
ORESTES MORAES ALVES FILHO
ORESTES PIZA TOLEDO SILVA
ORLANDO SANTORO
ORLANDO SANTOS
ORLANO W. LONGO
OSCAR PEREIRA ARAUJO
OSCAR SIQUEIRA
OSCAR THOMPSON FILHO
OSIAS SAMPAIO
OSNY SILVEIRA
OSORIO ELENO
OSWALDO BENEDICTO DA CONCEIÇÃO
OSWALDO CAMARGO LIMA
OSWALDO GODOY
OSWALDO JOSÉ DE OLIVEIRA
OSWALDO MARRONE
OSWALDO MORA DE FREITAS
OSWALDO NUNES
OSWALDO PIRES DA MOTA
OSWALDO RODRIGUES
OSWALDO UNTI

PAULO DE ARAÚJO
PAULO AUGUSTO AMARAL
PAULO BASTOS CRUZ
PAULO BIFANO ALVES
PAULO DE CAMPOS
PAULO CERQUEIRA
PAULO FREDERICO HUMMELL
PAULO FREIRE DE M. BARRETO
PAULO GORDO
PAULO J. MACHADO
PAULO MATTOS
PAULO MESQUITA

FRANCISCO ARISTODEMO
FRANCISCO CARLOS DOS SANTOS
FRANCISCO COSTA
FRANCISCO DIAS CÉSAR
FRANCISCO EMIGDIO P. NETO
FRANCISCO GIMENEZ
FRANCISCO JOSÉ DA NOVA
FRANCISCO JÚLIO SALGADO
FRANCISCO DAS NEVES
FRANCISCO DE PAULA M. DE CAMPOS
FRANCISCO PILAR MATTOS
FRANCISCO PUJOL
FRANCISCO QUIRINO DOS SANTOS
FRANCISCO R. OLIVEIRA
FRANCISCO R. ROSAS
FRANCISCO RIBEIRO DA SILVA
FRANCISCO DOS SANTOS NETO
FRANCISCO SERRONI
FRANCISCO T. MACHADO
FRANCISCO VASCONCELLOS
FRANCISCO XIMENES
FRANKLIN PIZA JÚNIOR
FREDERICO ELIAS OLSTEL

GERALDO MENDONÇA BASTOS
GERALDO SIQUEIRA
GILBERTO NOGUEIRA
GIORDANO BANZATTO
GUILHERME AMARAL LYRA
GUILHERME CAVALCANTI
GURMECINDO CINTRA
GURMECINDO PONTES ALVES

HELI FRANCH
HENRIQUE BASTOS FILHO
HENRIQUE FAGUNDES JÚNIOR
HENRIQUE OLAVO COSTA
HENRIQUE PAMPLONA M. FILHO
HERMES O. CÉSAR
HOMERO SOUZA NERY
HONÓRIO P. LEITE
HONÓRIO PIRES DE OLIVEIRA
HORÁCIO PAULA LEITE
HUGO JOÃO SOLLER
HUGO MALHEIROS
HUGO STERMAN

IBRAHIM NASCIMENTO
ISMAEL CAMPOS NAVARRO
ISMAEL COUTO CAYUBI
ISRAEL CAMPOS NAVARRO
IVANCO GUIMARÃES
IVENS VIEIRA

PAULO MUNIZ CAMPELLO
PAULO PIZA DE SOUZA
PAULO TOLEDO
PAULO VAMPRÉ
PAULO VIEIRA
PAULO VIDIGAL VICENTE DE AZEVEDO
PAULO W. DULLEY
PAULUS AULUS POMPEIA
PEDRO ELIAS ROQUIELLI
PEDRO PAULO CORREA
PERGENTINO GOMES
PERSIO CARRILHO
PHILOMENO COSTA
PLÍNIO BARRETO
PLÍNIO LACERDA DE OLIVEIRA
PLÍNIO RAMOS
PLÍNIO RIBEIRO DA SILVA
PRUDENTE CLAUZET

RAPHAEL GIORGI
RAPHAEL RIBEIRO DA SILVA
RAUL ALVIM
RAUL BOLIGER
RAUL REBOUÇAS SOARES
RAUL SOARES DE MELLO
RENATO PRADO
RENATO RIOS CASTRO
RENATO SOARES DE TOLEDO
RENATO TAGLIANETTI
RENATO TOLEDO
RENÉ MENDES DE OLIVEIRA
RICARDO M. GONÇALVES
RICARDO MARGHERITA
RICARDO DE SOUZA FILHO
RINO ANTONIO CERA
ROBERTO BOVE
ROBERTO DI LORENZI
RODOLPHO VALGEKI
ROGERIO TOLEDO
ROLAND VON OHEL MARTIN
ROMEO AZEVEDO OLIVEIRA
ROMEO BONINA
ROQUE S. FERRARI
RUBENS F. TOLEDO ARRUMA
RUBENS MORAES ALVES DE LIMA
RUY ARMANDO
RUY BARBOSA DE ALMEIDA
RUY FERRREIRA DA ROCHA
RUY FONSECA
RUY DE LIMA CASTRO

SALIM HELOU
SALVADOR CAMARGO

J. A. JESUÍNO DOS SANTOS
J. ALVES ALMEIDA FEO
J. PENNA MALTA
J. S. FERRARI
JADER ALVES LIMA
JANUÁRIO DEL MONACO
JANUÁRIO MOZZA
JAYME LOUREIRO FILHO
JAYRO LOUREIRO
JOÃO A. OLIVEIRA NETO
JOÃO ALBUQUERQUE CARVALHO
JOÃO ALMEIDA PRADO
JOÃO ANTUNES DE OLIVEIRA
JOÃO B. M. TOLOSA
JOÃO BAPTISTA FLEURY
JOÃO BAPTISTA LEITE
JOÃO E. TTHAYDE MARCONDES
JOÃO GARCIA
JOÃO GONÇALVES BICUDO
JOÃO GUZZO FILHO
JOÃO JOSÉ MOREIRA
JOÃO LAGO
JOÃO LUSO FILHO
JOÃO MONTEIRO
JOÃO OCTÁVIO NEBIAS
JOÃO PASSOS MAIA
JOÃO PEDRO GONÇALVES SILVA
JOÃO PENIDO SALLES
JOÃO ROMÃO DA SILVA
JOÃO RUY CANTEIRO
JOÃO VELLOSO ANDRADE
JOAQUIM BARBOSA SANTOS
JOAQUIM MIRANDA
JOAQUIM MORA DE FREITAS
JOAQUIM OCTÁVIO NEBIAS
JOAQUIM WALTER DOS SANTOS
JORDÃO PRESTES DE FREITAS
JORGE ALAYON
JORGE CINTRA
JORGE COURY
JORGE F. TOLEDO
JORGE FONSECA JUNIOR
JORGE HERMANN
JORGE JUNQUEIRA PENTEADO
JORGE LIMA DE MORAES
JORGE MELLO

SALVADOR DA SILVA
SEBASTIÃO BARROS MARTINS
SEBASTIÃO CRUVINEL
SEBASTIÃO FLEURY SILVEIRA
SEBASTIÃO FLORIDO
SEBASTIÃO JOSÉ OS PASSOS
SEBASTIÃO PORTUGAL GOUVEA
SENESIO CERRONE
SERAFIM LEONE
SERVOLO POMPEO TOLEO
SÍLVIO BECKER
SÍLVIO DIAS REBELO
SÍLVIO M. CAMARGO
SÍLVIO PASSOS MAIA
SÍLVIO PEDROSA
SÍLVIO RAMOS MAIA
SIMÃO DE OLIVEIRA LIMA
SINESIO DE OLIVEIRA

TACITO DE SOUZA
THEOPHILO DE ALMEIDA SÁ
THOMAZ A. WHATELY
THOMAZ NUNES DA FONSECA
UBALDO COSTA LEITE
UBIRAJARA P. FERREIRA
ULPIANO PINTO DE SOUZA
ULYSSES PAES DE BARROS
VICENTE CAMARGO MARQUES
VICENTE CERQUEIRA CESAR
VICENTE GRECCO
VICENTE M. FREITAS NETO
VICENTE MOURA
VICENTE DE OLIVEIRA
VICENTE TOLENTINO
VICTOR DIAS SILVEIRA
VICTORINO GONÇALVES
VICTORINO VENTURI

WALDEMAR FERRAZ
WALDEMAR GERALDINI
WALDEMAR MARCONDES SALGADO
WALDOMIRO ALAMBERT
WALDOMIRO FONSECA
WALDOMIRO LOPES
WALTER MERIGO
WALTER PENTEADO LORENZ

YELMO RIBEIRO DOS SANTOS





**Sustentae o Fogo
que a Victória é nossa!**